

A mulher de trinta anos

Honoré de Balzac

INTRODUÇÃO

A mulher de trinta anos é, sem contestação, o livro mais famoso de Balzac. Muitos leitores não lhe conhecem senão este único romance. Pessoas que não lhe leram uma página sequer associam automaticamente esse título a seu nome. No Brasil, como em muitos outros países, a “idade balzaquiana” tornou-se expressão consagrada até nos meios incultos, e outro dia vimos “Seu Balzac” e “a mulher de trinta anos” aparecerem juntos em letra da marchinha popular.

O êxito descomunal do título e do livro levou um discípulo de Balzac, Charles Bernard, a escrever um romance sobre *A mulher de quarenta anos*, e o próprio Balzac o explorou, publicando em 1846 *A mulher de sessenta anos*, episódio que mais tarde entrou a fazer parte do *Avesso da história contemporânea*.

Quem começasse a leitura de Balzac por *A mulher de trinta anos* ficaria desapontado. Esse conjunto de seis episódios disparatados, mal reunidos entre si e rematados por uma conclusão melodramática, é mais apropriado a enfastiar o leitor do que a fazê-lo procurar outras obras do romancista. Acontecimentos insuficientemente explicados, incompreensíveis modificações de caráter de um capítulo para outro, frequentes contradições no enredo como na psicologia das personagens, tudo isto não contribui para a impressão de uma grande obra e poderia facilmente esfriar um entusiasmo incipiente.

Para prevenir tal desapontamento, como também para fazer compreender o motivo das imperfeições em apreço, parece-nos indispensável lembrar pelo menos os dados principais da acidentada história dos originais de *A mulher de*

trinta anos.

O romance, em sua forma atual, compõe-se de seis episódios:

- i. Primeiros erros
- ii. Sofrimentos desconhecidos
- iii. Aos trinta anos
- iv. O dedo de Deus
- v. Os dois encontros
- vi. A velhice de uma mãe culpada.

Por mais estranho que pareça, esses episódios formavam primitivamente outros tantos contos separados, com personagens diferentes; nem sequer foram escritos e publicados em sua ordem atual.

Num espaço de ano e meio, entre novembro de 1830 e abril de 1832, em diversas revistas de Paris saíram quatro desses contos na seguinte ordem: *Os dois encontros*; *A entrevista*; *O dedo de Deus*; *A mulher de trinta anos*, que correspondem às seguintes partes do romance atual:

Os dois encontros, aos dois primeiros capítulos do episódio v;

A entrevista, ao episódio i;

O dedo de Deus, ao primeiro capítulo do episódio iv;

A mulher de trinta anos, ao episódio iii.

Em 1832, Balzac publica-os em volume no tomo iv da 2ª edição das *Cenas da vida privada* na seguinte ordem: *A entrevista*; *A mulher de trinta anos*; *O dedo de Deus*; *Os dois encontros*, aumentando este último de dois capítulos, o primeiro dos quais corresponde ao terceiro capítulo do atual episódio v, e o segundo ao único capítulo do atual episódio vi.

Todos esses contos, note-se bem, mesmo depois de reunidos assim, num volume, continuavam a ser “cenas” independentes, cada uma com suas personagens e seu enredo mais ou menos completo. O único traço comum que

havia entre elas era o fato de terem por protagonista uma mulher desiludida. Isto bastou para o editor sugerir a Balzac — segundo uma nota apensa à edição — a reunião numa só narrativa daqueles contos tão heterogêneos. O autor recusou-se a atender a essa sugestão, mas não se opôs à publicação da nota, dando assim a cada leitor “a liberdade de interpretar a obra a seu talante”, isto é, de supor ou não a identidade da heroína.

Dois anos depois, na nova edição das *Cenas da vida privada*, Balzac ainda manteve a separação das narrativas, acrescentando mais dois fragmentos: *Sufrimentos desconhecidos* — o atual episódio ii — e *O vale da torrente* — segundo capítulo do atual episódio v —, subordinando, porém, todas as partes ao título único de *Mesma história* e introduzindo algumas modificações de pequena monta, destinadas evidentemente a preparar uma fusão ulterior mais completa dos episódios. Acerca da significação do novo título encontra-se uma indicação interessante num livrinho de anotações do próprio Balzac, onde se lê: “Um livro, intitulado *Mesma história*, composto de fragmentos destacados, aparentemente sem pé nem cabeça, mas que tem um sentido lógico e secreto”. Era uma ideia bastante curiosa, e se o autor se lhe tivesse mantido fiel, teríamos agora, em vez de um romance bastante imperfeito, uma coletânea de contos pelo menos singular e enigmática.

Uma circunstância difícil de ser eliminada obstava, aliás, a que a fusão pudesse ser perfeita. A primeira cena, por estar ligada à última revista de Napoleão, tinha uma data inalterável: 1813. Os acontecimentos relatados nos diversos episódios abrangiam um total de 31 anos. Portanto o romance só podia acabar em 1844.

Contudo, já em 1842, na primeira edição de conjunto da *Comédia humana*, os seis episódios aparecem reunidos num romance único, *A mulher de trinta anos*. As personagens foram fundidas, a ação unificada. Continuava, porém, a subsistir a contradição interna quanto à cronologia. É verdade que na reedição seguinte, feita em 1844, o autor reportou a data do último episódio a esse mesmo ano. Mas, como mostraremos nas notas, nem por isso as contradições cronológicas desapareceram totalmente. Mais grave ainda é a falta de uma

unidade essencial, íntima. O caráter das personagens sofre, de um episódio para outro, alterações bruscas e inexplicadas. Assim o marquês d'Aiglemont, que no início é apresentado como um homem obtuso e tolo, incapaz de sentimentos finos e de apreciar a esposa, no primeiro capítulo do episódio v aparece simpático e nitidamente superior a ela; depois, no capítulo a seguir, torna-se uma figura indiferente. A própria marquesa d'Aiglemont, com ares de vítima nos dois primeiros episódios, passa, do terceiro em diante, a expiar pessoalmente e até em seus descendentes um adultério que nem ela — em virtude da psicologia de que é dotada pelo romancista — nem o leitor — em consequência da impressão ridícula e odiosa que teve acerca do marido — podem considerar um verdadeiro crime. É inexato o próprio título *A mulher de trinta anos*, pois a heroína só aparece com essa idade num dos seis episódios; por outro lado, se ela cede às insistências de Carlos de Vandenesse, não é por haver chegado a essa idade, mas sim por haver sofrido muito em consequência de um casamento inadequado e, sobretudo, do desastre puramente fortuito em que perdeu o homem que a amava de uma paixão ideal.

Há outros sinais de soldadura imperfeita. O escritor que, ao longo de todo o romance, observa a atitude convencional de um narrador onisciente, nas poucas páginas do capítulo i da quarta parte passa de repente para o primeiro plano como testemunha direta da cena contada, o que põe em xeque a credibilidade do resto da história, ao que ele não pode ter assistido.

De maneira estranha, no começo de cada uma das seis partes do romance encontramos em cena o casal de protagonistas sem que sejam identificados — provavelmente para que depois a surpresa dos leitores seja maior. Mas, logo depois de defrontar-se pela segunda vez com o estratagema, o leitor desvenda-o, e o seu interesse diminui em vez de aumentar.

É também de romancista novato o modo por que aparecem a nossos olhos diversos filhos da sra. d'Aiglemont, cuja existência ignorávamos. Surgem apenas para caírem vítimas de alguma catástrofe. Os ódios que os separam não são desenvolvidos a nossos olhos; são apenas comunicados no momento em que vemos desaparecer esses figurantes passivos.

Outra quebra da unidade é devida a um compromisso ideológico. As teorias verdadeiramente revolucionárias que o livro enceta acerca do destino da mulher na sociedade e, em particular, dentro do casamento, são expostas não pelo autor, mas pela sra. d'Aiglemont. Sente-se, pela veemência do tom, que o romancista, nesse pormenor, partilha as teorias da personagem; mas quando passa a falar em seu próprio nome, lembra-se de que é um partidário do trono e do altar e atribui à falta de religiosidade da protagonista desgraças que, segundo ele próprio o demonstra, decorrem da imperfeição das instituições.

“Vê-se que Balzac”, afirma Seillière, “procura manter-se imparcial entre a moral racional e o misticismo romântico da paixão, para contentar as diversas aspirações de seus leitores.”

Mais ainda do que essa desarmonia, choca o desfecho da história pela introdução violenta de uma série de *dei ex machina*, tais como o aparecimento de um assassino, a fuga da moça com um homem que vê pela primeira vez, uma aventura de piratas etc., elementos que revelam a influência persistente da sublitteratura terrífica dos romancistas ingleses Lewis, Maturin e Radcliffe, tão forte na fase anterior *À Comédia humana*. Já na edição de 1834, Balzac tinha de se defender contra as censuras da crítica à fuga inexplicável da filha da sra. d'Aiglemont. Em março de 1843, ele mesmo reconhece, numa carta à condessa Hanska, que *O capitão parisiense* (segundo capítulo do episódio v) “deveria ser refeito do princípio ao fim”, pois assim como está é um melodrama indigno dele. Mas a multidão de outros compromissos, novos livros, viagens, não lhe permitiram mais levar a efeito essa intenção. Mesmo que a tivesse realizado, o romance não teria melhorado substancialmente, pois seus defeitos são todos congênitos.

Na realidade, não pode haver melhor prova da diferença essencial entre romance e conto do que *A mulher de trinta anos*; vê-se por aí uma série de contos que, por mais que o autor se esforce, não pode ser transformada num romance.

Como foi então que um livro com imperfeições tão evidentes pôde não só se tornar famoso, como também eclipsar outras obras, muito superiores, de seu

autor? Embora falhado como romance, *A mulher de trinta anos*, sobretudo nos episódios ii e iii, contém estudos de psicologia feminina de extrema agudeza. Zulma Carraud, a fiel amiga de Balzac, ao ler *Mesma história*, escreveu com razão numa dessas cartas que o romancista apreciava tanto: “Você tem uma inteligência do coração da mulher que nunca foi dada a nenhum outro homem... Ainda há algumas misérias deste pobre sexo que lhe escaparam, mas, decerto, nunca um homem conseguiu entrar mais fundo na existência delas...”.

Vários críticos procuraram, aliás, justificar as falhas inegáveis do romance. Assim, João Gaspar Simões admite a arbitrariedade da composição e a própria inverossimilhança de certos lances, mas pensa “que a história contada por Balzac nem por isso é menos verdadeira; ele apenas não no-la soube contar com a pormenorização devida. Quero dizer: a verdade do romance é indiscutível; só é discutível a perfeição da sua narrativa”.

Em Júlia d’Aiglemont temos o primeiro grande retrato — seguido depois por tantos outros — da mulher malcasada, consciente da razão de seus sofrimentos e revoltada contra a instituição imperfeita do matrimônio. *A mulher de trinta anos* constitui uma etapa na história da emancipação feminina. A infeliz heroína de Balzac (antes de perder de maneira tão lamentável a sua personalidade a partir do episódio iv) levanta vários problemas transcendentais da vida amorosa e sentimental de seu sexo. Revela-nos os sofrimentos da mulher incompreendida que não encontrou no casamento a realização de seus sonhos; os conflitos senão com as leis, pelo menos com os costumes a que ela fatalmente é levada; a diferença trágica entre a maternidade da carne e a do coração. Sem pronunciar a palavra, ela é indiscutivelmente uma campeã do divórcio.

No seu romance, Balzac teve o mérito de ser um dos primeiros a focalizar os dramas decorrentes da incompatibilidade dos cônjuges. Ainda maior repercussão tiveram os elogios que ele dispensou às mulheres de trinta anos, idade que considerava “o ápice da vida amorosa da mulher”. Talvez haja algum exagero, mas haverá também muita verdade numa afirmação de Gabriel Hanotaux e Georges Vicaire, os dois eruditos que numa obra comum contaram a história secreta da paixão do jovem Balzac pela sra. de Berny, bem mais idosa que ele e

de quem o romancista devia lembrar-se ao exaltar as mulheres maduras nesta obra e em várias outras.

“Balzac prestou às mulheres um serviço imenso, que elas nunca lhe poderão agradecer suficientemente, pois duplicou para elas a idade do amor. Antes dele, todas as namoradas de romance tinham vinte anos. Ele prolongou até aos trinta, até aos quarenta anos sua vida ativa, pleiteando, em seu favor, a causa da natureza, da verdade. Curou o amor do preconceito da mocidade... Multiplicou, se não a alegria humana, pelo menos a consciência desta alegria.”

A MULHER DE TRINTA ANOS

PRIMEIRA PARTE

PRIMEIROS ERROS

I – A JOVEM

No começo do mês de abril de 1813, houve um domingo cuja manhã prometia um desses belos dias em que os parisienses, pela primeira vez no ano, veem as calçadas sem lama e o céu sem nuvens. Antes do meio-dia, um cabriolé, atrelado por dois fogosos cavalos, desembocou na rue de Rivoli pela rue Castiglione, e

parou atrás de diversas equipagens estacionadas junto à grade recentemente aberta no meio do terraço dos Feuillants. Esse ligeiro carro era conduzido por um homem de aparência preocupada e doentia; cabelos grisalhos mal cobriam seu crânio amarelo e o tornavam precocemente velho. O homem atirou as rédeas ao laçao a cavalo que seguia o carro, e desceu para tomar nos braços uma jovem cuja beleza frágil atraiu a atenção dos ociosos em passeio pelo terraço. A rapariguinha deixou-se complacentemente estreitar pela cintura quando ficou de pé no estribo da carruagem e passou os braços em torno do pescoço de seu guia, que a colocou na calçada sem amarrotar a guarnição do seu vestido de repes verde. Um amante não teria tido tanto cuidado. O desconhecido devia ser o pai daquela menina que, sem agradecer, tomou-lhe familiarmente o braço e arrastou-o bruscamente para o jardim. O velho pai observou os olhares maravilhados de alguns rapazes, e a tristeza impressa em seu rosto desvaneceu-se por um momento. Embora há muito tempo ele já houvesse chegado à idade em que os homens se devam contentar com os enganadores prazeres que dá a vaidade, pôs-se a sorrir:

— Pensam que és minha esposa — disse ao ouvido da jovem, erguendo-se e andando com uma lentidão que a desesperou.

Parecia ter orgulho da filha, e gozava talvez mais do que ela com as olhadelas que os curiosos lançavam aos seus pezinhos calçados de borzeguins de pano acastanhado, a um corpo delicioso desenhado por um vestido de cabeção e ao delicado pescoço que uma gola bordada não ocultava inteiramente. Os movimentos do andar erguiam, por instantes, o vestido da moça e permitiam ver, acima dos borzeguins, o roliço de uma perna finamente modelada por uma meia de seda bordada. Por isso, mais de um transeunte passou à frente do casal para admirar ou tornar a ver o rosto jovem em torno do qual brincavam alguns rolos de cabelos castanhos, e cuja brancura e rosado eram realçados tanto pelos reflexos do cetim rosa que forrava seu elegante chapéu quanto pelo desejo e pela impaciência que cintilavam em todos os traços da linda criatura. Uma suave malícia animava seus lindos olhos negros, em forma de amêndoa, encimadas por sobrancelhas bem arqueadas, bordadas por longos cílios e que nadavam num

fluido puro. A vida e a juventude ostentavam seus tesouros naquela fisionomia viva e num busto ainda gracioso apesar da cintura colocada então sob o seio. Insensível às homenagens, a rapariga olhava com uma espécie de ansiedade o castelo das Tulherias, sem dúvida o objetivo de seu petulante passeio. Faltavam quinze minutos para meio-dia. Por matinal que fosse a hora, diversas mulheres, todas querendo mostrar-se em *toilette*, regressavam do castelo, não sem voltarem a cabeça com ar de enfado, como se se arrependessem de ter vindo muito tarde para gozar de um espetáculo desejado. Algumas palavras escapadas ao mau humor dessas lindas passeantes desapontadas, e apanhadas no ar pela bela desconhecida, haviam-na inquietado singularmente. O velho espiava com um olhar mais curioso que zombeteiro os sinais de impaciência e temor que alternavam no rosto encantador de sua companheira, e observava-a com cuidado talvez excessivo para não ter uma segunda intenção paternal.

Esse domingo era o décimo terceiro do ano de 1813. No dia seguinte, Napoleão partia para essa fatal campanha durante a qual ia perder sucessivamente Bessières e Duroc, ganhar as memoráveis batalhas de Lutzen e Bautzen, ver-se traído pela Áustria, pela Saxônia, pela Baviera, por Bernadotte, e disputar a terrível batalha de Leipzig. A magnífica parada comandada pelo imperador devia ser a última daquelas que por tanto tempo exaltaram a admiração dos parisienses e dos estrangeiros. A velha guarda ia executar, pela última vez, as sábias manobras cuja pompa e precisão espantaram algumas vezes até o próprio gigante, que se preparava então para o seu duelo com a Europa. Um triste sentimento levava às Tulherias uma brilhante e curiosa população. Cada um parecia adivinhar o futuro e pressentia talvez que, mais de uma vez, a imaginação teria que retraçar o quadro daquela cena, quando os tempos heroicos da França adquirissem, como hoje, tintas quase fabulosas.

— Vamos mais depressa, meu pai — dizia a moça com um ar travesso arrastando o velho. — Ouço os tambores.

— São as tropas que entram nas Tulherias — respondeu ele.

— Ou que desfilam, todos estão voltando! — replicou ela com infantil amargura que fez sorrir o velho.

— A parada só começa ao meio-dia e trinta — disse o pai que andava quase à retaguarda de sua impetuosa filha.

Ao ver-se o movimento que ela imprimia ao braço direito do pai, podia-se dizer que dele se servia para correr. Sua mãozinha, bem enluvada, machucava impacientemente o lenço, e assemelhava-se ao remo de um barco fendendo as ondas. O velho sorria por momentos: mas às vezes, também, expressões inquietas entristeciam passageiramente seu rosto seco. Seu amor por essa linda criatura tanto o fazia admirar o presente como temer o futuro. Parecia dizer a si mesmo: “Hoje ela é feliz, se-lo-á sempre?”. Pois os velhos inclinam-se bastante a dotar de suas mágoas o futuro dos moços. Quando pai e filha chegaram ao peristilo do pavilhão, no alto do qual flutuava a bandeira tricolor, e por onde os passeantes vão e vêm do jardim das Tulherias ao Carrousel, as sentinelas gritaram-lhe em voz grave:

— Não se passa mais!

A menina ergueu-se na ponta dos pés e pôde entrever a multidão de mulheres bem vestidas que enchiam os dois lados da velha arcada em mármore, por onde devia sair o imperador.

— Bem vê, meu pai, partimos muito tarde.

Sua pequena careta de enfado traía a importância que ela pusera em se encontrar na parada.

— Pois então, Júlia, vamo-nos embora, tu não gostas de ser atropelada.

— Fiquemos, meu pai. Daqui ainda posso avistar o imperador; se ele morrer durante a campanha, nunca o terei visto.

O pai estremeceu ouvindo essas egoístas palavras, a filha tinha lágrimas na voz; olhou-a e acreditou perceber sob as pálpebras descidas algumas lágrimas causadas menos pelo despeito que por um desses primeiros desgostos, cujo segredo é fácil adivinhar para um velho pai. De repente, Júlia corou e soltou uma exclamação cujo sentido não foi compreendido nem pelas sentinelas nem pelo velho. A esse grito, um oficial que corria do pátio para a escada, voltou-se vivamente, avançou até a arcada do jardim, reconheceu a jovem, um momento oculta pelos pesados bonés de pelo dos granadeiros, e imediatamente tornou sem

efeito, para ela e o pai, a ordem que ele mesmo havia dado; depois, sem ligar importância aos murmúrios da multidão elegante que cercava a arcada, atraíu suavemente para si a encantada criança.

— Não me admiro mais da cólera nem da pressa de minha filha, já que estavas de serviço — disse o velho ao oficial com um ar tão sério quanto zombeteiro.

— Duque — respondeu o jovem —, se querem ficar bem colocados, não nos divirtamos em conversar. O imperador não gosta de esperar, e estou encarregado pelo marechal de ir preveni-lo.

Enquanto falava, tomara com uma espécie de familiaridade o braço de Júlia e arrastava-a rapidamente para o Carrousel. Júlia percebeu com espanto uma imensa multidão que se comprimia no pequeno espaço compreendido entre as muralhas cinzentas do palácio e os marcos reunidos pelas correntes que desenham grandes quadrados arenosos no meio do pátio das Tulherias. O cordão de sentinelas, estabelecido para deixar uma passagem livre ao imperador e seu Estado-Maior, por pouco não era rompido por aquela multidão ativa e zumbidora como um enxame.

— Isto será muito bonito? — perguntou Júlia sorrindo.

— Cuidado! — exclamou o oficial que cingira Júlia pela cintura e a erguera com vigor e rapidez a fim de transportá-la para perto de uma coluna. Sem esse brusco rapto, sua curiosa parenta ia ser machucada pela garupa do cavalo branco, arreado com uma sela de veludo verde e ouro, que o mameluco de Napoleão segurava pela brida, quase sob a arcada, a dez passos atrás de todos os cavalos que esperavam os grandes oficiais, companheiros do imperador. O jovem colocou o pai e a filha perto do primeiro marco da direita, diante da multidão, e recomendou-os com um aceno de cabeça aos dois velhos granadeiros entre os quais se encontravam. Quando o oficial voltou ao palácio, um ar de felicidade e alegria sucedera-se em sua fisionomia ao súbito terror que o recuo do cavalo nela imprimira; Júlia apertara-lhe misteriosamente a mão, fosse para agradecer-lhe o pequeno serviço que acabava de prestar-lhe, fosse para dizer-lhe: “Enfim, vou vê-lo pois!”. Ela até inclinou suavemente a cabeça em resposta à saudação

afetuosa que lhe fez o oficial, assim como a seu pai, antes de desaparecer com presteza. O velho, que parecia ter deixado de propósito os dois jovens juntos, continuava numa atitude grave, um pouco atrás da filha; observava-a no entanto às escondidas, e tratava de inspirar-lhe uma falsa segurança, parecendo absorvido na contemplação do magnífico espetáculo que oferecia o Carrousel. Quando Júlia voltou para o pai o olhar de um colegial inquieto com o professor, o velho respondeu-lhe até com um sorriso de alegria benevolente; mas seu olhar agudo seguira o oficial até a arcada, e nenhum acontecimento daquela cena rápida lhe escapara.

— Que belo espetáculo! — disse Júlia em voz baixa, apertando a mão do pai.

O aspecto pitoresco e grandioso que apresentava o Carrousel nesse momento fazia pronunciar essa exclamação por milhares de espectadores, cujas fisionomias estavam todas pasmadas de admiração. Uma outra fila de gente, tão comprimida quanto aquela onde o velho e a filha se mantinham, ocupava, sobre uma linha paralela ao castelo, o espaço estreito e pavimentado que costeava a grade do Carrousel. Essa multidão acabava de desenhar vivamente, pela variedade das *toilettes* femininas, o imenso quadrado que formam as construções das Tulherias e a grade então novamente colocada.

Os regimentos da velha guarda, que iam ser passados em revista, enchiam esse vasto terreno, onde figuravam em frente ao palácio imponentes linhas azuis de dez fileiras de profundidade. Além do recinto, e no Carrousel, encontravam-se, sobre outras linhas paralelas, vários regimentos de infantaria e cavalaria prestes a desfilar sob o arco triunfal que ornamenta o meio da grade e no cimo do qual se viam, nessa época, os magníficos cavalos de Veneza. A música dos regimentos, colocada embaixo das galerias do Louvre, estava oculta por lanceiros poloneses de serviço. Uma grande parte do quadrado arenoso continuava vazio como uma arena preparada para o movimento desses corpos silenciosos cujas massas, dispostas com a simetria da arte militar, refletiam os raios do sol nos fogos triangulares de dez mil baionetas. O ar, agitando os penachos dos soldados, fazia-os ondular como árvores de uma floresta curvada sob um vento impetuoso. Essas velhas tropas, mudas e brilhantes, ofereciam mil

contrastes de cores devido à diversidade dos uniformes, dos ornamentos, das armas e agulhetas. Esse imenso quadro, miniatura de um campo de batalha antes do combate, era poeticamente emoldurado, com todos os acessórios e acidentes bizarros, pelas altas construções majestosas cuja imobilidade parecia imitada pelos chefes e soldados. O espectador comparava involuntariamente aqueles muros de homens a esses muros de pedra. O sol primaveril, que iluminava profusamente os muros brancos, construídos de véspera, e os muros seculares, alumiaava em cheio essas numerosas figuras curtidas que contavam todos os perigos passados e esperavam gravemente os perigos futuros. Os coronéis de cada regimento iam e vinham sozinhos diante das frentes que formavam esses homens heroicos. Depois, por trás das massas desses grupos variegados de prata azul, púrpura e ouro, os curiosos podiam perceber as bandeirolas tricolores atadas às lanças de seis infatigáveis cavaleiros poloneses que, semelhantes a cães conduzindo um rebanho ao longo de um campo, volteavam sem cessar entre as tropas e os curiosos, para impedir a esses últimos que ultrapassassem o pequeno espaço de terreno que lhes era concedido, junto à grade imperial.

Se não fossem esses movimentos, julgar-se-ia estar no palácio da Bela Adormecida no bosque. A brisa da primavera que passava sobre os bonés de longos pelos dos granadeiros atestava a imobilidade dos soldados, assim como o surdo murmúrio da multidão acusava o seu silêncio. Às vezes, somente o ligeiro retinir de campainhas ou algum leve golpe, tocado por inadvertência sobre um grande tambor e repetido pelos ecos do palácio imperial, assemelhavam-se a esses trovões longínquos que anunciam uma tempestade.

Um entusiasmo indescritível irrompia na espera da multidão. A França ia apresentar adeuses a Napoleão, na véspera de uma campanha cujos perigos eram previstos pelo mais humilde cidadão. Tratava-se, dessa vez, para o Império francês, de ser ou não ser. Esse pensamento parecia animar a população citadina e a população armada que se comprimiam, igualmente silenciosas, no recinto onde pairavam a águia e o gênio de Napoleão. Esses soldados, esperança da França, esses soldados, sua última gota de sangue, também muito concorriam para a inquieta curiosidade dos espectadores. Entre a maioria dos assistentes e

dos militares, diziam-se adeuses talvez eternos; mas todos os corações, até os mais hostis ao imperador, dirigiam ao céu votos ardentes pela glória da pátria. Os homens mais fatigados da luta começada entre a Europa e a França haviam todos esquecido os ódios ao passar sob o Arco do Triunfo, compreendendo que no dia do perigo Napoleão era toda a França.

O relógio do castelo deu meia hora. Nesse momento os zumbidos da multidão cessaram, e o silêncio tornou-se tão profundo que se ouviria a palavra de uma criança. O velho e a filha, que pareciam viver só pelos olhos, distinguiram então um ruído de esporas e um tinido de espadas que ressoaram sob o sonoro peristilo do castelo.

Um homem baixo, bem gordo, trajando uniforme verde, culote branco e calçando botas de cano alto, apareceu de repente cobrindo a cabeça com um chapéu de três bicos tão prestigioso quanto o próprio homem; a larga fita vermelha da Legião de Honra flutuava-lhe no peito e ao lado levava uma espada curta. O Homem foi visto por todos os olhos e, ao mesmo tempo, de todos os pontos da praça.

Imediatamente, os tambores rufaram em continência, as duas orquestras começaram por uma frase cuja expressão guerreira foi repetida em todos os instrumentos, desde a mais suave das flautas até o grande tambor. A esse belicoso apelo, as almas estremeeceram, as bandeiras saudaram, os soldados apresentaram armas com um movimento unânime e regular que agitou as espingardas da primeira à última fila no Carrousel.

Ordens de comando irromperam de fila em fila como ecos. Gritos de “Viva o imperador!” foram soltados pela multidão entusiasmada. Tudo enfim freuiu, mexeu, abalou.

Napoleão vinha montado a cavalo. Esse movimento imprimira vida a essas massas silenciosas, dera voz aos instrumentos, arrojou às águias e às bandeiras, emoção a todos os semblantes. Os muros das altas galerias do velho palácio pareciam clamar também: “Viva o imperador!”. Não foi algo de humano, foi uma magia; um simulacro do poder divino, ou melhor, uma fugitiva imagem desse reinado tão fugitivo. O homem rodeado de tanto amor, entusiasmo,

dedicação, votos de felicidade, para quem o sol dissipara as nuvens do céu, ficou no cavalo a três passos adiante do pequeno esquadrão dourado que o acompanhava, tendo o grande marechal à sua esquerda e o marechal de serviço à sua direita. No seio de tantas emoções excitadas por ele, nenhum traço de seu semblante pareceu comover-se.

— Oh! meu Deus, sim. Em Wagram, no meio do fogo, à margem do Moscova, entre os mortos, está sempre tranquilo como Batista.

Esta resposta a numerosas perguntas era feita pelo granadeiro que se achava perto da moça. Júlia ficou durante um momento absorta na contemplação daquele semblante, cuja calma revelava tão grande segurança de poder. O imperador avistou a sra. de Chatillonest, e, inclinando-se para Duroc, disse-lhe uma frase curta que fez sorrir o grande marechal. As manobras começaram. Se até então a jovem repartira a atenção entre a figura impassível de Napoleão e as linhas azuis, verdes e vermelhas das tropas, nesse momento ocupou-se quase exclusivamente, no meio dos movimentos rápidos e regulares executados por esses velhos soldados, de um jovem oficial que corria a cavalo, entre as linhas movediças, e voltava com incansável atividade para o grupo, à frente do qual brilhava o simples Napoleão.

Esse oficial montava soberbo cavalo negro e distinguia-se, no seio daquela multidão recamada de galões, pelo belo uniforme azul-celeste dos ajudantes de ordens do imperador. Seus bordados cintilavam tão vivamente ao sol, e o penacho do seu *schako* estreito e comprido recebia clarões tão fortes, que os espectadores viram-se obrigados a compará-lo a um fogo-fátuo, a uma alma invisível encarregada pelo imperador de animar, conduzir esses batalhões cujas armas ondulantes despediam chamas, quando, a um olhar seu, se dividiam, se reuniam, turbilhonavam como as ondas de um abismo, ou passavam diante dele como essas vagas longas, retas e altas que o oceano enfurecido atira contra as praias.

Quando terminaram as manobras, o oficial galopou e parou diante do imperador para esperar ordens. Nesse momento, estava a vinte passos de Júlia, diante do grupo imperial, numa atitude bastante semelhante à que Gérard deu ao

general Rapp no quadro da *Batalha de Austerlitz*. A rapariga pôde então admirar o enamorado em todo o seu esplendor militar. O coronel Vítor d'Aiglemont, com trinta anos de idade, pouco mais ou menos, era alto, elegante, esbelto; e suas felizes proporções destacavam-se melhor quando empregava toda a força em governar o cavalo, cujo dorso elegante e flexível parecia vergar ao seu peso. O rosto másculo e moreno possuía esse encanto inexplicável que uma perfeita regularidade de traços comunica às fisionomias jovens. A fronte era larga e alta. Os olhos de fogo, sombreados por sobrancelhas espessas e bordados de longos cílios, desenhavam-se como duas ovas brancas entre duas linhas negras. O nariz oferecia a graciosa curva de um bico de águia. O purpurino dos lábios era realçado pelas sinuosidades do inevitável bigode preto. As faces largas e fortemente coloridas apresentavam tons escuros e amarelos que denotavam um vigor extraordinário. Seu aspecto, desses que a bravura assinalou, oferecia o tipo que hoje o artista procura quando pensa simbolizar um dos heróis da França imperial. O cavalo molhado de suor, e cuja cabeça agitada exprimia extrema impaciência, com as duas patas dianteiras afastadas e paradas sobre uma mesma linha sem que uma ultrapassasse a outra, fazia flutuar as longas crinas da cauda espessa, e seu devotamento oferecia uma imagem material do que seu senhor tinha pelo imperador.

Vendo o namorado tão ocupado em apanhar os olhares de Napoleão, Júlia experimentou um momento de ciúme pensando que ele ainda não a olhara. De repente, o soberano pronuncia uma palavra, Vítor esporeia o cavalo e parte a galope; mas a sombra de um marco projetada sobre a areia espanta o animal que se enfurece, recua e se empina tão bruscamente, que o cavaleiro parece em perigo. Júlia grita, empalidece; todos a olham com curiosidade, ela não vê ninguém; seus olhos estão presos ao feroso cavalo que o oficial castiga enquanto corre para transmitir as ordens de Napoleão. Esses quadros perturbadores absorviam Júlia de tal modo que ela, sem o saber, se agarrara ao braço do pai a quem revelava involuntariamente seus pensamentos pela pressão mais ou menos viva dos dedos. Quando Vítor esteve a ponto de ser derrubado pelo cavalo, ela agarrou-se mais violentamente ainda ao pai, como se ela mesma estivesse em

perigo de cair.

O velho contemplava com sombria e dolorosa inquietude o semblante expressivo da filha, e sentimentos de piedade, de ciúme, até de pesar, transpareceram em seu rosto enrugado. Mas quando o brilho desacostumado dos olhos de Júlia, o grito que ela dera e o movimento convulsivo de seus dedos acabaram por lhe desvendar um amor secreto, certamente ele tivera algumas tristes revelações do futuro, pois seu semblante ofereceu então uma expressão sinistra.

Nesse momento, a alma de Júlia parecia ter passado para a do oficial. Um pensamento mais cruel que todos aqueles que haviam aterrorizado o velho crispou os traços de seu rosto sofrido, quando viu d'Aiglemont trocando, ao passar diante deles, um olhar de compreensão com Júlia, cujos olhos estavam úmidos e cuja tez adquirira uma vivacidade extraordinária. Levou bruscamente a filha para o jardim das Tulherias.

— Mas, meu pai — dizia ela —, ainda há regimentos na praça do Carrousel que vão manobrar.

— Não, minha filha, todas as tropas desfilaram.

— Penso, meu pai, que o senhor está enganado. O sr. d'Aiglemont mandou-as avançar...

— Mas, minha filha, não me sinto bem e não quero ficar.

Júlia não custou em acreditar no que lhe dizia o pai quando fixou os olhos em seu rosto, a que paternais inquietudes davam aspecto abatido.

— Sofre muito? — perguntou ela com indiferença, de tal modo estava preocupada.

— Cada dia não é um dia de graça para mim? — respondeu o velho.

— O senhor vai ainda afligir-me falando de sua morte. Eu estava alegre! Afaste essas ideias tristes e más.

— Ah — exclamou o pai soltando um suspiro —, criança mimada! Os melhores corações algumas vezes são bem cruéis! Consagrar-vos nossa vida, só pensarmos em vós e no vosso bem-estar, sacrificarmos nossos gostos às vossas fantasias, adorar-vos e até dar-vos nosso sangue, isto não é nada? Ai de mim!

Sim, tudo aceitais com indiferença. Para sempre obtermos vossos sorrisos e vosso desdenhoso amor, seria preciso que tivéssemos o poder divino. Depois, enfim, chega um outro! um enamorado, um marido que nos arrebatam vossos corações.

Júlia, espantada, olhou o pai que andava lentamente e que lhe dirigia olhares sem brilho.

— Ocultai-vos até de nós — continuou ele —, mas talvez também de vós mesmas...

— Que diz o senhor, meu pai?

— Penso, Júlia, que tens segredos para mim. Amas — continuou vivamente o velho, percebendo que a filha acabava de corar. — Ah, esperava ver-te fiel a teu velho pai até a morte, esperava conservar-te junto de mim feliz e brilhante, admirar-te como tu eras ainda há pouco! Ignorando tua sorte, poderei acreditar num futuro tranquilo para ti; mas agora é impossível que eu leve comigo essa esperança de felicidade para tua vida, pois ama ainda mais o coronel do que amas o primo. Não posso mais duvidar disso.

— Por que me seria proibido amá-lo? — exclamou ela com uma viva expressão de curiosidade.

— Ah, minha Júlia, tu não me compreenderias! — respondeu o pai sorrindo.

— Ainda assim, fale — continuou ela deixando escapar um movimento de teimosia.

— Pois bem, minha filha, escuta-me. As moças criam frequentemente nobres, arrebatadoras imagens, figuras ideais, e forjam ideias quiméricas a respeito dos homens, dos sentimentos, do mundo; depois atribuem inocentemente a um caráter as perfeições que sonharam e nisso confiam; amam no homem de sua escolha essa criatura imaginária; porém, mais tarde, quando não há mais tempo para libertar-se da infelicidade, a ilusória aparência que embelezaram, seu primeiro ídolo enfim, se transforma num esqueleto odioso. Júlia, eu preferiria saber-te apaixonada por um velho a ver-te enamorada do coronel. Ah! se pudesses colocar-te a dez anos desta época na vida, farias justiça à minha experiência. Conheço Vítor; sua alegria é uma alegria sem espírito, de

caserna, ele não tem talento e é gastador. É um desses homens que o céu criou para tomar e digerir quatro refeições por dia, dormir, amar a primeira que apareça e bater-se. Não entende a vida. Seu bom coração, pois ele tem bom coração, leva-lo-á talvez a dar a bolsa a um infeliz, a um camarada; mas ele é indiferente, não é dotado dessa delicadeza de coração que nos torna escravos da felicidade de uma mulher; é ignorante, egoísta... Há nisso tudo muito *mas*.

— Entretanto, meu pai, para chegar a coronel seria preciso que ele tivesse espírito e meios...

— Minha querida, Vítor continuará coronel toda a vida. Ainda não vi ninguém que me parecesse digno de ti — continuou o velho pai com uma espécie de entusiasmo.

Parou um momento, contemplando a filha, e acrescentou:

— Mas, minha pobre Júlia, és ainda muito moça, muito frágil, muito delicada para suportares os pesares e as lidas do casamento. D'Aiglemont foi mimado pelos pais, assim como o foste por tua mãe e por mim. Como esperar que ambos possam entender-se com vontades diferentes cujas tiranias serão inconciliáveis? Serás vítima ou tirana. Ambas as alternativas trazem soma igual de infelicidade à vida de uma mulher. Mas és meiga e modesta, serás a primeira a submeter-te. Enfim, tens — disse em voz alterada — uma graça de sentimento que será desconhecida, e então...

Não terminou, as lágrimas venceram-no.

— Vítor — continuou depois de uma pausa — ferirá as ingênuas qualidades de tua alma. Conheço os militares, minha Júlia; vivi com os exércitos. É raro que o coração desses indivíduos possa triunfar dos hábitos produzidos ou pelas infelicidades no seio das quais vivem, ou pelos acasos de sua vida aventureira.

— O senhor quer, pois, meu pai — replicou Júlia num tom meio sério, meio brincalhão —, contrariar meus sentimentos, casar-me ao seu gosto e não ao meu?

— Casar-te ao meu gosto! — exclamou o pai com um movimento de surpresa — Para mim, minha filha, de quem muito breve não ouvirás mais a voz tão amigavelmente rabugenta? Sempre vi os filhos atribuindo a um sentimento

peçoal os sacrifícios que por eles fazem os pais! Casa com Vítor, minha Júlia. Um dia lamentarás amargamente sua nulidade, sua falta de ordem, seu egoísmo, sua indelicadeza, sua inépcia em amor, e mil outras tristezas que te virão por causa dele. Então, recorda-te que, debaixo dessas árvores, a voz profética de teu velho pai soou em vão aos teus ouvidos!

O velho calou-se; surpreendera a filha agitando obstinadamente a cabeça. Ambos deram alguns passos para a grade onde o carro estava parado. Durante essa marcha silenciosa, a moça examinou furtivamente o rosto do pai e desfez gradativamente seu semblante amuado. A dor profunda gravada naquela fronte inclinada para o chão tocou-a vivamente.

— Eu lhe prometo, meu pai — disse em voz suave e alterada —, só lhe falar de Vítor quando o senhor não tiver mais prevenções contra ele.

O velho olhou a filha com espanto. Duas lágrimas que rolavam em seus olhos caíram-lhe ao longo das faces enrugadas. Não pôde beijar Júlia diante da multidão que os cercava, mas apertou-lhe ternamente a mão. Quando tornou a subir ao carro, todos os pensamentos incômodos que se haviam amontoado em sua fronte haviam desaparecido completamente. A atitude um pouco triste da filha inquietava-o então bem menos que a alegria inocente cujo segredo escapara a Júlia durante a revista das tropas.

II – A MULHER

Nos primeiros dias do mês de março de 1814, pouco menos de um ano após essa parada do imperador, uma carruagem rolava pela estrada de Amboise a Tours. Deixando o cimo verde das nogueiras sob as quais se ocultava a posta da Frillière, o carro foi arrastado com tal rapidez que num instante chegou à ponte construída sobre o Cise, na embocadura desse rio no Loire, e aí parou. Um tirante acabava de partir-se ao movimento impetuoso que, por ordem do senhor, um jovem postilhão imprimira a quatro dos mais vigorosos cavalos da muda.

Assim, por efeito do acaso, as duas pessoas que se encontravam na

carruagem tiveram o lazer de contemplar, ao despertar, um dos mais belos lugares que possam apresentar as sedutoras margens do Loire. À direita, o viajante abraça com o olhar todas as sinuosidades do Cise, que rola, como uma serpente prateada, pela grama das planícies a que os primeiros sinais da primavera davam então as cores da esmeralda. À esquerda, o Loire aparece em toda a sua magnificência. As numerosas facetas de algumas redes estendidas, produzidas pela brisa matinal um pouco fria, refletiam as cintilações do sol sobre os vastos lençóis d'água que desdobra esse majestoso rio. Aqui e ali, ilhas verdejantes sucediam-se na extensão das águas, como engastes de um colar. Do outro lado do rio, os mais belos campos da Touraine desenrolavam seus tesouros a perder de vista. No horizonte, a vista só encontra limites nas colinas do Cher, cujos cimos desenhavam nesse momento linhas luminosas no azul transparente do céu. Através da tenra folhagem das ilhas, no fundo do quadro, a cidade de Tours parece, como Veneza, sair do seio das águas. Os campanários de sua velha catedral lançam-se aos ares, onde se confundiam então com as criações fantásticas de algumas nuvens esbranquiçadas. Além da ponte onde o carro se detivera, o viajante percebia, diante de si, ao longo do Loire até Tours, uma cadeia de rochedos que, por uma fantasia da natureza, parecia ter sido colocada para encaixar o rio, cujas ondas minam incessantemente a pedra, espetáculo que sempre espanta o viajante. A aldeia de Vouvray encontra-se como que aninhada nas gargantas e desabatamentos dessas rochas, que começam a descrever um cotovelo diante da ponte do Cise.

Em seguida, de Vouvray a Tours, as terríveis anfractuosidades dessa colina despedaçada são habitadas por uma população de vinhateiros. Em mais de um lugar existem três andares de casas, perfuradas na rocha e reunidas pelas perigosas escadarias talhadas na própria pedra. No cimo de um teto, uma rapariga de saia vermelha corre para o jardim. A fumaça de uma chaminé se eleva entre as cepas e o pâmpano nascente de uma vinha. Lavradores cultivam campos perpendiculares. Uma velha mulher, tranquila sobre um quarto de rocha desmoronada, gira a roca sob as flores de uma amendoeira e olha os viajantes que passam aos seus pés, sorrindo de seu terror. Inquieta-se tão pouco com as

fendas do solo quanto com as ruínas pendentes de um velho muro, cujos alicerces só estão presos pelas tortuosas raízes de um manto de hera. O martelo dos tanoeiros faz ressoar as abóbadas das caves aéreas. Enfim, a terra é cultivada por toda a parte e por toda a parte é fecunda, aí onde a natureza recusou terra à engenhosidade humana.

Por isso nada se compara, no curso do Loire, ao rico panorama que a Touraine apresenta então aos olhos dos viajantes. O tríplice quadro dessa cena, cujos aspectos estão apenas indicados, proporciona à alma humana um desses espetáculos que ela inscreve para sempre em sua recordação; e, quando um poeta o apreciou, seus sonhos vêm quase sempre reconstruir-lhe fabulosamente os efeitos românticos. No momento em que o carro chegou à ponte do Cise, várias velas brancas desembocaram entre as ilhas do Loire e deram nova harmonia àquele sítio harmonioso. O perfume dos salgueiros que margeiam o rio acrescentava penetrantes odores ao gosto do vento úmido. Os pássaros faziam ouvir seus prolixos concertos e o canto monótono de um guardador de cabras acrescentava-lhes uma espécie de melancolia, enquanto os gritos dos marinheiros anunciavam uma longínqua agitação. Fofos vapores caprichosamente parados em torno das árvores, esparsas na vasta paisagem, nela imprimiam uma última graça. Era a Touraine em toda a sua glória, a primavera em todo o seu esplendor. Essa parte da França, a única que os exércitos estrangeiros não haviam de perturbar, era nesse momento a única tranquila, e dir-se-ia que desafiava a invasão.

Uma cabeça coberta por um boné de polícia mostrou-se fora da carruagem logo que ela parou. Em breve um militar impaciente abriu ele mesmo a portinhola e saltou na estrada para discutir com o postilhão. A inteligência com que o filho da Touraine consertava o tirante partiu serenou o coronel conde d'Aiglemont, que voltou à portinhola estendendo os braços como para exercitar os músculos entorpecidos; bocejou, olhou a paisagem, pousou a mão no braço de uma jovem senhora cuidadosamente envolvida num manto de peles.

— Vamos, Júlia — disse ele em voz rouca — , desperta para examinar a região. É magnífica!

Júlia deitou a cabeça fora da carruagem. Um gorro de marta cobria-lhe a cabeça, e as pregas do manto de peles no qual estava envolvida disfarçavam tão bem suas formas que dela só se via o rosto. Júlia d'Aiglemont já não se parecia mais com a moça que outrora corria com alegria e felicidade à parada das Tulherias. Seu rosto, sempre delicado, não mais possuía as cores rosadas que antigamente lhe davam um brilho tão rico. Os tufos negros dos cabelos, despenteados pela umidade da noite, realçavam a alvura do rosto cuja vivacidade parecia entorpecida. Entretanto os olhos brilhavam com fulgor sobrenatural; mas por baixo das pálpebras algumas linhas roxas desenhavam-se nas faces cansadas. Examinou com olhar indiferente os campos do Cher, o Loire e suas ilhas, Tours e os longos rochedos de Vouvray. Depois, sem querer olhar o encantador vale do Cise, atirou-se prontamente no fundo da carruagem e disse, com voz que ao ar livre parecia de extrema fraqueza:

— Oh, é admirável!

Como se vê, ela triunfara do pai para desgraça sua.

— Júlia, não gostarias de viver aqui?

— Oh! Aí ou em outro lugar — disse ela com indiferença.

— Estás te sentindo mal? — perguntou-lhe o coronel d'Aiglemont.

— Não, não sinto nada — respondeu a jovem senhora com vivacidade momentânea. Contemplou o marido sorrindo e acrescentou:

— Tenho vontade de dormir.

O galope de um cavalo fez-se ouvir repentinamente. Vítor d'Aiglemont largou a mão da esposa e volveu a cabeça para o cotovelo que a estrada fazia nesse lugar. No momento em que Júlia não foi mais vista pelo coronel, a expressão de alegria que imprimira a seu pálido semblante desapareceu como se um clarão cessasse de iluminá-lo. Não experimentando o desejo de rever a paisagem nem a curiosidade de saber qual era o cavaleiro cujo corcel galopava com tanta fúria, ela se acomodou novamente no canto da carruagem, e seu olhar se fixou na garupa dos cavalos, sem trair qualquer espécie de sentimento. Teve um ar tão estúpido quando pode vê-lo o de um camponês bretão ouvindo o sermão do cura. Um jovem, montado num cavalo de grande valor, saiu de

repente de um bosque de álamos e espinheiros floridos.

— É um inglês — disse o coronel.

— Oh, por Deus, sim, meu general! — replicou o postilhão.

— Ele é da raça dos rapazes que querem, segundo dizem, comer a França.

O desconhecido era um desses viajantes que se achavam no continente quando Napoleão prendeu todos os ingleses em represália ao atentado cometido contra o direito das gentes, pelo gabinete de Saint-James, por ocasião da ruptura do tratado de Amiens. Submetidos ao capricho do poder imperial, esses prisioneiros não ficaram todos nas residências onde os prenderam, nem naquelas que tiveram primeiramente liberdade de escolher. A maior parte daqueles que habitavam nesse momento a Touraine foi transferida para lá de vários pontos do Império onde sua permanência parecera comprometer os interesses da política continental. O jovem cativo que espairecia nesse momento o fastio matinal era uma vítima do poder burocrático. Já fazia dois anos que uma ordem emanada do Ministério das Relações Exteriores o arrancara ao clima de Montpellier, onde a ruptura da paz o surpreendera outrora procurando convalescer de uma doença do peito. Logo que o jovem reconheceu um militar na pessoa do conde d'Aiglemont, apressou-se em evitar-lhe os olhares volvendo bruscamente a cabeça para os prados do Cise.

— Todos esses ingleses são insolentes, como se a terra lhes pertencesse — disse o coronel resmungando. — Felizmente, Soult vai ensinar-lhes a viver.

Quando o prisioneiro passou diante da carruagem, lançou-lhe um olhar. Apesar da rapidez do golpe de vista, pôde então admirar a expressão de melancolia que dava à fisionomia pensativa da condessa um atrativo indefinível. Há muitos homens cujo coração fica poderosamente comovido pela única aparência do sofrimento numa mulher; para eles a dor parece ser uma promessa de constância ou de amor. Inteiramente embevecida na contemplação da almofada da carruagem, Júlia não prestou atenção ao cavalo nem ao cavaleiro. Sólida e prontamente consertado o tirante, o conde tornou a entrar na carruagem. O postilhão procurou recuperar o tempo perdido e levou rapidamente os dois viajantes para a parte da calçada marginada pelos rochedos suspensos, no seio

dos quais amadureciam os vinhos de Vouvray e de onde surgem tão lindas casas, onde se perfilam ao longe as ruínas daquela tão célebre abadia de Marmoutiers, o retiro de S. Martinho.

— Que nos quer afinal esse *milord* diáfano? — exclamou o coronel, volvendo a cabeça para certificar-se de que o cavaleiro que desde a ponte do Cise lhe acompanhava a carruagem era o jovem inglês.

Como o desconhecido não violava de modo algum as conveniências, passeando no caminho estreito ao pé da calçada, o coronel meteu-se no canto da carruagem após lançar um olhar ameaçador ao inglês. Mas não pôde, apesar da sua involuntária inimizade, deixar de admirar a beleza do cavalo e a elegância do cavaleiro. O jovem tinha um desses semblantes britânicos cuja cor é tão fina, a cutis tão macia e branca que se fica às vezes pensando que pertencem ao corpo delicado de uma moça. Era louro, esbelto e alto. O traje tinha um cunho de elegância e limpeza que caracteriza os fidalgos da precavida Inglaterra. Dir-se-ia que ele corava mais por pudor do que por prazer ao aspecto da condessa. Uma única vez Júlia ergueu os olhos para o estrangeiro, mas foi obrigada a isso pelo marido que queria fazê-la admirar as pernas de um cavalo puro-sangue. Os olhos de Júlia encontraram então os do tímido inglês. Desse momento em diante, o fidalgo, em vez de fazer caminhar o cavalo perto da carruagem, acompanhou-a a alguns passos de distância. A condessa mal olhou para o desconhecido. Nem se apercebeu das perfeições humanas e equinas que lhe eram assinaladas, e atirou-se para o fundo da carruagem após ter feito um leve movimento com as sobranceiras em sinal de aprovação para o marido. O coronel tornou a adormecer, e os dois esposos chegaram a Tours sem trocar uma única palavra e sem que as maravilhosas paisagens do cenário variado em que viajavam atraíssem uma só vez a atenção de Júlia. Quando o marido adormeceu, a sra. d'Aiglemont contemplou-o várias vezes. Ao último olhar que lhe dirigiu, um solavanco fez cair no colo da jovem senhora um medalhão suspenso ao pescoço por uma corrente de luto, e o retrato do pai lhe apareceu de repente. A essa vista lágrimas até então reprimidas rolaram-lhe dos olhos. O inglês viu talvez os vestígios úmidos e brilhantes que o pranto deixara um momento nas faces

pálidas da condessa, mas que o ar secou prontamente. Encarregado pelo imperador de levar ordens ao marechal Soult, que tinha que defender a França da invasão feita pelos ingleses do Béarn, o coronel d'Aiglemont aproveitara-se dessa missão para afastar a esposa dos perigos que ameaçavam então Paris e levava-a para Tours, à casa de uma velha parenta. Muito breve a carruagem rodou nas ruas de Tours, na ponte, na rua principal, e deteve-se diante do antigo palácio onde morava a ex-condessa de Listomère-Landon.

A condessa de Listomère-Landon era uma dessas lindas senhoras velhas, pálidas, de cabelos brancos, que têm um sorriso fino, dão a impressão de trazer anquinhas e usam na cabeça uma touca de uma moda desconhecida. Retratos septuagenários do século de Luís xv, essas mulheres são quase sempre carinhosas, como se ainda amassem; menos piedosas que devotas, e menos devotas do que parecem; sempre cheirando a pó à marechala, contando bem, conversando melhor, e rindo mais de uma recordação do que de um gracejo. A atualidade desagradava-lhes.

Quando uma velha criada de quarto anunciou à condessa (pois em breve ela deveria reaver o seu título) a visita de um sobrinho que ela não via desde o início da guerra da Espanha, tirou depressa os óculos e fechou a *Galeria da antiga corte*, seu livro favorito; depois, conseguiu uma espécie de agilidade para chegar ao patamar no momento em que os dois esposos subiam os degraus.

Tia e sobrinha lançaram-se um rápido olhar.

— Bom dia, minha querida tia — exclamou o coronel agarrando a velha e abraçando-a com precipitação. — Trago-lhe uma jovem para guardar. Venho confiar-lhe meu tesouro. Júlia não é vaidosa nem ciumenta; tem a meiguice de um anjo... Mas espero que não se estrague aqui — disse interrompendo-se.

— Atrevido! — respondeu a condessa lançando-lhe um olhar brincalhão.

Foi ela quem, com uma certa graça amável, tomou a iniciativa de beijar Júlia, que permanecia pensativa e parecia mais embaraçada que curiosa.

— Vamos então travar conhecimento, minha querida? — tornou a condessa. — Não tenha medo de mim, procuro nunca ser velha quando estou em companhia de gente moça.

Antes de entrar no salão, a condessa já tinha, segundo o costume da província, mandado preparar o almoço para os dois jovens; o conde, porém, cortou a eloquência da tia dizendo-lhe num tom sério que só poderia consagrar o tempo que o cocheiro demorasse para fazer a muda. Por isso, os três entraram imediatamente para o salão, e o coronel mal teve tempo de relatar à sua tia-avó os acontecimentos políticos e militares que o obrigavam a perder-lhe asilo para sua jovem esposa. Durante a narrativa, a tia olhava alternativamente para o sobrinho que falava sem ser interrompido, e para a sobrinha, cuja palidez e tristeza ela atribuía a essa separação forçada. Dava a impressão de dizer consigo mesma: “Hum! esses dois amam-se de verdade”.

Nesse momento, no velho pátio silencioso em que as lajes eram desenhadas com listas de grama, ressoou o estalido de um chicote. Vítor tornou a abraçar a condessa e saiu.

— Adeus, querida — disse beijando a mulher que o acompanhara até a carruagem.

— Oh Vítor, deixa que te acompanhe ainda um pouco — disse ela numa voz carinhosa —, não queria te deixar...

— Ainda pensas nisso?

— Pois bem — replicou Júlia —, então adeus, já que assim o queres.

A carruagem desapareceu.

— Você ama muito o meu pobre Vítor? — perguntou a condessa à sobrinha, interrogando-a com um desses olhares perscrutadores que as velhas lançam às jovens.

— Infelizmente, senhora! — respondeu Júlia. — Pois não é preciso amar um homem para desposá-lo?

Essa última frase foi acentuada por um tom de ingenuidade que traía, a um tempo, um coração puro ou profundos mistérios. Ora, seria bem difícil a uma mulher amiga de Duclos e do marechal de Richelieu não procurar descobrir o segredo daquele jovem casal. Nesse momento tia e sobrinha estavam no limiar da porta solarenga, acompanhando com o olhar a caleça que se afastava. Os olhos da condessa não exprimiam amor assim como a marquesa o compreendia.

A boa senhora era da Provença, e suas paixões tinham sido violentas.

— Deixou-se então fascinar pelo patife do meu sobrinho? — perguntou ela à sobrinha.

A condessa estremeceu involuntariamente, porque a entonação e o olhar daquela velha *coquette* pareciam denunciar um conhecimento do caráter de Vítor talvez mais profundo que o seu. A sra. d'Aiglemont, inquieta, envolveu-se nessa dissimulação desajeitada que é o primeiro refúgio dos corações ingênuos e sofredores. A sra. de Listomère contentou-se com as respostas de Júlia; mas pensou com satisfação que sua solidão ia ser alegrada por algum segredo de amor, porque lhe parecia que a sobrinha tinha alguma intriga divertida a conduzir. Quando a sra. d'Aiglemont se achou num grande salão forrado de tapeçarias enquadradas por molduras douradas, quando se sentou diante da lareira, abrigada dos ventos *Fenestrais* por um para-vento chinês, sua tristeza não mais se pôde dissipar. Era difícil que a alegria nascesse sob velhos lambris, entre móveis seculares. Contudo, a jovem parisiense experimentou uma espécie de prazer por entrar naquela solidão profunda e no silêncio solene da província. Depois de trocar algumas palavras com a tia, a quem antes escrevera apenas uma carta de recém-casada, ficou silenciosa como se estivesse escutando a música duma ópera. Somente depois de passadas duas horas duma calma digna da Trapa foi que ela se apercebeu de sua impolidez para com a tia, que se deu conta de só lhe ter dirigido respostas frias. A marquesa respeitara o capricho da sobrinha por esse instinto cheio de indulgência que caracteriza as pessoas do tempo antigo. Nesse instante, a nobre senhora fazia tricô. Por diversas vezes, na verdade, ela se havia ausentado para se ocupar de um certo quarto verde que deveria servir de dormitório à condessa e onde os criados da casa colocavam a bagagem; mas já voltara ao seu lugar numa grande poltrona e observava a moça de soslaio. Envergonhada por se ter abandonado à sua irresistível meditação, Júlia procurou fazer-se perdoar zombando de si mesma.

— Minha querida, conheço perfeitamente a dor das viúvas — respondeu a tia.

Seria preciso ter quarenta anos para perceber a ironia que exprimiam os

lábios da veneranda senhora. No dia seguinte, a condessa estava mais bem-disposta; conversou. A sra. de Listomère não mais desesperava de domesticar aquela recém-casada, que de início julgara ser uma criatura selvagem e estúpida; falou-lhe das belezas da região, dos bailes e das casas que poderiam frequentar. Todas as perguntas da marquesa foram, durante esse dia, outras tantas ciladas que, por um antigo hábito da corte, ela não pôde deixar de armar à sobrinha para penetrar-lhe o caráter. Júlia resistiu a todas as instâncias que durante alguns dias lhe foram feitas para que procurasse distrações fora de casa. Por isso, não obstante o desejo que tinha a velha senhora de passear orgulhosamente sua linda sobrinha, acabou por renunciar a apresentá-la na sociedade. A condessa achou um pretexto para sua solidão e tristeza no desgosto que lhe causara a morte do pai, por quem ainda estava de luto. Ao fim de oito dias a sra. de Listomère admirava a doçura angélica, a graça modesta, o espírito indulgente de Júlia, e interessou-se prodigiosamente desde então pela misteriosa melancolia que consumia aquele coração jovem. A condessa era uma dessas criaturas nascidas para ser amáveis, e que parecem trazer consigo a felicidade. Sua companhia tornou-se tão agradável e preciosa à sra. de Listomère, que ela se afeiçoou à sobrinha, desejando não mais deixá-la. Um mês foi bastante para estabelecer entre elas uma amizade eterna. A idosa senhora notou, não sem surpresa, as mudanças que se operaram na fisionomia da sra. d'Aiglemont. As cores vivas que lhe abrasavam o rosto desvaneceram-se insensivelmente, e a pele adquiriu tons macilentos. Perdendo seu brilho primitivo, Júlia tornava-se menos triste. Por vezes, a marquesa despertava em sua jovem parenta a alegria e o riso, que eram logo reprimidos por um pensamento importuno. Percebeu que não era a recordação do pai nem a ausência de Vítor a causa da profunda melancolia que lançava um véu sobre a vida de sua sobrinha; chegou a ter suspeitas tão desagradáveis, que lhe foi difícil identificar a verdadeira causa do mal, pois talvez só por acaso encontramos a verdade. Um dia, finalmente, Júlia surpreendeu a tia com um esquecimento total do casamento, com uma loucura de menina travessa, com uma candura de espírito, com uma ingenuidade dignas da infância, com todo esse espírito delicado e por vezes tão profundo que distingue

a juventude francesa. A sra. de Listomère resolveu então sondar os mistérios daquela alma cuja extrema naturalidade equivalia a uma impenetrável dissimulação. A noite se aproximava, e as duas damas estavam sentadas diante duma sacada que dava para a rua. Júlia estava de novo pensativa. Passava nesse momento um homem a cavalo.

— Eis uma de suas vítimas — disse a velha senhora.

A sra. d'Aiglemont fitou a tia manifestando um misto de espanto e inquietação.

— É um jovem inglês, um fidalgo, o honorável Artur Ormond, filho mais velho de *lord* Grenville. Sua história é interessante. Ele veio para Montpellier em 1802, na esperança de que o ar dessa região, que lhe tinha sido aconselhada pelos médicos, o curasse de uma doença do peito que era fatal. Como todos os seus compatriotas, ele foi preso por Bonaparte por ocasião da guerra, pois esse monstro não pode passar sem guerrear. Por distração, esse jovem inglês começou a estudar a sua doença, que julgavam mortal. Insensivelmente, foi tomando gosto pela anatomia, pela medicina; apaixonou-se por esses estudos, o que é extraordinário para um nobre, apesar de o regente ter-se dedicado à química. Em resumo, o sr. Artur fez progressos surpreendentes, mesmo para os professores de Montpellier; o estudo consolou-o do cativeiro e, ao mesmo tempo, ele ficou radicalmente curado. Dizem que passou dois anos sem falar, respirando o menos possível, permanecendo deitado num estábulo, bebendo leite de uma vaca vinda da Suíça e alimentando-se com agrião. Desde que está em Tours não procurou ninguém, é orgulhoso como um pavão; mas com certeza você o conquistou, pois não há de ser por mim que ele passa duas vezes por dia sob nossas janelas desde que você chegou... Certamente, ele gosta de você.

Essas duas palavras reanimaram a condessa como que por encanto. Ela deixou escapar um gesto e um sorriso que surpreenderam a marquesa. Longe de testemunhar essa satisfação instintiva que qualquer mulher, por mais severa que seja, sente quando sabe ser causa de uma infelicidade, o olhar de Júlia permaneceu amortecido e frio. Sua fisionomia manifestava um sentimento de repulsa vizinho do horror. Essa proscricção não era a que uma mulher apaixonada

lança sobre o mundo inteiro por causa de uma única criatura; ela sabe então rir e gracejar. Não, nesse momento Júlia tinha a atitude de quem a recordação de um perigo por demais presente ainda faz sofrer. A tia, convencida de que a sua sobrinha não amava o marido, ficou estupefata ao descobrir que ela não amava ninguém. Receou ter de reconhecer em Júlia um coração desencantado, uma jovem a quem a experiência de um dia, de uma noite talvez, tivesse bastado para apreciar a insignificância de Vítor.

“Se ela o conhece, tudo está acabado”, pensou a marquesa, “em breve meu sobrinho conhecerá os inconvenientes do casamento.”

Propôs-se então converter Júlia às doutrinas monarquistas do século de Luís xv; mas, poucas horas mais tarde, soube, ou melhor, adivinhou a circunstância, comuníssima na sociedade, a que Júlia devia sua melancolia. A condessa, que se tornara de repente pensativa, retirou-se para os seus aposentos mais cedo do que de costume. Depois que a criada de quarto a ajudou a despir-se e a deixou pronta para se deitar, ela chegou-se à lareira, recostando-se num sofá de veludo amarelo, móvel antigo, tão confortável aos aflitos quanto às pessoas felizes. Ali chorou, suspirou, pensou. Depois puxou uma mesinha, procurou papel e pôs-se a escrever. As horas passaram rapidamente. A confidência que Júlia fazia nessa carta parecia custar-lhe muito, pois cada frase conduzia a longos devaneios.

De repente, desatou a chorar e parou de escrever. Nesse instante, os relógios bateram duas horas. A cabeça, pesada como a de um moribundo, inclinou-se-lhe sobre o seio; quando a tornou a erguer, Júlia viu a tia surgir repentinamente como um personagem que se destacasse da tapeçaria que forrava a parede.

— Que tem, afinal, minha filha? — perguntou-lhe a tia. — Por que estar ainda acordada a estas horas e, principalmente, por que chorar sozinha, na sua idade?

Sentou-se sem mais cerimônia ao lado da sobrinha e devorou com os olhos a carta começada.

— Escrevia ao seu marido?

— Sei lá onde ele está — respondeu a condessa.

A tia segurou o papel e leu. Trouxera os óculos, no que havia premeditação.

A inocente criatura deixou que ela segurasse a carta sem fazer a mínima observação. Não era nem uma falta de dignidade, nem tampouco um secreto sentimento de culpabilidade que lhe tirava assim toda a energia; não, a tia encontrava-se ali diante de um desses momentos de crise em que a alma está sem alento, em que tudo é indiferente, tanto o bem como o mal, tanto o silêncio como a confiança. Semelhante a uma moça virtuosa que atormenta um namorado com desdéns, mas que, à noite, se encontra tão triste, tão abandonada, que o deseja e quer com um coração a quem confiar seus sofrimentos, Júlia deixou quebrar sem dizer palavra a inviolabilidade que a delicadeza confere a uma carta aberta, e ficou pensativa enquanto a marquesa lia:

Minha querida Luísa,

Por que reclamar tantas vezes o cumprimento da mais imprudente promessa que se possam fazer duas jovens ignorantes? Perguntas muitas vezes contigo mesma — me escreves — por que, há seis meses, não respondo a tuas interrogações. Se não compreendeste meu silêncio, hoje talvez lhe adivinhes a razão ao conheceres o segredo que eu vou trair. Eu o teria sepultado para sempre no fundo do meu coração, se tu não me tivesses participado teu próximo casamento. Vais casar, Luísa. Essa ideia faz-me tremer. Pobre criança, casa-te; depois, dentro de poucos meses, um dos teus mais cruciantes desgostos será proveniente da recordação do que nós éramos outrora, quando uma tarde, em Écouen, tendo escalado a montanha, debaixo dos grandes carvalhos contemplamos o maravilhoso vale que se estendia a nossos pés e admiramos os raios do sol poente cujos reflexos nos envolviam. Sentamos numas pedras e caímos num êxtase que foi seguido da mais doce das melancolias. Foste a primeira a pensar que aquele sol distante nos falava do futuro. Éramos então bem curiosas e bem loucas! Lembra-te de todas as nossas extravagâncias? Abraçamo-nos como dois enamorados, segundo dizíamos. Juramos que a primeira de nós que se casasse contaria fielmente à outra os segredos do matrimônio, as alegrias que as nossas almas infantis imaginavam tão deliciosas. Essa noite há de te causar desespero, Luísa. Nessa época tu eras jovem, bonita, despreocupada, senão feliz; um marido, em pouco tempo, te tornará o que já sou: feia, doente e velha. Dizer-te o quanto eu me sentia orgulhosa e feliz por desposar o coronel Vítor d’Aiglemont seria uma loucura! E como seria mesmo possível te dizer isso, se já não me lembro nem de mim? Em poucos instantes minha infância passou a ser como um sonho. Minha atitude durante o dia solene que consagrou um laço cuja extensão eu desconhecia não foi irrepreensível. Por mais de uma vez meu pai procurou reprimir meu contentamento, pois eu manifestava alegrias que eram julgadas inconvenientes, e minhas palavras revelavam malícia justamente porque não tinham malícia. Eu fazia mil criancices com aquele véu

nupcial, aquele vestido e aquelas flores. Ao ficar sozinha, à noite, no quarto para onde eu fora conduzida com todo o aparato, pensei numa travessura para intrigar Vítor; e, enquanto esperava por ele, sentia palpitações de coração semelhantes àquelas que me assaltavam outrora naqueles dias solenes de 31 de dezembro, quando, furtivamente, eu me introduzia no salão onde estavam guardados os presentes. Quando meu marido entrou, quando me procurou, o riso que ele ouviu, riso sufocado sob as musselinas que me envolviam, foi o último lampejo daquela suave alegria que animava os folguedos da nossa infância...

Quando a marquesa terminou a leitura dessa carta, que, a julgar pelo seu começo, deveria conter bem tristes observações, colocou lentamente os óculos sobre a mesa, nela também largou a carta, e pousou na sobrinha dois olhos verdes cujo brilho claro ainda não tinha sido amortecido pela idade.

— Minha filha — disse ela —, uma mulher casada não pode escrever isso a uma jovem sem cometer uma inconveniência...

— Era o que eu pensava — respondeu Júlia interrompendo a tia —, e sentia vergonha de mim enquanto a senhora lia...

— Se, quando estamos à mesa, uma iguaria não nos agrada, não devemos enjoar os outros, minha filha — tornou a marquesa com bonomia —, principalmente porque, desde Eva até nossos dias, o casamento sempre tem sido encarado como uma coisa excelente... Já não tens mãe?

A condessa estremeceu; depois ergueu docemente a cabeça e disse:

— De um ano para cá por mais de uma vez tenho lamentado sua falta; mas fiz mal em não ter escutado os conselhos de meu pai, que não queria Vítor por genro.

Fitou a tia, e um arrepio de alegria secou-lhe as lágrimas quando ela percebeu o ar de bondade que animava aquele venerando rosto. Estendeu-lhe a mão, que ela parecia solicitar, e, quando seus dedos se apertaram, as duas mulheres acabaram de se compreender.

— Pobre órfã! — acrescentou a marquesa.

Essas palavras foram para Júlia um último raio de luz. Pareceu-lhe ouvir ainda a voz profética do pai.

— Tem as mãos escaldantes! É sempre assim? — perguntou a marquesa.

— Apenas há sete ou oito dias é que a febre me passou — respondeu ela.

— Tinha febre e nada me dizia?

— Tenho-a faz um ano — disse Júlia, com uma espécie de ansiedade pudica.

— De modo que, meu anjo — tornou a tia —, até agora o casamento só foi para você um longo sofrimento?

A moça não ousou responder; mas fez um gesto afirmativo que traía todas suas mágoas.

— É então infeliz?

— Oh, não, minha tia! Vítor ama-me com idolatria, e eu o adoro; ele é tão bom!

— Sim, você gosta dele; mas foge dele, não é verdade?

— Sim... às vezes... ele me procura demais.

— Quando está só, não a assalta às vezes o temor de que ele venha a surpreendê-la?

— Sim, de fato, minha tia. Mas asseguro-lhe que o amo de verdade.

— Intimamente, não se acusa de não saber ou não poder partilhar de seus prazeres? Por vezes não lhe ocorre a ideia de que o amor legítimo é mais difícil de sustentar que uma paixão pecaminosa?

— Isso mesmo! — exclamou ela chorando. — A senhora vê claro naquilo que para mim é um enigma. Meus sentidos estão entorpecidos, meu cérebro está vazio, vivo com dificuldade. Minha alma está oprimida por uma apreensão indefinível que gela meus sentimentos e me lança num torpor permanente. Não tenho voz para me lamentar nem palavras para exprimir meu desgosto. Sofro e tenho vergonha de sofrer vendo Vítor feliz com o que me mata.

— Tudo isso não passa de criancices, de insignificância! — exclamou a tia, cujo rosto descarnado animou-se de súbito num sorriso aberto, reflexo das alegrias de sua mocidade.

— Também a senhora se ri? — disse a moça com desespero.

— Eu também fui assim — retorquiu prontamente a marquesa. — Agora que Vítor a deixou sozinha, não se tornou de novo como solteira, tranquila; sem prazeres, mas sem sofrimento?

Júlia arregalou os olhos espantados.

— Em suma, meu anjo, adora Vítor, não é verdade? Mas gostaria mais de ser irmã do que mulher dele, e o casamento para você foi uma decepção.

— É isso mesmo, minha tia. Mas por que sorri?

— Sim, tem razão, minha filha. Em tudo isso não há nada de engraçado. Seu futuro seria invadido por mais de um pesar se eu não a tomasse sob minha proteção, e se minha velha experiência não soubesse adivinhar a causa inocente de sua mágoa. Meu sobrinho não merecia a felicidade que tem, o tolo! Sob o reinado de nosso muito amado Luís xv, uma moça que se encontrasse na situação em que você se encontra em pouco tempo castigaria o marido por se conduzir como um verdadeiro lansquenete. Que egoísta! Os oficiais desse tirano imperial são todos uns torpes ignorantes. Tomam a brutalidade por galanteria; sua ignorância acerca das mulheres não é maior que a sua inépcia para amar; julgam que o ter de enfrentar a morte no dia seguinte os dispensa de terem, na véspera, cuidados e atenções para conosco. Outrora, sabia-se tão bem amar como morrer no momento preciso. Fique descansada, que eu hei de ensiná-lo. Porei um fim a esse triste desentendimento, aliás muito natural, que levaria vocês a se odiarem mutuamente, a desejarem um divórcio, e isso se você não morresse antes de chegar ao desespero.

Júlia escutava a tia com espanto, surpresa por ouvir palavras cuja sabedoria ela mais pressentia que compreendia, e assombrada por encontrar na boca de uma parenta cheia de experiência, mas sob uma forma mais suave, a opinião que seu pai tinha a respeito de Vítor. Ela teve talvez uma antevisão nítida de seu futuro, e sentiu sem dúvida o peso dos males que a deviam acabrunhar, pois rompeu em pranto e lançou-se nos braços da marquesa, dizendo-lhe:

— Seja minha mãe!

A tia não chorou, pois a Revolução deixou às mulheres da antiga monarquia poucas lágrimas nos olhos. Primeiro o amor e mais tarde o Terror familiarizaram-nas com as mais pungentes peripécias, de modo que conservam em meio aos perigos da vida uma dignidade fria, uma afeição sincera, mas sem expansões, que lhes permite serem sempre fiéis à etiqueta e conservarem uma

atitude nobre que os novos costumes caíram no erro de repudiar. A marquesa tomou a moça em seus braços e beijou-a na fronte com uma ternura e uma graça que muitas vezes se encontram mais nos hábitos e maneiras dessas mulheres que no seu coração. Acariciou a sobrinha com palavras meigas, prometeu-lhe um futuro feliz, embalou-a com promessas de amor enquanto a ajudava a deitar-se, como se fosse sua filha, uma filha querida cujas esperanças e tristezas ela fazia suas; revia-se jovem, inexperiente e bela na sobrinha. A condessa adormeceu, feliz por ter encontrado uma amiga, uma mãe a quem, daí em diante, poderia tudo contar.

No dia seguinte pela manhã, no momento em que a tia e a sobrinha se beijavam com essa cordialidade profunda e esse ar de entendimento que provam um progresso na afeição, uma coesão mais perfeita entre duas almas, ouviram o passo de um cavalo. Viraram a cabeça ao mesmo tempo e viram o jovem inglês que passava devagar, segundo seu costume. Parecia que ele tinha feito um certo estudo da vida que levavam aquelas duas mulheres solitárias, pois nunca deixava de passar quando elas almoçavam ou jantavam. O cavalo diminuía o passo sem necessitar de comando; e, durante o tempo que levava a percorrer o espaço ocupado pelas duas janelas da sala de refeição, Artur lançava por elas um olhar melancólico, na maioria das vezes desdenhado pela condessa, que não lhe prestava a menor atenção. Mas, acostumada a essa curiosidade mesquinha que se volta para as coisas mais insignificantes a fim de animar a vida de província, e à qual dificilmente escapam os espíritos superiores, a marquesa divertia-se com o amor tímido e sério, tão tacitamente expresso pelo inglês. Aqueles olhares periódicos tinham se tornado como que um hábito para ela, e todos os dias ela assinalava a passagem de Artur com novos gracejos. Ao sentarem à mesa, as duas senhoras olharam simultaneamente para o ilhéu. Os olhos de Júlia e de Artur encontraram-se dessa vez com tal precisão de sentimentos, que a moça corou. Imediatamente o inglês fustigou o cavalo e partiu a galope.

— Que devo fazer, tia?— perguntou Júlia.— Quem vê esse inglês passar por aqui há de pensar que eu sou...

— Sim — respondeu a tia interrompendo-a.

— Não poderei então dizer-lhe que não passe assim por aqui?

— Não seria isso um motivo para ele pensar que é perigoso? E, de resto, pode-se impedir um homem de passear onde bem entenda? Amanhã não comeremos mais nesta sala; quando não mais nos vir aqui, o jovem fidalgo desistirá de te amar pela janela. Eis, minha filha, como se comporta uma mulher que tem experiência da vida social.

Mas a infelicidade de Júlia deveria ser completa. Assim que as duas senhoras se levantaram da mesa, o criado de quarto de Vítor chegou repentinamente. Vinha de Bourges a toda brida, por caminhos pouco frequentados, e trazia para a condessa uma carta do marido. Vítor, que havia deixado o imperador, anunciava à mulher a queda do regime imperial, a tomada de Paris e o entusiasmo que explodia em toda a França a favor dos Bourbons; mas, não sabendo como chegar até Tours, rogava-lhe que se dirigisse a toda pressa para Orléans, onde pretendia esperá-la com passaportes para ela. O criado, antigo militar, devia acompanhar Júlia de Tours a Orléans, caminho que Vítor ainda julgava livre.

— Não tem um momento a perder, senhora — disse o criado —, os prussianos, os austríacos e os ingleses vão fazer junção em Blois ou em Orléans...

Em poucas horas a condessa aprontou tudo e partiu numa velha carruagem que a tia lhe emprestou.

— Por que não vem conosco para Paris? — disse ela ao despedir-se da tia. — Agora que os Bourbons voltam ao poder, encontraria lá...

— Mesmo sem essa viravolta inesperada, eu iria, minha filha, pois meus conselhos são muito necessários a ti e a Vítor. Vou tomar todas as providências para ir ter com vocês.

Júlia partiu acompanhada de sua criada de quarto e do velho militar, que galopava ao lado da sege velando pela segurança de sua patroa. À noite, ao chegarem a uma estação de muda um pouco adiante de Blois, Júlia, preocupada com uma carruagem que seguia a sua desde Amboise, debruçou-se à portinhola para ver quem eram os seus companheiros de viagem. O luar permitiu-lhe divisar Artur, de pé, a três passos dela, com os olhos fixos na sege. Seus olhares

se encontraram. A condessa recuou bruscamente para o fundo da carruagem, mas com uma sensação de medo que a fez palpitar. Como a maior parte das moças realmente inocentes e sem experiência, ela via uma falta no amor involuntariamente despertado num homem. Sentiu um terror instintivo, proveniente talvez da consciência de sua fraqueza ante uma tão audaciosa investida. Uma das mais fortes armas do homem é esse poder terrível de dominar por sua presença uma mulher cuja imaginação naturalmente impressionável se aterroriza ou se ofende com uma perseguição. A condessa lembrou-se do conselho da tia e resolveu permanecer durante toda a viagem no fundo da sege, sem sair. Mas, em cada posta, ela ouvia o inglês passear em torno das duas carruagens; e, na estrada, o ruído importuno de sua caleça ressoava incessantemente aos ouvidos de Júlia. Ela apressou-se a pensar que tão logo se reunisse ao marido, Vítor saberia defendê-la dessa singular perseguição.

“Mas, e se afinal esse rapaz não me amasse?”

Essa reflexão foi a última que ela fez. Ao chegar a Orléans, sua sege foi detida pelos prussianos, levada para o pátio de um albergue e posta sob a guarda de soldados. A resistência era impossível. Os estrangeiros explicaram aos três viajantes, por sinais imperativos, que tinham recebido ordem de não deixar sair ninguém da carruagem. A condessa chorou durante cerca de duas horas, prisioneira entre soldados que fumavam, riam e às vezes a fitavam com insolente curiosidade; mas finalmente viu-os afastarem-se da carruagem com uma espécie de respeito ao ouvirem o tropel de vários cavalos. Pouco depois um grupo de oficiais superiores estrangeiros, à frente dos quais estava um general austríaco, cercou a carruagem.

— Senhora — disse-lhe o general —, queira aceitar nossas desculpas; houve um engano. Pode continuar sem temor sua viagem; aqui está um passaporte que lhe evitará doravante qualquer contrariedade...

A condessa, trêmula, pegou o papel e balbuciou umas palavras vagas. Ao lado do general, e com fardamento de oficial inglês, ela via Artur, a quem, sem dúvida, devia aquela pronta libertação. Alegre e melancólico a um tempo, o jovem inglês voltou a cabeça e não se atreveu a fitar Júlia senão de soslaio.

Graças ao passaporte, a sra. d'Aiglemont chegou a Paris sem outro contratempo. Lá se encontrou com o marido, que, desligado do juramento de fidelidade ao imperador, recebera o mais lisonjeiro acolhimento por parte do conde d'Artois, | que tinha sido nomeado generalíssimo do reino por seu irmão Luís xviii. Vítor recebeu na guarda do rei um posto importante que correspondia à patente de general. Contudo, em meio às festas que assinalaram a restauração dos Bourbons, um desgosto profundo e que devia influir sobre sua vida assaltou a pobre Júlia: ela perdeu a tia. A condessa de Listomère-Landon morreu de emoção e de uma gota que lhe subiu ao coração, ao ver novamente em Tours o duque d'Angoulême. Assim, a pessoa que por sua idade tinha o direito de esclarecer Vítor, a única que, por conselhos hábeis, poderia tornar mais perfeito o entendimento entre marido e mulher, essa pessoa estava morta. Júlia sentiu toda a imensidão dessa perda. Agora, entre o marido e ela só havia ela mesma. Mas, jovem e tímida, ela entregou-se antes ao sofrimento que à recriminação. A própria perfeição de seu caráter opunha-se a que ela ousasse subtrair-se a seus deveres ou tentasse pesquisar as causas de sua infelicidade; pois fazê-la cessar teria sido empresa muito delicada: Júlia recearia ofender seu pudor de jovem.

III – A MÃE

Agora, uma palavra sobre o destino do sr. d'Aiglemont durante a Restauração.

Não se encontra um grande número de homens cuja nulidade profunda é um mistério para a maioria das pessoas que os conhecem? Um posto elevado, uma origem ilustre, funções importantes, um certo verniz de polidez, uma grande reserva na conduta, ou o prestígio da fortuna são para eles como guardas que impedem as críticas de penetrar-lhes até a vida íntima. Essa gente parece-se com os reis cuja verdadeira estatura, cujo caráter e cujos costumes não podem nunca ser perfeitamente conhecidos nem justamente apreciados, porque são vistos ou de muito longe ou de muito perto. Essas criaturas de méritos fictícios interrogam em vez de falar, possuem a arte de colocar os outros em cena para evitar

representar diante deles; depois, com habilidade magistral, puxam cada um pelos fios de suas paixões ou de seus interesses, e jogam assim com homens que lhes são realmente superiores, fazem deles uns fantoches e os julgam pequenos por terem-nos rebaixado à sua altura. Obtêm então o triunfo natural de uma opinião mesquinha, mas fixa, sobre a mobilidade das grandes opiniões. De modo que, para apreciar essas cabeças ocas e pesar-lhes os valores negativos, o observador deverá possuir um espírito mais sutil que superior, mais paciência e agudeza de vista, mais firmeza e tato que elevação e grandeza nas ideias. Não obstante, por mais habilidade que esses usurpadores empreguem na defesa de seus flancos vulneráveis, é-lhes muito difícil enganar as esposas, as mães, os filhos ou o amigo da casa; mas essas pessoas quase sempre guardam segredo sobre uma coisa que, de certo modo, diz respeito à honra comum, e muitas vezes até os ajudam a iludir a sociedade.

Se, graças a essas conspirações domésticas, muitos tolos passam por homens superiores, eles compensam o número de homens superiores que passam por tolos, de modo que o Estado social tem sempre a mesma massa de capacidades aparentes. Imagine-se agora o papel que deve desempenhar uma mulher inteligente e sensível em presença de um marido dessa espécie; não depararemos com existências repletas de dor e de abnegação, das quais por coisa alguma deste mundo se sentirão recompensados certos corações cheios de amor e delicadeza? E se uma mulher forte se encontrar nessa horrível situação, sairá dela por um crime, como fez Catarina ii, _____ não obstante cognominada *a Grande*. Mas como nem todas as mulheres estão sentadas num trono, a maior parte delas entrega-se a desatinos domésticos que, por serem mais obscuros, não deixam de ser menos terríveis. Aquelas que procuram nesta vida consolo imediato para os seus males, o mais das vezes não conseguem senão substituí-los por outros, quando querem conservar-se fiéis a seus deveres, ou cometem faltas se violam as leis em proveito dos seus prazeres. Todas essas reflexões aplicam-se à história secreta de Júlia.

Enquanto Napoleão esteve no poder, o conde d'Aiglemont, coronel como tantos outros, bom ajudante de ordens, excelente para cumprir uma missão

perigosa, mas incapaz para um comando de alguma importância, não despertou nenhuma inveja, passou por ser um dos bravos protegidos pelo imperador, e foi o que os militares vulgarmente chamam de um bom rapaz. A Restauração, que lhe devolveu o título de marquês, não encontrou nele um ingrato: ele acompanhou os Bourbons a Gand.] Por esse ato de lógica e de fidelidade tornou-se mentiroso o horóscopo que o sogro tirara outrora, dizendo que o genro nunca passaria de coronel. Na segunda alternativa, nomeado tenente-general e reconduzido à dignidade de marquês, o sr. d'Aiglemont ambicionou chegar ao pariato; adotou as máximas e a política do *Conservateur*, valeu-se de uma dissimulação que nada escondia, tornou-se grave, interrogador, de poucas palavras e foi considerado um homem profundo. Entrincheirado sempre nas normas de polidez, munido de fórmulas, guardando e prodigalizando as frases feitas que se cunham regularmente em Paris para dar em troco miúdo aos tolos o sentido das grandes ideias ou dos fatos, os círculos sociais proclamaram-no homem de fino gosto e de saber. Obstinado em suas opiniões aristocráticas, foi citado como tendo um bom caráter. Se, por acaso, tornava-se descuidado ou alegre como fora outrora, a insignificância e a tolice de seus conceitos tinham para os outros subentendidos diplomáticos. “Oh, ele só diz aquilo que quer dizer!”, pensava muita gente boa. Serviam-lhe tão bem as qualidades como os defeitos. Sua bravura conquistara-lhe uma alta reputação militar a que nada desmentia, pois nunca tivera comando algum. Seu rosto másculo e nobre refletia pensamentos generosos, e só para a esposa a sua fisionomia era uma impostura. À força de ouvir toda a gente fazer justiça a seu falso talento, o marquês d'Aiglemont acabou por se persuadir de que era um dos homens mais notáveis da corte, onde, graças às aparências, soube agradar e onde seu multiforme valor foi aceito sem protestos.

Contudo, em casa, o sr. d'Aiglemont era modesto e instintivamente sentia a superioridade da mulher, se bem que ela fosse muito jovem; e desse respeito involuntário nasceu um poder oculto que a marquesa se viu forçada a aceitar, apesar de todos os seus esforços para repelir-lhe o fardo. Conselheira do marido, dirigia-lhe os atos e a fortuna. Essa influência antinatural foi para ela uma

espécie de humilhação e a fonte de muitos pesares que sepultava em seu coração. Acima de tudo, seu instinto, delicadamente feminino, dizia-lhe que é muito mais belo obedecer a um homem de talento do que conduzir um tolo, e que uma esposa jovem, obrigada a pensar e agir como homem, não é nem mulher nem homem, abdica de todas as graças de seu sexo, ficando privada de sua fraqueza, e não adquire nenhum dos privilégios que as nossas leis concederam aos mais fortes. Sua existência continha uma ironia bem amarga. Não estava ela obrigada a honrar um ídolo oco, a proteger seu protetor, pobre ser que, como prêmio por um devotamento contínuo, atirava-lhe o amor egoísta dos maridos, não vendo nela senão a mulher, não se dignando ou não sabendo — injúria igualmente profunda — preocupar-se com seus prazeres nem tampouco com os motivos de sua tristeza e de seu definhamento? Como a maioria dos maridos que sentem o jugo de um espírito superior, o marquês salvava seu amor-próprio concluindo da fraqueza física a fraqueza moral de Júlia, que ele se comprazia em lastimar, recriminando o destino por lhe ter dado como esposa uma moça doentia. Enfim, fazia-se de vítima, quando era carrasco. A marquesa, sob o peso de todos os desgostos dessa triste vida, devia ainda sorrir ao imbecil de seu marido, enfeitar com flores uma casa enlutada e ostentar felicidade num rosto empalidecido por suplícios íntimos.

Essa responsabilidade de honra e essa abnegação magnífica deram insensivelmente à jovem marquesa uma dignidade feminina, uma consciência de virtude que lhe serviram de escudo contra os perigos do mundo. Depois, para sondar a fundo esse coração, talvez até a infelicidade secreta que coroara seu primeiro, seu ingênuo amor de adolescente, fez com que ela tomasse horror às paixões. Talvez ela não concebesse nem o arrebatamento, nem as alegrias ilícitas, porém delirantes, que fazem com que certas mulheres esqueçam as leis da prudência, os princípios de virtude em que a sociedade repousa. Renunciando, como a um sonho, às doçuras, à terna harmonia que a respeitável experiência da sra. de Listomère-Landon lhe prometera, ela pôs-se a esperar com resignação o fim de suas penas, na expectativa de morrer jovem. Sua saúde, desde que regressara da Touraine, debilitava-se dia a dia, e a vida parecia-lhe ser medida

pelo sofrimento; sofrimento elegante, aliás, doença quase voluptuosa na aparência, e que podia passar aos olhos de pessoas menos avisadas por uma fantasia de mulher casquilha.

Os médicos haviam condenado a marquesa a permanecer deitada num divã, onde se estiolava em meio às flores que a cercavam, murchando como elas. Sua fraqueza não lhe permitia caminhar e expor-se ao ar; só saía em carruagem fechada. Sempre cercada de todas as maravilhas do luxo e da indústria moderna, parecia menos uma enferma que uma rainha indolente. Alguns amigos, sensibilizados talvez por seu infortúnio e por sua fraqueza, certos de sempre a encontrarem em casa, e sem dúvida também especulando sobre sua boa saúde futura, iam levar-lhe notícias e contar-lhe esses mil pequenos acontecimentos que tornam, em Paris, a existência tão variada. Sua melancolia, embora grave e profunda, era pois a melancolia da opulência. A marquesa d'Aiglemont assemelhava-se a uma bela flor cuja raiz é roída por um inseto daninho. Algumas vezes ela aparecia na sociedade, não por gosto, mas para obedecer às exigências da posição a que o marido aspirava. Sua voz e a perfeição de seu canto podiam permitir-lhe conquistar aplausos, o que quase sempre lisonjeia uma mulher; mas de que lhe serviriam sucessos que ela não ligava nem a sentimentos nem a esperanças? O marido não gostava de música. Enfim, sentia-se quase sempre contrafeita nos salões onde sua beleza atraía homenagens interesseiras. Neles, sua situação excitava uma espécie de compaixão cruel, uma curiosidade triste. Ela sofria duma inflamação comumente mortal, que as mulheres se dizem ao ouvido, e para a qual nossa neologia não soube ainda encontrar um nome. Malgrado o silêncio em que decorria sua vida, a causa de seu sofrimento não era segredo para ninguém. Sempre ingênua, apesar do casamento, o mínimo olhar a encabulava. Assim, para evitar corar, Júlia mostrava-se sempre risonha, alegre; simulava alegria, dizia-se bem-disposta, ou desviava as perguntas acerca de sua saúde com pudicas mentiras.

Entretanto, em 1817, um acontecimento contribuiu muito para modificar o estado deplorável em que Júlia vivera até então. Ela teve uma filha e quis criá-la. Durante dois anos, as vivas distrações e as inquietas alegrias próprias dos

cuidados maternos tornaram-lhe a vida menos infeliz. Teve de separar-se necessariamente do marido. Os médicos prognosticaram-lhe melhor saúde, mas a marquesa não deu crédito algum a esses hipotéticos presságios. Como todas as criaturas para quem a vida não tem encantos, talvez ela visse na morte um desenlace feliz.

No começo do ano de 1819, a vida foi-lhe mais cruel que nunca. No momento em que se felicitava pela ventura negativa que soubera conquistar, entreviu abismos medonhos. O marido, insensivelmente, desabituará-se dela. Esse arrefecimento de uma afeição já tão tibia e egoísta podia ser causa de mais de um sofrimento que seu fino tato e sua prudência faziam-lhe prever. Se bem que estivesse certa de conservar uma grande ascendência sobre Vítor e de ter obtido para sempre a sua estima, Júlia temia a influência das paixões sobre um homem tão nulo e tão vaidosamente irrefletido. Frequentemente os amigos surpreendiam Júlia entregue a longas meditações; os menos perspicazes perguntavam-lhe a causa, gracejando como se uma mulher não pudesse pensar senão em frivolidades, como se não existisse sempre um sentimento profundo nos pensamentos de uma mãe. Aliás, tanto a infelicidade como a felicidade verdadeira nos levam ao devaneio. Às vezes, brincando com Helena, Júlia fitava-a com um olhar sombrio e cessava de responder a essas interrogações infantis que tanto prazer dão às mães para indagar de seu destino ao presente e ao futuro. Os olhos enchiam-se-lhe então de lágrimas quando, de súbito, qualquer recordação lhe evocava a cena da parada das Tulherias. As proféticas palavras do pai soavam-lhe de novo aos ouvidos, e a consciência censurava-a por lhes ter desprezado a sabedoria. Dessa insensata desobediência provinham todos os seus infortúnios; e o mais das vezes ela não sabia, entre todos, qual o mais penoso de suportar.

Não somente os doces tesouros de sua alma permaneciam ignorados, como jamais conseguira fazer-se compreender pelo marido, mesmo nas coisas mais vulgares da vida. No momento em que nela se desenvolvia mais forte e ativa a faculdade de amar, o amor permitido, o amor conjugal extinguiu-se entre pesados sofrimentos físicos e morais. Ademais, ela sentia pelo marido essa

compaixão vizinha do desprezo, que destrói com o tempo todos os sentimentos. Enfim, se as conversas com alguns amigos, se os exemplos, ou se certas aventuras da alta sociedade não lhe tivessem ensinado que o amor traz felicidades imensas, suas feridas lhe teriam feito vislumbrar as alegrias íntimas e puras que devem unir as almas fraternas.

No quadro que sua memória traçava do passado, a cândida figura de Artur desenhava-se cada dia mais pura e mais bela, mas fugazmente, pois ela não ousava demorar-se nessa recordação. O tímido e mudo amor do jovem inglês era o único acontecimento que, desde o casamento, lhe havia deixado alguns doces vestígios no coração tristonho e solitário. Talvez que todas as esperanças burladas, todos os desejos malogrados que, gradualmente, entristeciam o espírito de Júlia, se trasladassem por um jogo natural de imaginação, para aquele homem, cujos modos, sentimentos e caráter pareciam possuir tantas afinidades com os seus. Mas esse pensamento tinha sempre a aparência de um capricho, de um sonho. Após esse sonho impossível, sempre encerrado por suspiros, Júlia despertava mais desditosa e sentia ainda mais suas dores latentes quando as havia adormecido sob as asas duma ventura imaginária.

Às vezes seus queixumes tomavam um caráter de loucura e de audácia, desejava prazeres a qualquer preço; mas, com mais frequência ainda, permanecia abismada em não sei que estúpido torpor, escutando sem compreender, ou concebendo pensamentos tão vagos, tão indecisos, que não encontraria palavras para os traduzir. Ferida nos seus mais íntimos anelos, na vida que idealizara quando jovem, via-se obrigada a sufocar suas lágrimas. A quem poderia queixar-se? Quem a entenderia? Além disso, ela possuía essa extrema delicadeza feminina, esse maravilhoso pudor de sentimento que consiste em calar uma queixa inútil, em não conquistar uma superioridade quando o triunfo há de humilhar o vencedor e o vencido. Júlia tentava transmitir sua capacidade, suas próprias virtudes ao sr. d'Aiglemont e vangloriava-se de experimentar a felicidade que lhe faltava. Toda sua finura de mulher era empregada em pura perda, em atenções ignoradas por aquele cujo despotismo perpetuava. Havia momentos em que ela se sentia embriagada de infelicidade, sem noção de nada,

sem freio; mas, felizmente, uma piedade verdadeira conduzia-a sempre a uma esperança: refugiava-se no futuro, com uma fé admirável que a fazia de novo aceitar sua dolorosa tarefa. Esses terríveis combates, esses tumultos de alma eram inglórios, suas longas melancolias eram desconhecidas; nenhuma criatura lhe recolhia os olhares ternos, as lágrimas amargas vertidas na solidão.

Os perigos da situação crítica a que tinha chegado insensivelmente pela força das circunstâncias revelaram-se à marquesa, em toda a sua gravidade, numa noite do mês de janeiro de 1820. Quando dois esposos se conhecem perfeitamente e estão habituados um com o outro, quando uma mulher sabe interpretar os mínimos gestos de um homem e é capaz de penetrar os sentimentos ou as coisas que ele lhe oculta, sucede que luzes súbitas jorram muita vez após reflexões ou observações precedentes, fruto do acaso ou originariamente feitas com indiferença. Muitas vezes uma mulher desperta de repente à beira ou no fundo de um abismo. Assim, a marquesa, feliz por se encontrar só havia alguns dias, descobriu o segredo de sua solidão. Inconstante ou enfadado, generoso ou compassivo para com ela, o marido não mais lhe pertencia. Nesse momento ela não pensou mais em si, nem nos seus sofrimentos nem nos seus sacrifícios. Foi apenas mãe, e encarou a fortuna, o futuro, a felicidade da filha; sua filha, a única criatura que lhe proporcionava um pouco de felicidade; sua Helena, o único bem que a prendia à vida. Agora, Júlia desejava viver para preservar a filha do jugo medonho sob o qual uma madrasta poderia sufocar a vida daquele ente querido. A essa nova previsão dum futuro sinistro, ela caiu numa dessas ardentes meditações que devoram anos de vida. Daí em diante, entre ela e o marido, deveria haver um mundo de pensamentos cujo peso só ela suportaria. Até então, certa de ser amada por Vítor, na medida em que ele era capaz de amar, ela se dedicara a uma felicidade de que não partilhava; mas agora, já não tendo a satisfação de saber que suas lágrimas davam alegria ao marido, sozinha no mundo, não lhe restava mais que o sofrimento. Em meio ao desânimo que, na calma e no silêncio da noite, lhe relaxava todas as forças; no momento em que, deixando o divã e afastando-se do fogo quase apagado, ela ia, com os olhos enxutos, contemplar a filha à luz duma candeia, entrou o sr.

d'Aiglemont, que vinha radiante de alegria. Júlia fê-lo apreciar o sono de Helena, mas ele acolheu o entusiasmo da mulher com uma frase banal.

— Nesta idade — disse ele — todas as crianças são formosas.

E, depois de ter beijado com indiferença a testa da filha, baixou as cortinas do berço, fitou Júlia, tomou-lhe a mão e fê-la sentar-se ao seu lado naquele mesmo divã onde ela acabara de remoer tantos pensamentos sombrios.

— Está belíssima esta noite, sra. d'Aiglemont! — exclamou com aquele insuportável ar folgazão cuja vacuidade a marquesa tão bem conhecia.

— Onde passou a noite? — perguntou ela fingindo uma profunda indiferença.

— Em casa da sra. de Sérisy.

Ele pegara um leque que estava sobre a lareira e examinava-lhe com atenção a transparência, sem ter notado os vestígios das lágrimas vertidas pela esposa. Júlia estremeceu. As palavras seriam impotentes para exprimir a torrente de pensamentos que lhe brotou da alma e que teve de conter.

— A sra. de Sérisy dará uma reunião na próxima segunda-feira e deseja imensamente que você compareça. Como faz tanto tempo que não aparece na sociedade, ela quer vê-la em sua casa. É uma ótima senhora, que a estima muito. Dar-me-á um grande prazer se comparecer; quase respondi por você...

— Irei — respondeu Júlia.

O tom de voz, a expressão e o olhar da marquesa tinham qualquer coisa de tão penetrante, de tão particular, que, apesar da sua despreocupação, Vítor fitou a mulher com espanto. Mas isso foi tudo. Júlia compreendera que a sra. de Sérisy era a mulher que lhe roubara o coração do marido. Mergulhou numa meditação desesperadora e simulou observar o fogo. Vítor brincava com o leque entre as mãos, com o ar enfadado de um homem que, depois de ter sido feliz noutra lugar, traz para casa o cansaço da felicidade. Depois de ter bocejado várias vezes, pegou um candelabro com uma das mãos e com a outra procurou languidamente o pescoço da mulher e quis beijá-la. Júlia, porém, abaixou-se, ofereceu-lhe a fronte e nela recebeu o beijo de boa-noite, um beijo maquinal, sem amor, espécie de careta que lhe pareceu odiosa. Quando Vítor fechou a

porta, a marquesa caiu numa poltrona; suas pernas haviam fraquejado e ela rompeu em lágrimas. É preciso ter sofrido o suplício de alguma cena análoga para compreender tudo o que esta encerra de sofrimentos, para adivinhar os longos e terríveis dramas a que ela dá lugar. Aquelas palavras simples e banais, aqueles silêncios entre os dois esposos, os gestos, os olhares, a maneira com que o marquês se sentou diante do fogo, a atitude que teve procurando beijar o pescoço da mulher, tudo contribuíra para fazer daquela hora um trágico desenlace à vida solitária e dolorosa levada por Júlia. Na sua loucura, ela pôs-se de joelhos diante do divã, mergulhou nele o rosto para nada ver e rezou, dando às palavras habituais de sua oração um acento íntimo, uma significação nova que teriam dilacerado o coração do marido, se ele a tivesse ouvido.

Entregue à sua desdita, ela passou oito dias preocupada com o futuro, estudando os meios de não mentir ao seu coração, de reconquistar seu império sobre o marquês e de viver o mais possível para velar pela felicidade da filha. Resolveu então lutar contra a rival, reaparecer na sociedade, brilhar nela; resolveu fingir ter pelo marido um amor que não mais podia sentir, e seduzi-lo; depois, quando com seus artifícios o tivesse submetido ao seu poder, ser *coquette* para com ele como o são essas caprichosas amantes que têm um prazer todo especial em atormentar os homens que as amam. Esse estratagema odioso era o único remédio possível para os seus males. Desse modo ela se tornaria senhora de seus sofrimentos, poderia ordená-los ao seu bel-prazer, e fazê-los mais raros, dominando, subjugando o marido com um despotismo terrível. Não sentiu mais nenhum remorso por tornar-lhe a vida difícil. De um só salto, ela lançou-se no frio calculismo da indiferença. Para salvar a filha, ela enxergou de súbito todas as perfídias, as mentiras das criaturas que não amam, os embustes da coqueteria e essas atozes astúcias que tornam tão profundamente aborrecida a mulher na qual os homens supõem então corrupções inatas. Sem Júlia dar-se conta, sua vaidade feminina, seu interesse e um vago desejo de vingança uniram-se ao seu amor maternal para a fazer entrar num caminho onde novos sofrimentos a aguardavam. Ela possuía, porém, a alma muito bem formada, o espírito muito delicado, e principalmente muita franqueza para permanecer muito tempo

cúmplice dessas fraudes. Habituada a ler em si mesma, ao primeiro passo no vício — que era esse o caminho que tomava — o grito de sua consciência deveria sufocar o das paixões e do egoísmo. Com efeito, numa mulher jovem que ainda tem o coração puro, em que o amor permanece virgem, o próprio sentimento da maternidade está submetido à voz do pudor. O pudor não é toda a mulher? Mas Júlia não quis ver nenhum perigo, nenhum erro na sua nova vida. Foi à casa da sra. de Sérisy. Sua rival esperava uma mulher desfigurada, abatida; a marquesa pusera ruge e se apresentou num trajar deslumbrante que ainda mais lhe realçava a beleza.

A condessa de Sérisy era uma dessas mulheres que pretendem exercer em Paris uma espécie de império sobre a moda e sobre a sociedade; ditava sentenças que, acolhidas no círculo em que reinava, lhe pareciam universalmente adotadas; tinha a pretensão de criar ditos; era soberanamente sentenciosa. Literatura, política, homens e mulheres, tudo lhe sofria a censura; e ela parecia desafiar a dos outros. Sua casa era em tudo um modelo de bom gosto.

No meio daqueles salões repletos de mulheres elegantes e belas, Júlia triunfou da condessa. Espirituosa, viva, desenvolta, reuniu em torno de si os homens mais distintos do sarau. Para desespero das mulheres, seu traje era inatacável, e todas lhe invejaram o feitio do vestido, o talhe do corpete, cujo efeito foi por elas atribuído ao gênio de uma modista desconhecida, pois as mulheres preferem acreditar na ciência do vestuário do que na graça e na perfeição daquelas que têm o dom natural de usá-los com elegância. Quando Júlia se levantou para ir ao piano cantar a romança de *Desdêmona*, os homens acorreram de todas as salas para ouvir aquela voz famosa, muda há tanto tempo; e fez-se um profundo silêncio. A marquesa experimentou uma viva emoção ao ver as cabeças aglomeradas nas portas e todos os olhares voltados para ela. Procurou o marido, lançou-lhe um olhar cheio de sedução, e viu com prazer que naquele momento seu amor-próprio estava extraordinariamente lisonjeado. Radiante com esse triunfo, ela encantou o auditório com a primeira parte de *Al più salice.* Tanto a Malibran como a Pasta jamais tinham feito ouvir canto tão perfeito de sentimento e de entonação; mas no momento em que

repetia a canção, passando os olhos pelo auditório, ela divisou Artur que a fitava fixamente. Estremeceu e a voz se lhe alterou.

A sra. de Sérisy correu para a marquesa:

— Que tem, minha querida? Oh, pobrezinha está tão fraca! Eu tremia ao vê-la tentar uma coisa acima de suas forças...

A romança foi interrompida. Júlia, despeitada, não se sentiu com coragem de prosseguir e sofreu a compaixão pérfida da rival. Todas as mulheres cochicharam; afinal, à força de discutir esse incidente, descobriram a luta iniciada entre a marquesa e a sra. de Sérisy, que não pouparam em sua maledicência.

Os estranhos pressentimentos, que tantas vezes tinham perturbado Júlia, repentinamente se realizavam. Pensando em Artur, ela comprazia-se em acreditar que um homem, na aparência tão suave, tão delicado, deveria permanecer fiel ao seu primeiro amor. Por vezes gabava-se de ser o objeto dessa linda paixão, a paixão pura e verdadeira de um jovem cujos pensamentos pertencem todos à sua bem-amada, cujos momentos lhe são todos consagrados, que não tem subterfúgios, que cora com o que faz corar uma mulher, que pensa como uma mulher, que não lhe dá rivais e a ela se entrega sem pensar na ambição, nem na glória, nem na fortuna. Tudo isso ela sonhara a respeito de Artur na extravagância, por distração, e de repente julgou ver seu sonho realizado. No rosto quase feminino do jovem inglês leu os pensamentos profundos, as doces melancolias, as resignações dolorosas de que ela também era vítima. Reconheceu-se nele. O infortúnio e a melancolia são os mais eloquentes intérpretes do amor e estabelecem ligação com incrível rapidez entre dois seres que sofrem. A visão íntima e a elaboração e assimilação das coisas ou das ideias são neles completas e justas. Por isso, a violência do choque recebido pela marquesa revelou-lhe todos os perigos do futuro. Satisfeita por encontrar em seu estado de saúde um pretexto para justificar sua perturbação, deixou-se de boa vontade derrotar pela engenhosa piedade da sra. de Sérisy. A interrupção da romança foi um acontecimento que deu que falar, de forma diversa, a muitas pessoas. Uns deploravam a sorte de Júlia e lamentavam que uma mulher tão

interessante estivesse perdida para a vida social; outros indagavam da causa de seus sofrimentos e da solidão em que ela vivia.

— Então! meu caro Ronquerolles — dizia o marquês ao irmão da sra. de Sérisy —, invejavas minha felicidade, vendo a sra. d’Aiglemont, e me censuravas por lhe ser infiel? Pois havias de achar minha sorte bem pouco desejável se ficasses como eu, durante um ou dois anos, junto a uma linda mulher sem ousar beijar-lhe a mão, com medo de magoá-la. Não te impressiones nunca com essas florezinhas delicadas, boas unicamente para serem postas numa redoma, e que, por sua fragilidade, por seu preço, somos obrigados a respeitar. Soltas muito frequentemente teu lindo cavalo, para o qual receias, segundo me disseram, à chuva e à neve? Está aí a minha história. É verdade que tenho certeza da virtude de minha mulher, mas meu casamento é um objeto de luxo; e se me julgas casado, te enganas. Assim, pois, minhas infidelidades são de certa forma legítimas. Gostaria muito de saber como é que vocês se portariam, no meu lugar, senhores motejadores! Muitos homens não teriam tantas atenções como eu tenho com minha mulher. Tenho certeza — acrescentou em voz baixa — que a sra. d’Aiglemont não desconfia de nada. Assim, eu procederia muito mal se me queixasse. Sou muito feliz... Só que nada é mais aborrecido para um homem sensível do que ver sofrer uma pobre criatura a quem está ligado...

— És então muito sensível — retorquiu o sr. de Ronquerolles —, pois quase nunca estás em casa.

Esse amistoso epigrama fez rir os circunstantes; mas Artur permaneceu frio e imperturbável, como um *gentleman* que adotou a gravidade como base de seu caráter. As estranhas palavras daquele marido alimentaram sem dúvida algumas esperanças no jovem inglês, que aguardou com paciência um momento em que se encontrasse a sós com o sr. d’Aiglemont, o que não tardou muito.

— Senhor — disse-lhe ele —, vejo com uma pena infinita o estado em que se acha a senhora marquesa, e se soubesse que, por falta de um regime adequado, ela deve morrer miseravelmente, creio que não gracejaria acerca de seus sofrimentos. Se assim lhe falo é porque me sinto de certo modo autorizado pela certeza que tenho de salvar a sra. d’Aiglemont e de restituí-la à vida e à

felicidade. É pouco comum que um homem da minha estirpe seja médico; todavia, quis o destino que eu estudasse medicina. Ora, eu me aborreço bastante — disse ele, afetando um frio egoísmo que deveria servir a seus desígnios — para que me seja indiferente despendar meu tempo e minhas viagens em proveito duma criatura que sofre, em vez de satisfazer loucas fantasias. As curas dessa espécie de doença são raras, porque exigem muitos cuidados, tempo e paciência; é preciso sobretudo ter fortuna, viajar, seguir escrupulosamente prescrições que variam diariamente e que nada têm de desagradável. Somos ambos cavalheiros — disse, dando a este termo a acepção da palavra inglesa *gentleman* — e nos podemos entender. Desde já lhe aviso que, se aceitar a minha proposta, o senhor será em todos os momentos juiz da minha conduta. Nada farei sem o ter por conselheiro, por fiscal, e respondo pelo sucesso se consentir em me obedecer. Sim, se está disposto a deixar de ser por muito tempo marido da sra. d’Aiglemont — segredou-lhe ao ouvido.

— Não resta dúvida, *milord* — disse o marquês sorrindo —, só um inglês me poderia fazer uma proposta tão esquisita. Permita-me não recusá-la e também não aceitá-la; vou refletir. Depois, antes de mais nada, ela deve ser submetida à minha mulher.

Nesse momento Júlia voltava ao piano. Cantou a ária de *Semiramide*, *Son regina, son guerriera*. Aplausos unânimes, mas surdos, por assim dizer, as aclamações polidas do Faubourg Saint-Germain, testemunharam o entusiasmo que ela despertou.

Quando d’Aiglemont conduziu a mulher de volta ao seu palacete, Júlia viu com uma espécie de prazer inquieto o pronto êxito de suas tentativas. O marido, excitado pelo papel que ela acabava de desempenhar, quis homenageá-la com um amor repentino, e cortejou-a, como teria feito a uma atriz. Júlia achou divertido ser tratada assim, ela, virtuosa e casada; tentou brincar com seu poder, mas nessa primeira luta, sua bondade fê-la sucumbir mais uma vez, e essa foi a mais terrível das lições que lhe reservara o destino. Pelas duas ou três horas da madrugada, Júlia estava sentada no leito conjugal, tristonha e pensativa; a luz vacilante de uma lamparina iluminava fracamente o quarto, onde reinava o mais

profundo silêncio; havia cerca de uma hora, ela, entregue a pungentes remorsos, vertia lágrimas de uma amargura que só pode ser compreendida por mulheres que se tenham encontrado na mesma situação. Seria necessário ter a alma de Júlia para sentir, como ela, o horror duma carícia calculada, para ver igual afronta num beijo glacial; apostasia do coração, ainda agravada por uma dolorosa prostituição. Ela se desprezava, maldizia o casamento, desejaria ter morrido; e, não fosse um grito da filha, talvez se tivesse atirado à rua, pela janela. O sr. d'Aiglemont dormia placidamente a seu lado, sem ser despertado pelas lágrimas quentes que a esposa deixava cair sobre ele. No dia seguinte Júlia conseguiu mostrar-se alegre. Encontrou forças para parecer feliz e esconder não mais sua melancolia, mas um invencível horror. Desse dia em diante não se considerou mais uma mulher irrepreensível. Não tinha mentido a si mesma? Não era, pois, capaz de dissimulação e não poderia mais tarde atingir uma profundidade espantosa nos delitos conjugais? Seu casamento era a causa dessa perversidade *a priori* que não se exercia ainda sobre nada. A esse tempo, ela já se perguntara por que resistir a um ser amado, quando se entregava, contrariando o coração e o impulso da natureza, a um marido a quem não mais amava. Todas as faltas, e talvez os crimes, têm por princípio um raciocínio errado ou algum excesso de egoísmo. A sociedade só pode existir pelos sacrifícios individuais que as leis exigem. Aceitar-lhe as vantagens não será assumir o compromisso de manter as condições que a fazem subsistir? Os miseráveis sem pão, obrigados a respeitar a propriedade, não são menos dignos de lástima do que as mulheres feridas nos seus anelos e nas delicadezas de sua natureza.

Poucos dias após essa cena, cujo segredo ficou sepulto no leito conjugal, d'Aiglemont apresentou *lord* Grenville à mulher. Júlia recebeu Artur com uma polidez fria que fazia honra à sua dissimulação. Ela impôs silêncio ao seu coração, velou os olhares, deu firmeza à voz e conseguiu assim ficar senhora de seu futuro. Depois, tendo reconhecido por esses meios, que, por assim dizer, são inatos na mulher, toda a extensão do amor que inspirara, a sra. d'Aiglemont sorriu à esperança de um pronto restabelecimento, e não opôs mais resistência à vontade do marido, que por força queria que ela aceitasse os cuidados do jovem

médico. Contudo, ela não quis fiar-se em *lord* Grenville senão depois de ter estudado bem suas palavras e maneiras, para ficar segura de que ele teria a generosidade de sofrer em silêncio. Ela tinha sobre ele o mais absoluto poder, do qual já abusava; não era mulher?

IV – A DECLARAÇÃO

Montcontour é um velho solar situado sobre um desses áureos rochedos a cujos pés corre o Loire, não longe do sítio onde Júlia parara em 1814. É um desses pequenos castelos da Touraine, brancos, lindos, com torrezinhas esculpidas, bordados como uma renda de Malines; um desses castelos delicados, elegantes, que se refletem nas águas do rio com seus ramos de amoreiras, suas vinhas, seus caminhos fundos, suas longas balaustradas rendilhadas, suas escavações na rocha, seus tapetes de hera e suas escarpas. Os telhados de Montcontour cintilam aos raios do sol; tudo ali é ardente. Inúmeros vestígios da Espanha tornam poética essa encantadora vivenda: as giestas douradas e as campainhas perfumam a brisa; o ar é acariciante, a terra sorri por toda a parte, e por toda a parte doces encantos envolvem a alma, tornam-na lânguida e apaixonada, suavizam-na e a embalam. Essa bela e amena região adormece as dores e desperta as paixões. Ninguém permanece frio sob aquele céu puro, diante daquelas águas cintilantes. Ali fenece mais de uma ambição, ali nos deitamos no seio de uma felicidade tranquila, como todas as tardes o sol se deita em seus lençóis de púrpura e azul.

Por uma plácida tarde do mês de agosto, em 1821, duas pessoas subiam os caminhos pedregosos que recortam os rochedos em que assenta o castelo, e dirigiam-se para o ponto mais alto a fim de admirar, sem dúvida, os múltiplos panoramas que dali se descortinam. Essas duas pessoas eram Júlia e *lord* Grenville; mas Júlia parecia ser uma outra mulher. A marquesa denotava, por suas cores vivas, franca saúde. Seus olhos, vivificados por um poder fecundo, cintilavam através de um vapor úmido, semelhante ao fluido que dá aos olhos

das crianças irresistíveis encantos. Ela sorria amplamente, sentia-se feliz por viver, e fruía a vida. Pela maneira de caminhar, era fácil ver-se que nenhum sofrimento entorpecia como outrora seus menores movimentos, e não lhe amortecia nem o olhar, nem a voz, nem os gestos. Sob a sombrinha de seda branca que a defendia dos quentes raios de sol, ela se assemelhava a uma noiva sob o véu, a uma virgem prestes a entregar-se aos enlevos do amor.

Artur conduzia-a com um cuidado de apaixonado, guiava-a como se guia uma criança, levava-a pelo melhor caminho, fazia-a evitar as pedras, mostrava-lhe um panorama ou uma flor, sempre movido por um constante sentimento de bondade, por uma intenção delicada, por um conhecimento íntimo do bem-estar daquela mulher, sentimentos que pareciam ser-lhe inatos, tanto quanto ou talvez mais que os movimentos necessários à sua própria existência. A doente e o médico caminhavam no mesmo passo sem se admirarem de um acordo que parecia ter existido desde o primeiro dia em que caminharam juntos; obedeciam a uma mesma vontade, detinham-se, impressionados pelas mesmas sensações; seus olhares e suas palavras correspondiam a pensamentos mútuos. Quando chegaram ao alto de um parreiral, quiseram descansar numa dessas pedras brancas e compridas que continuamente são extraídas das cavidades abertas nos rochedos; mas, antes de sentar-se, Júlia contemplou o local.

— Lindo lugar! — exclamou. — Armemos uma tenda e vivamos aqui. Vítor — gritou —, venha, venha depressa!

O sr. d'Aiglemont respondeu de baixo, com um grito de caçador, mas sem apressar a marcha; somente olhava para sua companheira de tempos em tempos, quando as sinuosidades do caminho o permitiam. Júlia aspirou o ar com prazer, levantando a cabeça e lançando a Artur um desses olhares expressivos com que uma mulher inteligente revela todo o seu pensamento.

— Oh! — tornou ela — gostaria de viver sempre aqui. Será possível que alguém se canse de admirar este maravilhoso vale? Sabe o nome deste lindo rio, *milord*?

— É o Cise.

— O Cise — repetiu ela. — E lá, na nossa frente, o que é?

— São as colinas do Cher.

— E à direita? Ah, é Tours! Mas veja que admirável efeito produzem à distância as torres da cathedral!

Calou-se e deixou cair sobre a mão de Artur a mão que estendera apontando para a cidade. Ambos admiraram em silêncio a paisagem e as belezas daquela natureza harmoniosa. O murmúrio das águas, a pureza do ar e do céu, tudo combinava com os pensamentos que afluíram em turbilhão a seus corações jovens e apaixonados.

— Oh, meu Deus, como gosto desta região! — repetiu Júlia com um entusiasmo crescente e espontâneo. — Morou aqui muito tempo? — tornou depois de uma pausa.

A essas palavras *lord Grenville* estremeceu.

— Foi ali — respondeu ele com melancolia, mostrando um grupo de nogueiras à margem da estrada —, foi ali que, prisioneiro, eu a vi pela primeira vez...

— Sim, mas eu já estava muito triste; esta natureza me pareceu selvagem, e agora...

Calou-se. *Lord Grenville* não ousou fitá-la.

— É ao senhor — disse Júlia, afinal, depois de um longo silêncio — que eu devo este prazer. É preciso estar viva para experimentar as alegrias da vida, e até agora eu estava morta para tudo. O senhor me deu mais que a saúde, ensinou-me a apreciar-lhe todo o valor...

As mulheres têm um inimitável talento para exprimir seus sentimentos sem empregar expressões demasiado vivas; sua eloquência está principalmente na entonação, no gesto, na atitude e no olhar. *Lord Grenville* escondeu a cabeça entre as mãos porque lhe rolavam lágrimas dos olhos. Esse agradecimento era o primeiro que lhe fazia Júlia desde que haviam saído de Paris. Durante todo um ano ele cuidara da marquesa com a maior das dedicações. Auxiliado por d'Aiglemont, conduzira-a às águas de Aix, depois às praias marítimas de La Rochelle. Observando a todo instante as mudanças que suas sábias e simples prescrições produziam na constituição combalida de Júlia, ele a cultivara como a

uma flor rara, um floricultor apaixonado. A marquesa parecera receber os cuidados inteligentes de Artur com todo o egoísmo duma parisiense habituada às homenagens, ou com a negligência duma cortesã que não sabe o custo das coisas nem o valor dos homens, e os avalia segundo o grau de utilidade que para ela encerram.

A influência que os lugares exercem sobre a alma é um fato digno de atenção. Se infalivelmente a melancolia se apodera de nós quando estamos à beira d'água, uma outra lei da nossa natureza impressionável faz com que, nas montanhas, nossos sentimentos se apurem; aí, a paixão ganha em profundidade o que parece perder em vivacidade. O aspecto da amplidão do Loire e a elevação da formosa colina onde os dois apaixonados estavam sentados eram, possivelmente, a causa da calma deliciosa em que eles saboreavam pela vez primeira a felicidade que se goza em descobrir a extensão de uma paixão que se esconde sob palavras de aparência insignificante. No momento em que Júlia concluía a frase que tanto emocionara *lord* Grenville, uma brisa acariciante agitou o cimo das árvores, espalhou pelo ar a frescura das águas; algumas nuvens encobriram o sol, e uma leve obscuridade deixou à mostra toda a beleza daquela maravilhosa paisagem. Júlia voltou a cabeça para não dar a ver ao jovem *lord* as lágrimas que conseguiu reter e enxugar, pois o enternecimento de Artur a conquistara de pronto. Não ousou erguer os olhos para ele, no temor de que traíssem a imensa alegria que neles se estampava. Seu instinto de mulher fazia-a sentir que nessa hora perigosa ela devia sepultar seu amor no fundo do coração. Entretanto, o silêncio podia ser igualmente temível. Ao perceber que *lord* Grenville não estava em condições de pronunciar uma palavra sequer, Júlia volveu numa voz meiga:

— Minhas palavras o comoveram, *milord*? Talvez essa viva expansão seja a maneira por que uma alma sensível e boa como a sua retifica um falso julgamento. Julgou-me ingrata, vendo-me fria e reservada, ou zombeteira e insensível, durante esta viagem, que felizmente vai em breve terminar. Eu não teria sido digna de receber seus cuidados, se não os tivesse sabido apreciar. Não esqueci nada, *milord*. Sim! não esquecerei nada, nem a solicitude que o fazia

velar por mim como uma mãe vela pelo filho, nem principalmente a nobre confiança de nossas conversas fraternais, a delicadeza de seu procedimento; seduções contra as quais todas nós nos encontramos sem defesa. *Milord*, não está no meu poder recompensá-lo...

Dito isso, Júlia afastou-se precipitadamente, e *lord* Grenville não fez nenhum movimento para detê-la; a marquesa foi até uma rocha pouco distante e ali permaneceu imóvel. Suas emoções foram um mistério para eles próprios. Sem dúvida choraram em silêncio. O canto dos pássaros, tão alegre, tão pródigo de expressões ternas ao pôr do sol, aumentou certamente a violenta comoção que os forcara a separar-se: a natureza encarregava-se de exprimir-lhes um amor de que eles não ousavam falar.

— Pois bem, *milord* — tornou Júlia voltando para junto dele numa atitude tão digna que lhe permitiu tomar-lhe a mão —, pedir-lhe-ei que torne santa e pura a vida que me restituiu. Aqui, vamo-nos separar. Sei — acrescentou vendo que *lord* Grenville empalidecia — que, por retribuição de seu devotamento, vou exigir-lhe um sacrifício ainda maior do que aqueles cuja extensão deveria ser mais bem reconhecida por mim... Mas é preciso... O senhor não permanecerá na França. Ordenar-lhe isso não é dar-lhe direitos que serão sagrados? — acrescentou, colocando a mão do moço sobre seu coração palpitante.

— Sim — disse Artur erguendo-se.

Nesse momento, ele mostrou d'Aiglemont, que trazia a filha no colo e que apareceu do outro lado de um caminho escavado, na balaustrada do castelo. Ele subira ali para fazer saltar a pequena Helena.

— Júlia, não lhe falarei do meu amor; nossas almas compreendem-se perfeitamente. Por mais profundas, por mais secretas que tenham sido as alegrias de meu coração, você partilhou de todas. Eu sinto, eu sei, eu vejo isso. Agora, possuo a deliciosa prova da constante simpatia de nossos corações; mas fugirei... Várias vezes já imaginei com excessiva habilidade os meios de poder matar esse homem, para poder resistir à tentação se continuasse junto de você.

— Eu também pensei nisso — disse ela, deixando transparecer no rosto perturbado a expressão de uma dolorosa surpresa.

Mas havia, na entonação da voz e no gesto que escapara a Júlia, tanta virtude, tanta confiança em si mesma e tantas vitórias secretamente obtidas sobre o amor, que *lord Grenville* ficou perplexo de admiração. A própria sombra do crime tinha desvanecido naquela consciência pura. O sentimento religioso que dominava aquela bela cabeça expulsaria sempre os maus pensamentos involuntários que nossa natureza imperfeita engendra, mas que mostram ao mesmo tempo a grandeza e os perigos do nosso destino.

— Mas então — tornou ela — ter-me-ia exposto ao seu desprezo e ele me teria salvado — acrescentou baixando os olhos. — Perder sua estima não será morrer?

Os dois heroicos apaixonados permaneceram ainda um momento silenciosos, ocupados em remover suas tristezas: bons e maus, seus pensamentos eram fielmente os mesmos, e se entendiam tão bem nos prazeres mais íntimos como nas mais secretas dores.

— Não devo queixar-me, a infelicidade de minha vida é obra minha — ajuntou ela, erguendo para o céu os olhos rasos de lágrimas.

— *Milord* — exclamou o general do lugar onde estava fazendo um gesto —, foi aqui que nos encontramos pela primeira vez. Provavelmente não se lembra mais. Olhe, lá embaixo, junto daqueles choupos.

O inglês respondeu com uma brusca inclinação de cabeça.

— Eu deveria morrer jovem e infeliz — prosseguiu Júlia. — Sim, não creia que eu viva. O desgosto será tão mortal quanto o poderia ser a terrível doença de que me curou. Não me julgo culpada. Não, os sentimentos que nutro pelo senhor são irresistíveis, eternos, mas involuntários, e eu quero permanecer virtuosa. Contudo, serei ao mesmo tempo fiel à minha consciência de esposa, a meus deveres de mãe e aos desejos do meu coração. Escute — disse ela numa voz alterada —, nunca mais pertencerei a esse homem, nunca.

E, com um gesto significativo de horror e de verdade, Júlia designou o marido.

— As leis do mundo — tornou ela — exigem que eu torne a existência dele feliz, e eu obedecerei; serei sua escrava; minha dedicação por ele não terá

limites, mas de hoje em diante sou viúva. Não quero ser uma prostituta nem a meus olhos nem aos olhos do mundo. Se não pertenco mais ao sr. d'Aiglemont, também não pertencerei a nenhum outro. O senhor não terá de mim nada além do que já conseguiu. Eis a sentença que proferi contra mim mesma — disse Júlia, fitando Artur com altivez. — Ela é irrevogável, *milord*. Agora, saiba que, se o senhor cedesse a um impulso criminoso, a viúva do sr. d'Aiglemont entraria para um convento, ou na Itália, ou na Espanha. Quis a fatalidade que falássemos de nosso amor. Essa confissão talvez fosse inevitável; mas seja essa a última vez em que nossos corações tenham tão fortemente vibrado. Amanhã, simulará ter recebido uma carta que o chama à Inglaterra, e nos separaremos para nunca mais nos vermos.

Nesse instante, Júlia, exausta pelo esforço, sentiu dobrarem-se-lhe os joelhos, um frio mortal se apoderou dela e, levada por um pensamento bem feminino, sentou-se para não cair nos braços de Artur.

— Júlia! — gritou *lord* Grenville.

Esse grito pungente repercutiu como um raio. Esse dilacerante brado exprimiu tudo o que o apaixonado, mudo até então, não pudera dizer.

— Que é que ela tem? — perguntou o general.

Ao ouvir o grito, o marquês apressara o passo e chegara logo ante aos dois amorosos.

— Não foi nada — disse Júlia, com esse admirável sangue-frio que a finura natural às mulheres permite-lhes muitas vezes mostrar nas grandes crises da vida. — O frio da sombra desta noqueira ia me fazendo perder os sentidos, e o meu doutor assustou-se. Não sou para ele como uma obra de arte ainda inacabada? Provavelmente, temeu vê-la destruída...

Tomou audaciosamente o braço de *lord* Grenville, sorriu ao marido, olhou a paisagem antes de deixar o cimo dos rochedos e arrastou seu companheiro de viagem, pegando-lhe a mão.

— Este é certamente o mais lindo lugar que já vimos — disse ela —, nunca o esquecerei. Veja, Vítor, que amplidão, que variedade de panoramas se descortina. Este lugar faz-me pensar no amor.

Rindo com um riso quase convulsivo, mas rindo de modo a enganar o marido, ela saltou alegremente para o caminho em descida e desapareceu.

— Como! tão cedo?... — disse ela quando se achou longe do sr. d’Aiglemont. — Daqui a um momento não mais poderemos ser, e nunca mais seremos nós mesmos; enfim, cessaremos de viver...

— Vamos devagar — respondeu *lord Grenville* —, as carruagens ainda estão longe. Caminharemos juntos, e se nos é permitido expressar-nos falando com os olhos, nossos corações terão mais um momento de vida.

Passearam pelo terraço, pela beira do rio, às últimas luzes do dia, quase silenciosos, dizendo palavras vagas, doces como o murmúrio do Loire, mas que abalavam a alma. O sol, no momento de desaparecer, envolveu-os em seus reflexos vermelhos, imagem melancólica daquele amor fatal. Preocupado por não encontrar sua carruagem no ponto em que ela estacionara, o general seguia ou precedia os dois enamorados, sem se intrometer na palestra. A nobre e delicada conduta de *lord Grenville* durante a viagem destruíra as suspeitas do marquês, e desde algum tempo ele deixava a mulher livre, confiando na fé púnica do *lord* doutor. Artur e Júlia caminharam ainda na triste e dolorosa união de seus corações dilacerados. Pouco antes, quando subiam pelas escarpas de Montcontour, sentiam ambos uma vaga esperança, numa felicidade inquieta que não ousavam definir; mas ao descerem ao longo do terraço, haviam derrubado o frágil edifício construído em suas imaginações, e sobre o qual nem ousavam respirar, como crianças que preveem a queda do castelo de cartas que ergueram. Estavam sem esperanças. Naquela mesma noite, *lord Grenville* partiu. O último olhar que lançou a Júlia provou, desgraçadamente, que, desde o momento em que a simpatia lhes revelara a extensão de uma paixão tão forte, ele tivera razão de desconfiar de si próprio.

Quando o marquês d’Aiglemont e a mulher se encontraram no dia seguinte sentados no fundo da carruagem, sem o companheiro de viagem, e percorreram com rapidez o itinerário seguido em 1814 pela marquesa, então ignorante do amor e quase lhe amaldiçoando a constância, ela encontrou inúmeras impressões esquecidas. O coração tem uma memória própria. Uma mulher incapaz de

evocar os acontecimentos mais graves lembrar-se-á durante toda a vida das coisas que dizem respeito a seus sentimentos. Por isso, Júlia recordou com precisão até detalhes frívolos; reconheceu com satisfação os mais insignificantes acidentes de sua primeira viagem, e até mesmo pensamentos que lhe ocorreram em determinados trechos da estrada. Vítor, novamente apaixonado pela mulher desde que ela recobrou o frescor da juventude e toda a sua beleza, aconchegou-se a ela, amorosamente. Quando a procurou apertar nos braços, ela se afastou suavemente e encontrou não sei que pretexto para evitar essa inocente carícia. Pouco depois ela experimentou repugnância ao contato de Vítor, de quem sentia e partilhava o calor, pela maneira como estavam sentados. Quis acomodar-se sozinha na frente do veículo, mas Vítor fez-lhe a gentileza de deixá-la no fundo. Ela agradeceu-lhe a atenção com um suspiro que o enganou, e aquele velho sedutor de caserna, interpretando a seu favor a melancolia da mulher, obrigou-a no fim do dia a falar-lhe com uma firmeza que lhe causou respeito.

— Meu amigo — disse-lhe —, você já quase me matou, bem o sabe. Se eu ainda fosse uma mocinha sem experiência, poderia recomeçar o sacrifício de minha vida; mas sou mãe, tenho uma filha para criar e devo-me tanto a um como a outro. Sofremos uma desgraça que nos atinge igualmente. Você é muito menos digno de lástima que eu. Não consegui encontrar consolações que o meu dever, nossa honra comum, e, mais que tudo, a natureza me interditavam. Olhe — acrescentou ela —, você esqueceu estouvadamente numa gaveta três cartas da sra. de Sérisy; cá estão. Meu silêncio prova-lhe que você tem em mim uma mulher cheia de indulgência e que não exige de você os sacrifícios a que as leis a condenam; mas tenho refletido bastante para compreender que nossos papéis não são idênticos e que só a mulher é predestinada ao infortúnio. Minha virtude repousa em princípios determinados e fixos. Saberei levar uma vida irrepreensível; mas deixe-me viver.

O marquês, aturdido pela lógica que as mulheres sabem estudar à luz do amor, ficou subjugado pela espécie de dignidade que lhes é natural nessas crises. A repulsa instintiva que Júlia manifestava por tudo o que melindrava seu amor e seus íntimos desejos correspondia a uma das mais belas características da

mulher, proveniente talvez de uma virtude natural que nem as leis nem a civilização jamais conseguirão abafar. Mas quem ousaria censurar as mulheres? Quando impõem silêncio ao sentimento exclusivo que não lhes permite pertencer a dois homens, não serão elas como padres sem crença? Se alguns espíritos rígidos reprovam a espécie de transação que Júlia concluiu entre seus deveres e seu amor, as almas apaixonadas verão nisso um crime. Essa reprovação geral acusa a infelicidade que aguarda as desobediências às leis, ou as tristíssimas imperfeições nas instituições em que assenta a sociedade europeia.

Passaram-se dois anos, durante os quais o sr. e a sra. d'Aiglemont levaram a vida de sociedade mundana, indo cada um para o seu lado, encontrando-se mais vezes nos salões de que em casa; elegante divórcio no qual terminam muitos casamentos nas altas rodas. Uma noite, por exceção, os dois esposos acharam-se reunidos no salão da sua própria casa. A sra. d'Aiglemont tivera uma de suas amigas para jantar. O general, que sempre jantava na cidade, ficara em casa.

V – A ENTREVISTA

— Vai ficar muito satisfeita, senhora marquesa — disse o sr. d'Aiglemont, descansando sobre uma mesa a taça em que tinham bebido o café.

O marquês fitou a sra. de Wimphen com um ar entre malicioso e triste, e acrescentou:

— Parto para uma longa caçada, com o monteiro-mor. Durante oito dias, pelo menos, você ficará completamente viúva, e é o que deseja, creio eu... Guilherme — disse depois ao criado que veio retirar as taças —, mande atrelar.

A sra. de Wimphen era aquela Luísa a quem outrora a sra. d'Aiglemont queria aconselhar o celibato. As duas mulheres trocaram um olhar de inteligência que provava ter Júlia encontrado na amiga uma confidente das suas penas, confidente preciosa e bondosa, porque a sra. de Wimphen era felicíssima no casamento; e, na situação oposta em que elas estavam, talvez a felicidade de uma fosse uma garantia de sua consideração pela infelicidade da outra. Em tais

casos, a dessemelhança de destinos é quase sempre um poderoso vínculo de amizade.

— Agora é tempo de caça? — perguntou Júlia, lançando um olhar indiferente para o marido.

O mês de março chegava ao fim.

— O monteiro-mor caça quando quer e onde quer. Vamos à floresta real caçar javalis — foi a resposta.

— Cuide-se para que não lhe aconteça algum acidente...

— Uma desgraça é sempre imprevista — disse ele sorrindo.

— A carruagem do senhor marquês está pronta — anunciou Guilherme.

O general levantou-se, beijou a mão da sra. de Wimphen e voltou-se para Júlia.

— E se eu morresse vítima de um javali! — disse ele com um ar súplice.

— Que significa isso? — inquiriu a sra. de Wimphen.

— Vamos, venha — disse a sra. d'Aiglemont a Vítor.

Depois, sorriu, como para dizer a Luísa: “Tu vais ver”.

Júlia ofereceu o pescoço ao marido, que se aproximou para beijá-la; mas a marquesa inclinou-se tanto, que o beijo conjugal deslizou sobre os tufos de sua pelerine.

— Será testemunha perante Deus — tornou o marquês dirigindo-se à sra. de Wimphen — de que necessito uma licença especial para obter este ligeiro favor. Eis como minha mulher entende o amor. Levou-me a esse ponto não sei por que ardil. Divirta-se!

E saiu.

— Mas o teu pobre marido é de fato muito bom — exclamou Luísa assim que as duas se encontraram a sós. — Ele te ama.

— Oh! não acrescentes uma única sílaba a esta última palavra. Odeio o nome que uso...

— Sim, mas Vítor te obedece inteiramente — disse Luísa.

— Sua obediência — respondeu Júlia — é em parte fundada sobre a grande estima que eu lhe inspirei. Sou uma mulher virtuosíssima segundo as leis; torno-

lhe a casa agradável; fecho os olhos às suas intrigas; nada gasto de sua fortuna; ele pode dissipar seus rendimentos a seu bel-prazer: cuido unicamente de conservar o capital. Por esse preço, compro a paz. Ele não compreende ou não quer compreender minha existência. Mas se conduzo assim meu marido, não é sem temer os efeitos de seu caráter. Sou como um condutor de urso, que teme que a focinheira um dia arrebente. Se Vítor acreditasse ter o direito de não mais me estimar, não me atrevo a prever o que poderia acontecer, pois ele é violento, cheio de amor-próprio e sobretudo de vaidade. Não tem inteligência bastante fina para tomar uma decisão ponderada numa circunstância delicada que pusesse à prova suas paixões, é fraco de caráter, e talvez me matasse, para morrer de desgosto no dia seguinte. Mas não há que temer essa fatal felicidade...

Houve um momento de silêncio, em que os pensamentos das duas amigas voltaram-se para a causa secreta daquela situação.

— Eu fui cruelmente obedecida — tornou Júlia, lançando um olhar de inteligência a Luísa. — Contudo, eu não lhe tinha proibido que me escrevesse. Ah! ele me esqueceu, e com razão. Seria demasiado funesto que seu destino fosse truncado! Já não basta o meu? Acreditas que leio os jornais ingleses na esperança de encontrar seu nome? Mas ele ainda não apareceu na câmara dos *lords*.

— Sabes inglês?

— Não te contei? Eu aprendi!

— Pobrezinha! — exclamou Luísa, agarrando a mão de Júlia. — Como é que ainda consegues viver?

— Isso é segredo — respondeu a marquesa, deixando escapar um gesto de candura quase infantil. — Escuta. Tomo ópio. A história da duquesa de..., em Londres, deu-me a ideia. Tu sabes, Maturin | aproveitou-a para um romance. Minhas gotas de láudano são muito fracas. Durmo. Só passo sete horas acordada, e as consagro à minha filha...

Luísa olhou o fogo, sem ousar encarar a amiga, cujas misérias pela primeira vez se desvendavam a seus olhos.

— Luísa, guarda meu segredo — disse Júlia depois de um momento de

silêncio.

Quase ao mesmo tempo entrou um criado com uma carta para a marquesa.

— Ah! — exclamou ela empalidecendo.

— Não perguntarei de quem é — disse a sra. de Wimphen.

A marquesa lia e não ouvia mais nada; sua amiga viu os mais vivos sentimentos e a mais perigosa exaltação estamparem-se no rosto da sra. d'Aiglemont, que corava e empalidecia alternadamente. Por fim, Júlia lançou o papel ao fogo.

— Esta carta é abrasadora! Oh, o coração sufoca-me!

Ergueu-se, caminhou; seus olhos ardiam.

— Ele não saiu de Paris! — exclamou.

Suas frases bruscas, que a sra. de Wimphen não ousou interromper, foram entrecortadas por pausas horrorosas. A cada interrupção, as palavras eram pronunciadas com um acento cada vez mais profundo. As últimas tiveram qualquer coisa de terrível.

— Ele não cessou de me ver, sem que eu o soubesse. Um olhar meu que surpreenda cada dia ajuda-o a viver. Sabes duma coisa, Luísa? Ele está à morte, e pede para me dizer adeus; sabe que meu marido se ausentou esta noite por vários dias e vai vir de um momento para outro. Oh, eu morrerei! Estou perdida. Escuta, fica comigo. Diante de duas mulheres, ele não se atreverá! Fica, por favor! Tenho medo de mim.

— Mas meu marido sabe que jantei contigo e deve vir buscar-me — respondeu a sra. de Wimphen.

— Pois bem! Eu o mandarei embora antes de teres saído. Serei o algoz de nós dois. Pobre de mim! Ele acreditará que já não o amo. E essa carta! Continha frases que eu vejo escritas em traços de fogo.

Uma carruagem parou à porta.

— Ah — exclamou a marquesa com uma espécie de alegria —, ele vem publicamente e sem mistério!

— *Lord Grenville!* — anunciou o criado.

A marquesa permaneceu de pé, imóvel. Ao ver Artur pálido, magro e

abatido, não era possível haver severidade. Por mais contrariado que ficasse por não encontrar Júlia sozinha, *lord* Grenville aparentou calma e frieza. Mas para aquelas duas mulheres iniciadas nos mistérios de seu amor, sua contenção, o som da sua voz, a expressão do seu olhar, tudo teve um pouco do poder atribuído ao peixe-elétrico. A marquesa e a sra. de Wimphen ficaram como que paralisadas pela viva comunicação duma dor horrível. O som da voz de *lord* Grenville fazia palpitar tão cruelmente a sra. d'Aiglemont, que ela não se atrevia a responder-lhe com medo de revelar-lhe a extensão do poder que ele exercia sobre ela. *Lord* Grenville não ousava olhar para Júlia, de sorte que a sra. de Wimphen teve que arcar com o ônus duma palestra sem interesse; lançando-lhe um olhar de profundo reconhecimento, Júlia agradeceu-lhe o socorro que lhe prestava. Então, os dois amantes impuseram silêncio a seus sentimentos e tiveram de ater-se aos limites prescritos pelos deveres e pelas conveniências. Mas pouco depois foi anunciado o sr. de Wimphen; ao vê-lo entrar, as duas mulheres amigas trocaram um olhar e compreenderam, sem se falar, as novas dificuldades da situação. Era impossível colocar o sr. de Wimphen a par do segredo daquele drama, e Luísa não tinha motivos ponderáveis a apresentar ao marido, para pedir-lhe que a deixasse ficar com a amiga. Quando a sra. de Wimphen vestiu o xale, Júlia ergueu-se e, fingindo ajudar Luísa, segredou-lhe:

— Terei coragem. Se ele veio publicamente à minha casa, que posso temer? Mas sem ti, no primeiro momento, ao vê-lo tão mudado, teria caído a seus pés.

— Então, Artur, por que não me obedeceu? — disse a sra. d'Aiglemont numa voz trêmula, voltando a tomar seu lugar num sofá, onde *lord* Grenville não se atreveu a ir sentar-se.

— Não pude resistir por mais tempo ao prazer de ouvir sua voz, de estar ao seu lado. Era uma loucura, um delírio. Não me domino mais. Examinei-me bem, estou muito fraco. Vou morrer. Mas morrer sem tê-la visto, sem ter escutado o farfalhar de seu vestido, sem ter recolhido suas lágrimas, que morte!

Ele quis afastar-se de Júlia, mas com o brusco movimento que fez caiu-lhe uma pistola que trazia no bolso. A marquesa olhou para a arma com um olhar que não exprimia mais nem paixão nem indagação. *Lord* Grenville apanhou a

arma e pareceu violentamente contrariado com um acidente que poderia passar por uma especulação de apaixonado.

— Artur! — exclamou Júlia.

— Senhora — respondeu ele baixando os olhos —, eu vinha desesperado, eu queria...

Calou-se.

— Queria matar-se em minha casa! — exclamou ela.

— Não sozinho — disse ele com uma voz meiga.

— Mas como? Meu marido, talvez?

— Não, não — exclamou ele numa voz sufocada. — Mas tranquilize-se, meu fatal projeto se desvaneceu. Assim que entrei, quando a vi, senti-me com coragem de matar-me, de morrer sozinho.

Júlia levantou-se, lançou-se nos braços de Artur que, apesar dos soluços de sua amada, distinguiu duas frases cheias de paixão.

— Conhecer a felicidade e morrer — disse ela. — Pois bem, seja!

Toda a história de Júlia estava encerrada nessa exclamação veemente, nascida de um ímpeto da natureza e do amor ao qual sucumbem as mulheres sem religião; Artur agarrou-a e transportou-a para o canapé com um movimento animado de toda a violência que dá uma felicidade inesperada. Mas, de súbito, a marquesa arrancou-se dos braços de seu amado, lançou-lhe um olhar fixo de mulher desesperada, tomou-o pela mão, segurou um candelabro, arrastou-o para o quarto de dormir; depois, chegando junto ao leito em que dormia Helena, afastou com cuidado as cortinas e descobriu a filha, pondo uma mão diante da vela, para que a claridade não ofendesse as pálpebras transparentes e mal cerradas da criança. Helena tinha os braços abertos e sorria dormindo. Júlia, com um olhar, mostrou a filha a *lord Grenville*. Esse olhar dizia tudo.

— Um marido nós podemos abandonar mesmo quando ele nos ama. Um homem é um ser forte, tem seus lenitivos. Podemos desprezar as leis da sociedade. Mas uma criança sem mãe!

Todos esses pensamentos, e ainda mil outros mais enternecedores, estavam presentes naquele olhar.

— Podemos levá-la — murmurou o inglês —; hei de amá-la muito...

— Mamãe! — disse Helena despertando.

Ouvindo essa palavra, Júlia rompeu em prantos. *Lord Grenville* sentou-se e permaneceu de braços cruzados, pensativo e mudo.

“Mamãe!” Essa maravilhosa, essa meiga interpelação despertou tantos sentimentos nobres e tantos afetos irresistíveis, que o amor ficou por um momento soterrado sob a voz potente da maternidade. Júlia não era mais mulher, era mãe. *Lord Grenville* não resistiu muito tempo; as lágrimas de Júlia o contagiaram. Nesse momento, uma porta aberta com violência fez grande ruído, e as palavras: “Sra. d’Aiglemont, onde está?” repercutiram como um raio no coração dos dois apaixonados. O marquês tinha voltado. Antes que Júlia pudesse ter recobrado seu sangue-frio, o general dirigia-se de seu quarto para o da esposa. As duas peças eram contíguas. Felizmente, Júlia fez um sinal a *lord Grenville*, que se lançou para o quarto de vestir, cuja porta a marquesa fechou rapidamente.

— Cá estou de volta, não se realizou a caçada — disse Vítor à mulher. — Vou deitar-me.

— Boa noite — disse-lhe ela —, também vou fazer o mesmo. Permita pois que eu me dispa.

— Está intratável esta noite. Seja como quer, sra. marquesa.

O general voltou para seu quarto. Júlia acompanhou-o para fechar a porta de comunicação e correu para libertar *lord Grenville*.

Recuperou toda sua presença de espírito e pensou que a visita de seu antigo médico era uma coisa muito natural; podia tê-lo deixado no salão para ir deitar a filha, ia dizer-lhe que voltasse para lá sem fazer ruído; mas quando abriu a porta do quarto, soltou um grito lancinante. Os dedos de *lord Grenville* tinham sido esmagados na ranhura.

— Que foi que aconteceu? — perguntou o marido.

— Nada, nada — respondeu ela —, piquei o dedo com um alfinete.

A porta de comunicação abriu-se de repente. A marquesa julgou que o marido vinha por causa dela e maldisse essa solicitude em que o coração não

participava. Mal teve tempo de fechar o quarto de vestir, e *lord Grenville* não tivera tempo de retirar a mão. O general de fato apareceu, mas a marquesa se enganava; ele vinha por interesse próprio.

— Podes emprestar-me um lenço de seda? Esse paspalhão do Carlos me deixou sem nenhum. Nos primeiros tempos do nosso casamento tinhas um tal cuidado com as minhas coisas que até me aborrecias. Ah, a lua de mel não durou muito para mim, nem para as minhas gravatas! Agora estou entregue ao braço secular dessa gente que zomba de mim.

— Aqui tem um lenço. Não entrou no salão?

— Não.

— Talvez que ainda tivesse encontrado *lord Grenville*.

— Ele está em Paris?

— Ao que parece.

— Oh, é de se esperar! O bom doutor!

— Ele já deve ter partido — exclamou Júlia.

Nesse momento o marquês estava no meio do quarto da mulher e abrigava a cabeça com o lenço, mirando-se no espelho.

— Não sei onde andam os criados — disse ele. — Já chamei Carlos três vezes e ele não apareceu. A sua criada de quarto, onde está? Chame-a, que quero mais uma coberta na minha cama esta noite.

— Paulina saiu — respondeu secamente a marquesa.

— À meia-noite? — indagou o general.

— Dei-lhe permissão para ir à Ópera.

— É estranho! — volveu o marido, enquanto se despia.— Pensei tê-la visto subindo a escada.

— Então com certeza já voltou — disse Júlia fingindo impaciência.

Depois, para não despertar nenhuma suspeita no marido, a marquesa puxou o cordão da campainha, mas fracamente.

Os acontecimentos dessa noite não foram todos perfeitamente conhecidos, mas devem ter sido tão simples, tão horríveis como os vulgares incidentes domésticos anteriores. A partir do dia seguinte, a marquesa d'Aiglemont

recolheu-se ao leito por vários dias.

— Que foi que aconteceu de tão extraordinário em tua casa, para que todo mundo fale de tua mulher? — perguntou o sr. Ronquerolles ao sr. d’Aiglemont poucos dias depois dessa noite catastrófica.

— Segue o meu conselho, não te cases — disse d’Aiglemont. — Pegou fogo no cortinado da cama em que Helena dormia; minha mulher sofreu um tal choque que ficará doente por um ano, segundo diz o médico. A gente se casa com uma mulher bonita, ela se torna feia; casamo-nos com uma moça cheia de saúde, ela se torna adoentada; julgamo-la ardente, e ela é fria; ou, então, aparentemente fria, é na realidade tão impetuosa que nos mata, ou nos desonra. A criatura mais meiga é caprichosa, e a caprichosa nunca se torna meiga; a jovem que imaginamos simplória e fraca demonstra contra nós uma vontade de ferro, um espírito satânico. Estou farto de casamento.

— Ou de tua mulher.

— Isso seria difícil. A propósito, queres ir comigo a Saint-Thomas-d’Aquin assistir ao enterro de *lord Grenville*?

— Singular passatempo! Mas — tornou Ronquerolles —, sabe-se afinal a causa de sua morte?

— Seu criado de quarto pretende que ele passou toda uma noite sobre o peitoril exterior duma janela para salvar a honra da amante; e tem feito um frio dos diabos estes dias!

— Essa dedicação seria muito louvável num de nós, velhos traquejados; mas *lord Grenville*, moço... e inglês... Esses ingleses procuram sempre singularizar-se.

— Ora — respondeu d’Aiglemont —, esses rasgos de heroísmo dependem da mulher que os inspira, e não foi certamente por causa da minha que esse pobre Artur morreu!

SEGUNDA PARTE

SOFRIMENTOS DESCONHECIDOS

Entre o pequeno rio Loing e o Sena estende-se uma vasta planície, marginada pela floresta de Fontainebleau e pelas cidades de Moret, Nemours e Montereau. Essa árida região oferece à vista apenas umas raras elevações; por vezes, no meio dos campos, alguns capões que servem de refúgio à caça; depois, por toda a parte, essas linhas infinitas, cinzentas ou amareladas, peculiares aos horizontes

da Sologne, da Beauce e do Berri.

Em meio a essa planície, entre Moret e Montereau, o viajante divisa um velho castelo chamado Saint-Lange, a cujos arredores não falta grandeza nem majestade. São magníficas avenidas de olmos, fossos, longas muralhas, jardins imensos e vastas construções senhoriais, que, para serem construídas, necessitavam dos impostos extorsivos, das fraudes autorizadas ou das grandes fortunas aristocráticas, hoje em dia destruídas pelo martelo do Código Civil. Se algum artista ou sonhador por acaso se perder nos caminhos com profundos trilhos ou nas terras compactas que defendem o acesso a essa região, perguntará consigo mesmo por que capricho esse castelo poético foi erguido nessa savana de trigo, nesse deserto de greda, de marga e de areia, onde a alegria morre, onde infalivelmente a tristeza nasce, onde a alma é incessantemente oprimida por uma solidão sem voz, um horizonte monótono, belezas negativas, mas favoráveis aos sofrimentos que não desejam consolo.

Uma mulher moça, célebre em Paris por sua graça, por sua beleza e por seus dotes de espírito, e cuja posição social e fortuna estavam em harmonia com a sua celebridade, veio, com grande espanto do vilarejo situado a cerca de uma milha de Saint-Lange, estabelecer-se ali em fins do ano de 1820. Desde tempos imemoriais que os rendeiros e camponeses não viam os donos do castelo. Se bem que de uma produção considerável, as terras estavam abandonadas aos cuidados de um administrador e guardadas por velhos serviçais. Por isso, a viagem da senhora marquesa causou uma certa sensação na região.

Muitas pessoas tinham-se agrupado na entrada da vila, no pátio de um albergue situado no entroncamento das estradas de Nemours e Moret, para verem passar uma caleça que avançava lentamente, pois a marquesa viera de Paris com os seus cavalos. No assento dianteiro, a criada de quarto fazia companhia a uma menina mais tristonha que risonha. A mãe vinha no fundo da carruagem, imóvel como um moribundo que os médicos tivessem enviado para o campo. A fisionomia abatida dessa jovem senhora delicada não satisfez muito aos políticos da vila, que com sua chegada a Saint-Lange passaram a ter esperança de um movimento qualquer na comuna. Era visível que qualquer

espécie de movimento era antipático àquela mulher sofredora.

A pessoa mais inteligente da vila de Saint-Lange declarou à noite na taberna onde bebiam as pessoas importantes do lugar que, pela tristeza estampada em seu rosto, a marquesa devia estar arruinada. Na ausência do marquês, que os jornais designavam como devendo acompanhar o duque d'Angoulême à Espanha, ela ia economizar em Saint-Lange a quantia necessária para cobrir os prejuízos resultantes de especulações na Bolsa. O marquês era um dos maiores jogadores. Talvez as terras fossem vendidas em pequenos lotes. Haveria então boas oportunidades para negócios. Cada um deveria tratar de contar seus escudos, tirá-los do cofre, balancear os recursos a fim de ter sua parte na fragmentação de Saint-Lange. Essa perspectiva pareceu tão bela que cada um dos figurões, impaciente por saber se ela tinha fundamento, pensou na maneira de saber a verdade por meio dos serviçais do castelo; mas nenhum deles pôde informar sobre a catástrofe que levava sua patroa, no início do inverno, para o velho castelo de Saint-Lange, quando possuía outras terras famosas pela paisagem alegre e pela beleza dos jardins. O *maire* foi apresentar seus cumprimentos à marquesa, mas não foi recebido. Depois dele, apresentou-se o administrador da propriedade, mas sem maior sucesso.

A marquesa só abandonava o quarto para que o mesmo fosse arrumado, e durante esse tempo permanecia numa pequena sala contígua onde jantava, se se pode chamar jantar o sentar-se a uma mesa, olhar com fastio para as iguarias e comer precisamente o necessário para não morrer de fome. Depois voltava imediatamente para a poltrona antiga na qual, desde a manhã, sentava-se junto à única janela que iluminava o quarto. Só via a filha durante os poucos instantes que empregava em sua melancólica refeição, e ainda assim parecia não ter muito prazer nisso. Não serão precisos sofrimentos inauditos para matar, numa mulher moça, o sentimento materno? Nenhum dos criados podia penetrar em seus aposentos. A criada de quarto era a única pessoa cujos serviços lhe agradavam. Exigiu um silêncio absoluto no castelo; a filha teve de ir brincar longe dela. Era-lhe tão difícil suportar o mínimo ruído, que qualquer voz humana, mesmo a da filha, a incomodava. Os moradores da região muito se preocuparam com essas

singularidades; mas afinal, esgotadas todas as hipóteses, nem as aldeias circunvizinhas nem os camponeses pensaram mais naquela mulher doente.

Entregue a si mesma, a marquesa pôde, pois, permanecer perfeitamente silenciosa em meio ao silêncio que estabelecera em volta de si, e não teve nenhuma ocasião para sair do quarto forrado de tapeçarias onde falecera sua avó e onde se recolhera para morrer suavemente, sem testemunhas, sem importunações, sem sofrer as falsas demonstrações dos egoísmos mascarados de afeição, que, nas cidades, causam aos moribundos uma dupla agonia. Essa mulher tinha vinte e seis anos. Nessa idade, uma alma ainda cheia de poéticas ilusões encontra prazer em saborear a morte, quando ela se lhe afigura benfazeja. Mas a morte é uma sedutora falaz das pessoas jovens; aproxima-se e recua, mostra-se e esconde-se; a demora desilude-as dela, a incerteza que lhes causa o amanhã termina por lançá-las de novo no mundo, onde tornarão a encontrar a dor, que, mais impiedosa que a morte, há de feri-las sem se fazer esperar. Ora, essa mulher que se recusava a viver ia sentir a amargura dessa demora no fundo de sua solidão, e nesta fazer, numa agonia moral que a morte não terminaria, uma terrível aprendizagem de egoísmo que devia corromper-lhe o coração e amoldá-lo à sociedade.

Essa cruel e triste lição é sempre o fruto de nossos primeiros dissabores. A marquesa sofria verdadeiramente pela primeira e talvez pela única vez em sua vida. Na verdade, não é um erro acreditar que os sentimentos se reproduzam? Uma vez desencadeados, não existem sempre nos arcanos do coração? Eles aí adormecem ou despertam ao sabor dos acidentes da vida, mas aí permanecem, e essa permanência modifica necessariamente a alma. Assim, todo sentimento só teria um dia de existência, o dia mais ou menos longo de sua primeira agitação. Assim, a dor, o mais constante de nossos sentimentos, só seria realmente viva quando de sua primeira eclosão e suas outras crises iriam enfraquecendo, ou porque nos fôssemos acostumando a elas ou em virtude de uma lei de nossa natureza, que, para se manter viva, opõe a essa força destrutiva uma força igual mas inerte, oriunda dos interesses do egoísmo. Mas, entre todos os sofrimentos, a qual caberá esse nome de dor? A perda dos pais é um desgosto para o qual a

natureza preparou o homem; o mal físico é passageiro, não abrange a alma; e se persiste, não é mais um mal, é a morte. Se uma mulher moça perde o filho recém-nascido, em pouco tempo o amor conjugal lhe dará um sucessor. Também essa aflição é passageira. Finalmente, esses pesares e muitos outros semelhantes são, de certo modo, golpes, feridas, mas nenhum afeta a vitalidade em sua essência, e é mister que se sucedam de um modo raro para matar o sentimento que nos leva a procurar a felicidade. A grande, a verdadeira dor seria um mal suficientemente aniquilador para atingir a um tempo o passado, o presente e o futuro, não deixar íntegra nenhuma parte da vida, desnaturar em definitivo o pensamento, gravar-se de modo indelével nos lábios e na frente, afrouxar ou extinguir os impulsos do prazer, introduzindo na alma um princípio de desencanto por todas as coisas deste mundo. Ainda mais: para ser imenso, para assim pesar sobre a alma e sobre o corpo, esse mal deveria chegar num momento da vida em que todas as forças espirituais e corporais são ainda jovens, e fulminar um coração em pleno vigor. O mal produz então uma imensa ferida; grande é o sofrimento, e ninguém poderá triunfar dessa doença sem alguma poética transformação: ou envereda pelo caminho do céu, ou, se permanece aqui embaixo, volta à sociedade para mentir-lhe, para nela fazer figura, representar um papel, e desde logo fica conhecendo os bastidores onde a gente se retira para meditar, chorar e gracejar. Depois dessa crise solene não restam mais mistérios na vida social, que desde então está irrevogavelmente julgada. Nas mulheres da idade da marquesa, essa primeira e mais pungente de todas as dores é sempre causada pelo mesmo fato. A mulher, e principalmente a mulher moça, tão grande pelo espírito como pela beleza, jamais deixa de consagrar sua vida àquilo a que a natureza, o sentimento e a sociedade a impelem inteiramente. Se essa vida vem a falhar e se ela continua na terra, experimentará os mais cruéis sofrimentos, pela razão que torna o primeiro amor o mais belo de todos os sentimentos. Por que essa desgraça não teve jamais um pintor nem um poeta? Mas será possível pintá-la, será possível cantá-la? Não, a natureza das dores que ela engendra escapa à análise e às cores da arte. De resto, esses sofrimentos nunca são confiados: para consolar deles uma mulher é preciso adivinhá-los, porque, sempre amargamente

contidos e religiosamente sentidos, eles permanecem na alma como uma avalanche que, precipitando-se num vale, destroça tudo antes de encontrar um caminho.

A marquesa estava então abismada nesses sofrimentos que por muito tempo ainda permanecerão desconhecidos, porque tudo no mundo os condena, ao passo que o sentimento os afaga e a consciência duma verdadeira mulher sempre os justifica. Acontece com esses sofrimentos o que acontece com essas crianças infalivelmente deserdadas da vida, que estão ligadas por laços mais fortes ao coração das mães do que os filhos bem-dotados. Jamais talvez essa medonha catástrofe que mata tudo o que há de vida além de nós mesmos tenha sido tão viva, tão completa, tão cruelmente agravada pelas circunstâncias como acabava de ser para a marquesa. Um homem adorado, jovem e generoso, a cujos desejos jamais acedera, a fim de obedecer às leis da sociedade, tinha morrido para lhe preservar aquilo a que a sociedade chama *a honra de uma mulher*. A quem podia ela dizer: “Eu sofro!”? Suas lágrimas ofenderiam o marido, causa primeira da sua desgraça. As leis e os costumes proscravam seus queixumes; uma amiga ter-se-ia rejubilado com eles, deles um homem se teria aproveitado. Não, aquela pobre infeliz só podia chorar à vontade num deserto, tragar na solidão seu sofrimento ou ser tragada por ele, morrer ou matar qualquer coisa em si, sua consciência, talvez.

Havia alguns dias que ela permanecia com os olhos fixos num horizonte plano no qual, como na perspectiva de sua vida, não havia nada a procurar, nada a esperar, em que tudo se abrangia com um só relance, e no qual encontrava as imagens da fria desolação que lhe despedaçava o coração. As manhãs brumosas, um céu de claridade fraca, nuvens correndo baixo sob uma abóbada cinzenta ajustavam-se ao estado de sua doença moral. O coração não se lhe comprimia, não estava nem mais nem menos fanado; não, a sua natureza viçosa e florida petrificava-se pela ação lenta de uma dor intolerável, porque sem fim. Sofria por si e para si. E sofrer assim não será tomar pé no egoísmo? Tenebrosos pensamentos atravessavam-lhe a consciência, ferindo-a. Interrogava-se de boa-fé e achava em si duas mulheres: uma que raciocinava e uma que sentia, uma que

sofria e uma que não queria mais sofrer. Reportava-se às alegrias de sua infância, decorrida sem que lhe sentisse a felicidade e cujas imagens límpidas acudiam-lhe em tropel como que para lhe acusar as decepções de um casamento afortunado aos olhos da sociedade e horrível na realidade. De que lhe tinham servido os pudores da juventude, os prazeres reprimidos e os sacrifícios feitos à sociedade? Se bem que tudo nela exprimisse e esperasse o amor, perguntava a si mesma para que agora a harmonia de seus movimentos, seu sorriso e sua graça? Sua mocidade e voluptuosidade tinham para ela o mesmo caráter irritante que um som repetido indefinidamente. Sua beleza era-lhe insuportável como uma coisa inútil. Via com horror que não mais poderia ser uma criatura completa. Seu eu interior não perdera a faculdade de sentir as impressões novas que tanto encanto dão à vida? Para o futuro, a maior parte de suas sensações se desvaneceriam tão logo fossem recebidas, e muitas das que outrora a tinham emocionado iriam agora tornar-se-lhe indiferentes. Depois da infância da criatura vem a infância do coração. E seu amado levava para a tumba essa segunda infância. Jovem ainda por seus desejos, ela não mais possuía essa inteira juventude de alma que dá a tudo na vida seu valor e seu sabor. Não guardaria em si um princípio de tristeza, de desconfiança, capaz de restituir a suas emoções sem vigor seu arrebatamento? Porque nada mais poderia dar-lhe a felicidade que esperara, que sonhara tão linda. Suas primeiras lágrimas verdadeiras apagavam esse fogo celeste que ilumina as primeiras emoções do coração; ela devia sofrer sempre por não ser o que poderia ter sido. Dessa crença deve proceder a amarga melancolia que leva a virar o rosto quando de novo o prazer se apresenta.

Agora ela julgava a vida pela mesma forma que um ancião prestes a deixá-la. Embora sentindo-se jovem, a totalidade de seus dias sem alegria caía-lhe sobre a alma, esmagando-a e envelhecendo-a antes do tempo. Num grito de desespero, ela perguntava ao mundo o que lhe daria ele em troca do amor que a ajudara a viver e que ela havia perdido. Perguntava a si mesma se em seus amores desfeitos, tão castos e tão puros, o pensamento não tinha sido mais culpável que a ação. Sentia prazer em fazer-se culpada para insultar a sociedade e para se consolar de não ter tido com aquele que pranteava essa comunhão perfeita que,

justapondo as almas uma à outra, diminui a dor que fica pela certeza de ter inteiramente gozado da felicidade, de ter sabido plenamente proporcioná-la, e de conservar em si uma marca daquela que já não existe. Achava-se descontente como uma atriz que falhou num papel, porque essa dor lhe atacava todas as fibras, o coração e o cérebro. Se a natureza estava contrariada em seus mais íntimos impulsos, a vaidade não estava menos ferida que a bondade que leva a mulher a sacrificar-se. Depois, agitando todas as questões, revolvendo todas as fontes das diferentes existências que nos dão as naturezas social, moral e física, ela relaxava tanto as forças da alma, que, em meio às mais contraditórias reflexões, não conseguia agarrar-se a nada. Assim, por vezes, quando caía o nevoeiro, ela abria a janela e ali ficava sem pensar em nada, ocupada em respirar maquinalmente o odor úmido e terroso espalhado no ar, de pé, imóvel, aparentemente idiota, porque o zumbido de sua dor tornava-a igualmente surda às harmonias da natureza e aos encantos do pensamento.

Um dia, pelo meio-dia, no momento em que o sol aclarara o tempo, a criada de quarto entrou sem ser chamada e disse-lhe:

— Esta é a quarta vez que o cura vem procurar a senhora marquesa; e hoje ele insiste de modo tão resolutivo que nós não sabemos o que responder.

— Com certeza quer algum dinheiro para os pobres da comuna; agarre vinte e cinco luíses e entregue-lhe em meu nome.

— Senhora — disse a criada de quarto, voltando logo depois —, o senhor cura recusa receber o dinheiro e insiste em falar-lhe.

— Que entre, então! — replicou a marquesa, com um gesto de mau humor que prognosticava uma triste recepção ao padre, de quem sem dúvida ela queria evitar as importunações com uma explicação franca e curta.

A marquesa perdera a mãe muito cedo, e sua educação foi naturalmente influenciada pelo relaxamento que, durante a Revolução, afrouxou na França os laços religiosos. A piedade é uma virtude feminina que só as mulheres sabem bem transmitir, e a marquesa era filha do século xviii, cujas crenças filosóficas foram as de seu pai. Não seguia nenhuma prática religiosa. Para ela, um padre era um funcionário público cuja utilidade lhe parecia contestável. Na situação

em que se encontrava, a voz da religião só lhe podia envenenar as mágoas; além disso, não acreditava nos curas de aldeia, nem nas suas luzes, e por isso resolveu colocar as coisas no seu devido lugar, sem grosseria, e desembaraçar-se do seu cura à moda dos ricos, por meio de um donativo. O cura entrou, e seu aspecto não modificou as ideias da marquesa. Ela viu um homenzinho gorducho, de ventre saliente, rosto corado, mas velho e rugoso, que afetava sorrir e sorria mal; o crânio calvo e transversalmente cortado de rugas numerosas recaía-lhe em quarto de círculo sobre o rosto, fazendo-o parecer menor; alguns cabelos brancos guarneciam-lhe a parte inferior da cabeça, desde a nuca até as orelhas. Contudo, a fisionomia desse padre tinha sido a de um homem naturalmente alegre. Os lábios grossos, o nariz ligeiramente arrebitado, o queixo, que desaparecia numa dupla prega de rugas, testemunhavam um caráter feliz. De início a marquesa só lhe percebeu os traços principais; mas, à primeira palavra que o padre lhe disse, ficou admirada com a doçura de sua voz; fitou-o mais atentamente, e notou sob as sobrancelhas grisalhas olhos que haviam chorado; visto de perfil, o contorno da face dava à cabeça uma tão augusta expressão de dor, que a marquesa encontrou naquele cura um homem.

— Senhora marquesa, os ricos só nos pertencem quando sofrem; e os sofrimentos de uma mulher casada, jovem, formosa, rica, que não perdeu filhos nem pais, manifestam-se e são causados por feridas cujas dores não podem ser minoradas senão pela religião. Sua alma está em perigo, senhora. Neste momento não lhe falo da outra vida que nos espera! Não, não estou no confessional. Mas não será meu dever esclarecê-la sobre o futuro de sua vida social? Há de saber perdoar a um velho pela importunação que tem por objetivo sua felicidade.

— Para mim, senhor, não existe mais felicidade. Muito breve eu lhe pertencerei, como o senhor diz, mas para sempre.

— Não, senhora, não há de morrer da dor que a oprime e que se estampa em seu rosto. Se tivesse de morrer, não estaria em Saint-Lange. São menos mortais os efeitos de um desgosto certo que os das esperanças frustradas. Conheci dores bem mais intoleráveis e profundas e que contudo não foram mortais.

A marquesa esboçou um gesto de incredulidade.

— Senhora, sei de um homem cujos sofrimentos foram tão grandes, que os seus lhe pareceriam insignificantes se os comparasse com os dele.

Fosse porque aquela longa solidão começasse a pesar-lhe, fosse porque se interessasse pela perspectiva de poder desabafar ante um coração amigo seus pensamentos dolorosos, ela fitou o cura com um olhar interrogativo sobre o qual não podia haver dúvidas.

— Esse homem, senhora — tornou o padre —, era um pai que, de uma família outrora numerosa, não tinha mais que três filhos. Tinha perdido sucessivamente os pais, depois uma filha e a esposa, ambas muito amadas. Vivia só, no fundo duma província, numa pequena propriedade onde por muito tempo fora feliz. Seus três filhos estavam no exército, e cada um deles tinha um posto de acordo com o tempo de serviço. Durante os Cem Dias, o mais velho passou para a Guarda e tornou-se coronel; o segundo era comandante dum esquadrão de dragões. Esses três moços amavam o pai tanto quanto ele os amava. Se a senhora tiver em mente a irreflexão dos jovens, que, arrastados por suas paixões, nunca dispõem de tempo para se consagrar às afeições da família, compreenderá por um único fato a intensidade do amor que eles tinham por aquele pobre velho solitário que não vivia mais senão por eles e para eles. Não se passava uma semana sem que ele recebesse carta de um dos filhos. Mas também nunca tinha sido para com eles, nem fraco, o que diminui o respeito dos filhos, nem injustamente severo, o que melindra, nem avaro de sacrifícios, o que os afasta. Não, ele tinha sido mais que um pai, tornara-se um irmão, um amigo. Quando iam partir para a Bélgica, ele foi a Paris dizer-lhes adeus; queria verificar se tinham bons cavalos, se não lhes faltava nada. Tendo eles partido, o pai volta para a casa. Iniciada a guerra, ele recebe cartas escritas de Fleurus, de Ligny; tudo ia bem. Trava-se a Batalha de Waterloo: a senhora conhece o resultado. De repente a França cobriu-se de luto. Todas as famílias estavam na mais profunda ansiedade. Ele, como a senhora pode compreender, ele esperava; não tinha trégua nem repouso; lia os jornais, ia pessoalmente ao correio todos os dias. Uma tarde, anunciam-lhe o criado de seu filho coronel. Ele

vê aquele homem montado no cavalo do patrão e compreende tudo. O coronel havia morrido, cortado em dois por uma bala de artilharia. Ao anoitecer, chega a pé o criado do mais moço: este tinha morrido no dia seguinte à batalha. Finalmente, à meia-noite, um artilheiro vem comunicar-lhe a morte do último filho, em quem, por tão pouco tempo, o pobre pai concentrara toda sua vida. Sim, senhora, os três haviam morrido!

Depois de uma pausa, o padre, tendo vencido suas emoções, acrescentou estas palavras com uma voz doce:

— E o pai continuou vivo, senhora. Compreendeu que, se Deus o deixava na terra, nela ele devia continuar a sofrer, e nela sofre; mas lançou-se no seio da religião. Que podia ele ser?

A marquesa ergueu os olhos para o rosto daquele cura, que se tornara sublime de tristeza e resignação, e esperou esta frase, que lhe arrancou prantos:

— Padre! Senhora: ele tinha sido sagrado pelas lágrimas antes de o ser aos pés do altar.

O silêncio reinou por um instante. A marquesa e o cura olharam pela janela o horizonte brumoso, como se lá pudessem ver aqueles que não mais existiam.

— Não padre numa cidade, mas simples cura — tornou ele.

— Em Saint-Lange — disse ela enxugando os olhos.

— Sim, senhora.

Jamais a majestade da dor se apresentara tão grande a Júlia; aquele *sim, senhora* caiu-lhe no coração como o peso duma dor infinita. Aquela voz que ressoava docemente aos ouvidos lacerava as entranhas. Ah, era bem a voz da desgraça, essa voz plena, grave e que parece impregnada de fluidos penetrantes.

— Senhor — disse a marquesa quase respeitosamente —, se eu não morrer, que será feito de mim?

— A senhora não tem uma filha?

— Sim — disse ela friamente.

O cura lançou àquela mulher um olhar semelhante ao que um médico lança a um doente em perigo, e resolveu empregar todos os esforços para arrebatá-la ao gênio do mal que já estendia a mão sobre ela.

— Bem vê, senhora; devemos viver com os nossos sofrimentos, e somente a religião nos oferece consolações verdadeiras. Permite que eu volte para lhe fazer ouvir a voz dum homem que sabe simpatizar com todas as penas, e que, creio eu, não tem nada de assustador?

— Sim, volte. Agradeço-lhe por ter pensado em mim.

— Então, senhora, até breve.

Essa visita descansou, por assim dizer, a alma da marquesa, cujas forças tinham sido excitadas com demasiada violência pela dor e pela solidão. O padre deixou-lhe no coração um perfume balsâmico e o eco salutar das palavras religiosas. Depois ela experimentou essa espécie de satisfação que invade o prisioneiro quando, depois de haver reconhecido a profundidade de sua solidão e o peso de suas cadeias, encontra um vizinho que bate na parede fazendo-a produzir um som pelo qual se exprimem os pensamentos comuns. Ela tinha um confidente inesperado. Mas não demorou a recair em suas amargas contemplações, e disse consigo mesma, como o prisioneiro, que um companheiro de infortúnio não aliviaria nem seus grilhões nem sua sorte. O vigário não quisera, numa primeira visita, afugentar demais uma dor completamente egoísta; mas contava, graças à sua arte, abrir caminho à religião numa segunda visita. De fato; dois dias depois voltou, e a acolhida da marquesa provou-lhe que sua visita era desejada.

— Então, senhora marquesa — disse o velho —, pensou um pouco na infinidade dos sofrimentos humanos? Ergueu os olhos para o céu? Viu nele essa imensidão de mundos que, diminuindo a nossa importância, esmagando as nossas vaidades, torna menores as nossas dores?...

— Não, senhor — disse ela. — As leis sociais pesam-me demasiado sobre o coração e me dilaceram muito fortemente para que eu possa elevar-me ao céu. Mas as leis talvez não sejam tão cruéis como os costumes da sociedade. Oh, a sociedade!

— Nós devemos, senhora, obedecer a uns e outros: a lei é a palavra, e os costumes são as ações da sociedade.

— Obedecer à sociedade?... — tornou a marquesa deixando escapar um

gesto de horror. — Ora, senhor, todos os nossos males provêm disso. Deus não fez uma só lei de infelicidade; mas os homens, reunindo-se, falsearam sua obra. Nós, as mulheres, somos mais maltratadas pela civilização do que pela natureza. A natureza nos impôs penas físicas que os homens não suavizaram, e a civilização desenvolveu sentimentos que eles burlam incessantemente. A natureza sufoca os seres frágeis; os senhores os condenam a viver para os abandonar a uma constante desdita. O casamento, instituição sobre a qual se apoia hoje a sociedade, só a nós faz sentir todo o seu peso: para o homem a liberdade, para a mulher deveres. Devemos consagrar aos homens toda a nossa vida; eles nos consagram apenas raros instantes. Enfim, o homem faz uma escolha e nós, nós nos submetemos cegamente. Oh, ao senhor, posso confiar tudo! Pois bem! O casamento, tal como hoje se pratica, parece-me uma prostituição legal. Daí nascerem meus sofrimentos. Mas entre tantas criaturas infelizes irremediavelmente consorciadas, só eu devo guardar silêncio! Só eu sou autora do mal, porque quis meu casamento.

Calou-se e verteu lágrimas amargas.

— Nessa profunda miséria, no meio desse oceano de dor — prosseguiu depois —, eu tinha encontrado um pouco de areia onde apoiava os pés, onde eu sofria à vontade; um furacão levou tudo. Agora estou só, desamparada, fraca, à mercê das tempestades.

— Nunca somos fracos quando Deus está conosco — disse o padre. — De resto, se a senhora não tem afeições a satisfazer no mundo, não terá deveres a cumprir?

— Sempre os deveres! — exclamou ela com uma espécie de impaciência. — Mas onde estão para mim os sentimentos que nos dão forças para os cumprir? Senhor, nada de nada ou nada por nada é uma das mais justas leis da natureza, quer moral, quer física. Como pretender que estas árvores produzam suas folhas sem a seiva que as faz nascer? A alma também tem sua seiva! Em mim, a seiva secou em sua fonte.

— Não lhe falarei dos sentimentos religiosos que geram a resignação — disse o cura —; mas a maternidade, senhora, não será?...

— Alto! — disse a marquesa. — Com o senhor serei verdadeira. Sim, não poderei sê-lo doravante com mais ninguém, estou condenada à falsidade; a sociedade exige contínuas mentiras, e sob pena de opróbrio nos ordena obedecer as suas convenções. Existem duas espécies de maternidade, senhor. Antigamente eu ignorava tal distinção; hoje eu sei. Sou mãe apenas pela metade, e antes não o fosse em nada. Helena não é dele! Oh, não se espante! Saint-Lange é um abismo onde sumiram muitos sentimentos falsos, donde irradiaram luzes sinistras, onde desmoronaram os frágeis edifícios das leis antinaturais. Tenho uma filha, mais nada; sou mãe, assim o quer a lei. Mas o senhor, padre, que tem uma alma tão delicadamente compassiva, talvez compreenda os gritos duma pobre mulher que não deixou penetrar em seu coração nenhum sentimento fingido. Deus me julgará, mas não creio violar suas leis cedendo aos afetos que ele pôs em minha alma, e eis o que encontrei nela. Um filho, senhor, não é a imagem de dois seres, o fruto de dois sentimentos livremente unidos? Se ele não estiver ligado a todas as fibras do corpo como a todas as da alma; se não lembrar amores deliciosos, o tempo, os lugares onde essas duas criaturas foram felizes, a sua linguagem cheia de musicalidade humana e as suas ideias repletas de ternura, esse filho será uma criação frustrada. Sim, para eles, um filho deve ser uma encantadora miniatura onde se encontrem os poemas de suas duas vidas secretas; deve oferecer-lhes uma fonte de fecundas emoções, deve ser ao mesmo tempo todo o seu passado e todo o seu futuro. A pobrezinha da minha Helena é filha de seu pai, é filha do dever e do acaso; em mim ela só encontra o instinto da fêmea, a lei que nos impele irresistivelmente a proteger a criatura nascida de nós. Socialmente falando, sou irrepreensível. Já não sacrifiquei a ela minha vida e minha felicidade? Seus gritos movem a minha sensibilidade; se ela caísse n'água, eu me atiraria para salvá-la. Mas não a tenho no coração. Ah, o amor me fez sonhar uma maternidade maior, mais completa; eu acariciei num sonho desvanecido a criança que os desejos conceberam antes que fosse gerada, enfim, essa deliciosa flor nascida n'alma antes de nascer para a vida. Sou para Helena o que, na ordem natural, uma mãe deve ser para sua progenitura. Quando ela não precisar mais de mim, tudo estará terminado; cessada a causa, cessarão os efeitos. Se a mulher

tem o adorável privilégio de estender sua maternidade sobre toda a vida do filho, não será às irradiações de sua concepção moral que se deve atribuir essa divina persistência do sentimento? Se a criança não teve a alma da mãe como primeiro invólucro, a maternidade cessa nesta, como cessa nos animais. Isso é verdade, eu o sinto: à medida que minha filha cresce, meu coração se retrai. Os sacrifícios que fiz por Helena separaram-me dela, ao passo que para outro filho meu coração teria sido inesgotável; para esse outro, nada seria sacrifício, tudo seria prazer. Neste ponto, senhor, a razão, a religião, tudo em mim é impotente contra os meus sentimentos. Fará mal em querer morrer a mulher que não é nem mãe nem esposa e que, por infelicidade sua, entreviu o amor em sua beleza infinita e a maternidade na sua ventura sem limites? Que será dela? Eu lhe direi o que ela sente! Cem vezes durante o dia, cem vezes durante a noite, um arrepio abala-me o cérebro, o coração e o corpo, quando alguma recordação que foi fracamente combatida reaviva em mim as imagens duma felicidade que suponho maior do que é. Essas fantasias cruéis debilitam minhas faculdades, eu me pergunto: “Que teria sido minha vida se...?”.

Ela escondeu o rosto nas mãos e desatou a chorar.

— Eis o âmago de meu coração! — tornou. — Um filho dele me teria feito aceitar as maiores desgraças! Deus, que morreu sob o peso de todos os pecados do mundo, me perdoará esse pensamento mortal para mim; mas o mundo, eu sei que é implacável: para ele as minhas palavras são blasfêmias; insulto todas as suas leis. Ah, eu desejaria fazer guerra a este mundo para lhe renovar e destruir as leis e os usos! Não me feriu ele em todas as minhas ideias, em todas as minhas fibras, em todo os meus sentimentos, em todos os meus desejos, em todas as minhas esperanças, no futuro, no presente, no passado? Para mim, o dia é cheio de trevas, o pensamento um gládio, meu coração é uma chaga, minha filha é uma negação. Sim, quando Helena me fala, queria ouvir-lhe uma outra voz; quando me fita, queria que tivesse outros olhos. Ela está aí para me atestar tudo o que deveria ser e tudo o que não é. Ela me é insuportável! Sorrio-lhe, tento compensá-la dos sentimentos que lhe roubo. Sofro! Oh, senhor, sofro demasiado para poder viver! E passarei por ser uma mulher virtuosa! E não

cometi faltas! E respeitar-me-ão! Combati o amor involuntário ao qual não devia ceder; mas, se conservei a fidelidade física, conservei acaso o coração? Esse — disse ela apoiando a mão direita sobre o seio — somente pertenceu a uma única criatura. E a minha filha não se engana. Há olhares, uma voz, gestos de mãe cuja força modela a alma dos filhos; e a pobrezinha não sente carinho na minha mão, nem meiguice na minha voz, nem ternura nos meus olhos, quando me chego a ela. Lança-me olhares acusadores que eu não sustento! Às vezes temo encontrar nela um tribunal onde serei condenada sem ser compreendida. Praza aos céus que o ódio não se erga um dia entre nós! Meu Deus! Abra-me antes o túmulo, deixa que eu expire em Saint-Lange! Quero ir para o mundo onde encontrarei minha outra alma, onde serei completamente mãe! Oh perdão, senhor, estou louca! Essas coisas me sufocavam, por isso as disse. Ah, também está chorando! O senhor não me desprezará. Helena! Helena! Minha filha, vem! — exclamou com uma espécie de desespero, ouvindo a filha que voltava do passeio.

A menina entrou rindo e gritando; trazia uma borboleta que apanhara. Mas, vendo a mãe em prantos, calou-se, aproximou-se e deixou-se beijar na testa.

— Ela vai ser muito bonita — disse o padre.

— É o retrato do pai — respondeu a marquesa abraçando a filha com uma calorosa expressão, como para resgatar uma dívida ou para dissipar um remorso.

— A senhora está quente, mamãe.

— Vai, deixa-nos, meu anjo — respondeu a marquesa.

A menina afastou-se de bom grado, sem fitar a mãe, quase feliz por fugir de um rosto triste e compreendendo já que os sentimentos que nele se exprimiam lhe eram contrários. O sorriso é o apanágio, a linguagem, a expressão da maternidade. A marquesa não podia sorrir. Ela corou ao olhar para o padre: esperara mostrar-se mãe, mas nem ela nem a filha tinham sabido mentir. Com efeito, os beijos de uma mulher sincera possuem uma doçura divina que parece pôr nessa carícia uma alma, um fogo sutil que penetra o coração. Os beijos despídos dessa unção saborosa são ásperos e secos. O padre sentira essa diferença; pôde sondar o abismo que existe entre a maternidade da carne e a do coração. Por isso, depois de ter lançado àquela mulher um olhar inquiridor,

disse:

— Tem razão, minha senhora, seria melhor que estivesse morta...

— Ah, o senhor compreende meus sofrimentos, bem o vejo — respondeu ela —, pois que o senhor, padre cristão, adivinha e aprova as funestas resoluções que eles me inspiraram. Sim, quis suicidar-me; mas faltou-me a coragem necessária para realizar meu intento. Meu corpo foi fraco quando minha alma era forte, e quando meu corpo não mais tremia, minha alma vacilava! Ignoro o segredo desses combates e dessas alternativas. Sou sem dúvida bem tristemente mulher, sem persistência de vontade, forte somente para amar. Desprezo-me! À noite, quando os criados dormiam, dirigia-me corajosamente ao lago; uma vez à borda, minha frágil natureza sentia horror à destruição. Confesso-lhe minhas fraquezas. Quando me encontrava de novo na cama, tinha vergonha de mim, e readquiria coragem. Num desses momentos, tomei láudano; mas sofri e não morri. Acreditei ter ingerido todo o conteúdo do frasco, e só bebi a metade.

— A senhora está perdida — disse o cura com gravidade e numa voz entrecortada de lágrimas. — A senhora vai voltar para o mundo e vai enganar o mundo; procurará e encontrará nele aquilo que considera como uma compensação a seus males; mas um dia há de sofrer os tormentos de seus prazeres...

— Acha — exclamou ela — que irei entregar ao primeiro patife que saiba representar a comédia duma paixão as derradeiras, as mais preciosas riquezas do meu coração, e corromper minha vida por um momento de duvidoso prazer? Não! Minha alma será consumida por uma chama pura. Todos os homens, senhor, têm a sensualidade de seu sexo; mas o que dele tem a alma e que por isso satisfaz a todas as exigências de nossa natureza, cuja misteriosa harmonia só vibra à pressão dos sentimentos, esse não encontramos duas vezes na existência. Meu futuro é horrível, bem o sei; a mulher nada é sem o amor, a beleza nada é sem o prazer; mas a sociedade não reprovava minha ventura, se esta ainda se apresentasse a mim? Devo à minha filha uma mãe honrada. Ah, estou encerrada num círculo de fogo donde não posso sair sem ignomínia! Os deveres de família, cumpridos sem recompensa, aborrecer-me-ão; amaldiçoarei a vida; mas minha

filha gozará pelo menos da aparência de ter uma mãe digna. Proporcionar-lhe-ei tesouros de virtude, para compensar os tesouros de afeto que não lhe pude dar. Não desejo nem mesmo viver para desfrutar o prazer que a felicidade dos filhos dá às mães. Não acredito na felicidade. Qual será a sorte de Helena? A minha, sem dúvida. Que meios possuem as mães para assegurar às filhas que o homem a quem as entregam será um esposo que satisfaça a seu coração? Os senhores infamam as pobres criaturas que se vendem por alguns escudos a um homem que passa: a fome e a necessidade absolvem essas uniões efêmeras; enquanto a sociedade tolera, encoraja a união imediata, bem mais horrível, dum rapariga cândida e dum homem que ela conhece apenas há três meses. Essa é vendida para toda a vida. É verdade que o preço é elevado! Sim, não lhe permitindo nenhuma compensação a suas dores, os senhores honram-na; mas, não, o mundo calunia as mais virtuosas dentre nós! Tal é o nosso destino, visto sob suas duas faces: uma prostituição pública e a vergonha, uma prostituição secreta e a infelicidade. Quanto às pobres moças sem dote, essas endoidecem, morrem; para elas, nenhuma piedade! A beleza, a virtude não constituem valor nesse nosso bazar humano, e chamam sociedade a esse antro de egoísmo. Mas deserdem as mulheres! Ao menos terão cumprido com isso uma lei da natureza, escolhendo suas companheiras, desposando-as conforme os ditames do coração.

— Senhora, suas palavras provam que nem o espírito religioso nem o espírito de família a comovem. Por isso não hesitará entre o egoísmo social que a fere e o egoísmo da criatura que a fará desejar o prazer.

— Existirá a família, senhor? Eu nego haver família numa sociedade que, por morte do pai ou da mãe, partilha os bens e manda cada filho ir para o seu lado. A família é uma associação temporária e fortuita que a morte dissolve prontamente. Nossas leis destroem as casas, os patrimônios, a perenidade dos exemplos e das tradições. Não vejo senão escombros ao meu redor.

— A senhora só tornará a Deus quando sentir o peso de sua mão, e desejo que tenha tempo suficiente para se reconciliar com ele. A senhora procura consolo baixando os olhos para a terra, em vez de elevá-los para o céu. O filosofismo e o interesse pessoal apoderam-se de seu coração; a senhora é surda

à voz da religião, como o são os filhos desse século sem fé! Os prazeres do mundo só engendram sofrimentos. A senhora vai mudar de tormentos, eis tudo.

— Tornarei mentirosa a sua profecia — disse ela sorrindo com amargura —, serei fiel àquele que morreu por mim.

— A dor — respondeu ele — só é viável nas almas preparadas pela religião.

Baixou respeitosamente os olhos para não deixar transparecer as dúvidas que se podiam estampar em seu olhar. A energia das queixas escapadas à marquesa tinha-o contristado. Reconhecendo o *eu* humano sob suas mil formas, desesperou de abrandar aquele coração que a dor havia secado em vez de enternecer, e onde a semente do Semeador celeste não devia germinar, porque a sua doce voz era nele sufocada pelo grande e terrível clamor do egoísmo. Entretanto, agiu com constância de apóstolo, voltando várias vezes, sempre animado pela esperança de fazer retornar a Deus aquela alma tão nobre e tão orgulhosa; mas perdeu a coragem no dia em que percebeu que a marquesa só gostava de conversar com ele porque lhe era agradável falar daquele que não mais existia. Não quis rebaixar seu ministério transigindo com uma paixão; cessou seus colóquios e voltou gradativamente aos lugares-comuns da palestra. A primavera chegou. A marquesa encontrou distrações para sua profunda tristeza, ocupando-se de suas terras, onde ordenou alguns trabalhos. No mês de outubro deixou seu velho castelo de Saint-Lange, onde se tornara de novo fresca e bela na ociosidade duma dor que, de início violenta como um disco lançado vigorosamente, terminara por amortecer na melancolia, assim como o disco pára depois de oscilações gradualmente mais fracas. A melancolia compõe-se de uma série de semelhantes oscilações morais, a primeira das quais raia no desespero e a última no prazer: na mocidade, é o crepúsculo da manhã; na velhice, o da tarde. ..

Quando a sua caleça passou pela aldeia, a marquesa recebeu o cumprimento do cura, que voltava da igreja para o presbitério; mas, ao responder-lhe, ela baixou os olhos e virou a cabeça para não o ver. O padre tinha razão de sobra contra essa pobre Artemisa de Éfeso.

TERCEIRA PARTE

AOS TRINTA ANOS

Um moço de grande futuro, e que pertencia a uma dessas casas históricas cujos nomes estarão sempre, mesmo a despeito das leis, intimamente ligados à glória da França, encontrava-se no baile em casa da sra. Firmiani. Essa dama havia-lhe dado algumas cartas de recomendação para duas ou três de suas amigas em Nápoles. O sr. Carlos de Vandenesse, assim se chamava o rapaz,

vinha agradecer-lhe e apresentar suas despedidas. Depois de ter desempenhado brilhantemente várias missões, Vandenesse tinha sido, havia pouco, designado para servir com um dos ministros plenipotenciários enviados ao congresso de Laybach, e queria aproveitar a viagem para estudar a Itália. Essa festa era uma espécie de adeus às distrações de Paris, a essa vida rápida, a esse turbilhão de pensamentos e prazeres que tanto se calunia, mas ao qual é tão delicioso a gente se entregar.

Habitado havia três anos a visitar as capitais europeias e a deixá-las ao capricho de sua carreira diplomática, Carlos de Vandenesse tinha contudo pouca coisa a lamentar saindo de Paris. As mulheres já não produziam nele impressão alguma, fosse porque encarasse uma paixão verdadeira como ocupando muito espaço na vida dum homem político, fosse porque as mesquinhas ocupações duma galanteria superficial lhe parecessem vazias demais para um espírito forte. Todos nós temos grandes pretensões à força de espírito. Na França, nenhum homem, por medíocre que seja, consente em passar simplesmente por espirituoso. Por isso, Carlos, apesar de moço (tinha apenas trinta anos), acostumara-se já filosoficamente a ver ideias, resultados, meios, naquilo em que os homens de sua idade percebem sentimento, prazeres e ilusões. Ele recalrava no fundo de sua alma, que a natureza criara generosa, o calor e a exaltação natural aos jovens. Procurava ser frio e calculista; esforçava-se por empregar em boas maneiras, em formas amáveis, em artifícios de sedução, as riquezas morais que recebera do acaso: verdadeira tarefa de ambiciosos; triste papel, empreendido com o fim de atingir aquilo a que chamamos hoje *uma bela posição*. Ele lançava um último olhar aos salões onde se dançava. Antes de sair do baile, ele queria sem dúvida gravar-lhe a imagem, como um espectador que não abandona seu camarote na Ópera sem ter assistido ao quadro final. Mas, ao mesmo tempo, por um desejo fácil de compreender, o sr. de Vandenesse examinava aquele conjunto puramente francês, o brilho e as ridentes figuras daquela festa parisiense, aproximando-as em pensamento das fisionomias novas, das cenas pitorescas que o aguardavam em Nápoles, onde tencionava passar alguns dias antes de ir assumir seu cargo. Parecia comparar a França tão mutável

e tão cedo estudada a uma terra cujos costumes e sítios apenas conhecia por informações contraditórias, ou por livros, na maioria malfeitos. Algumas reflexões bastante poéticas, mas hoje já muito vulgares, passaram-lhe então pela mente e corresponderam, sem que o soubesse talvez, aos secretos desejos de seu coração, mais exigente que entediado, mais desocupado que indiferente.

“Aqui estão”, dizia consigo, “as mulheres mais elegantes, mais ricas, mais importantes de Paris. Aqui estão as celebridades do dia, nomes famosos da tribuna, celebridades aristocráticas e literárias: ali, artistas; acolá, homens poderosos. E, contudo, só vejo pequenas intrigas, amores natimortos, sorrisos que não dizem nada, orgulhos sem causa, olhares sem chama, muito espírito, mas prodigalizado sem finalidade. Todos esses rostos brancos e corados procuram menos o prazer que distrações. Nenhuma emoção é verdadeira. Se procuramos apenas plumas bem colocadas, gazes leves, lindos vestidos, mulheres delicadas; se considerarmos a vida apenas uma crosta superficial, eis aqui nosso mundo. Contentemo-nos com essas frases insignificantes, com esses trejeitos engraçados e não peçamos sentimento aos corações. No que me diz respeito, tenho horror a essas intrigas chãs que terminarão em casamentos, em subprefeituras, em recebedorias gerais, ou, se se tratar de amor, em arranjos secretos, tanto se envergonham de manifestar paixão. Não encontro um único desses semblantes expressivos que denunciam uma alma entregue a uma ideia ou a um remorso. Aqui, o desgosto ou a infelicidade escondem-se vergonhosamente sob gracejos. Não vejo nenhuma dessas mulheres com quem desejaria lutar, e que nos arrastam para um abismo. Onde encontrar energia em Paris? Um punhal é uma curiosidade que se pendura num prego dourado, que se orna com uma linda bainha. Mulheres, ideias, sentimentos, tudo se assemelha. Não existem mais paixões, porque as individualidades desapareceram. As classes, as fortunas, os espíritos, tudo foi nivelado, e todos vestimos um traje negro como que em sinal de luto pela França morta. Não amamos nossos semelhantes. Entre dois apaixonados, é necessário que haja diferenças a suprimir, distâncias a vencer. Esse encanto do amor desapareceu em 1789! Nosso aborrecimento, nossos costumes insípidos são resultados do sistema político. Na Itália, ao menos, tudo

é categórico. Lá, as mulheres ainda são animais malfazejos, sereias perigosas, sem razão, sem outra lógica que a de seus gostos, de seus apetites, e das quais há que desconfiar como se desconfia dos tigres...”

A sra. Firmiani veio interromper esse solilóquio cujos mil pensamentos contraditórios, inacabados, confusos, são intraduzíveis. O mérito dum devaneio reside inteiramente em seu indefinido; não é ele uma espécie de vapor intelectual?

— Quero — disse-lhe ela tomando-o pelo braço — apresentá-lo a uma mulher que tem imensa vontade de conhecê-lo, pelo que tem ouvido a seu respeito.

Conduziu-o a um salão contíguo, onde lhe mostrou, com um gesto, um sorriso e um olhar verdadeiramente parisienses, uma mulher sentada junto da lareira.

— Quem é ela? — perguntou com curiosidade o conde de Vandenesse.

— Uma mulher a quem, com certeza, já se referiu por mais de uma vez, para a elogiar ou criticar, uma mulher que vive na solidão, um verdadeiro mistério.

— Se alguma vez já foi clemente em sua vida, por favor, diga-me o nome dela.

— Marquesa d’Aiglemont.

— Vou tomar lições com ela; de um marido bem medíocre ela soube fazer um par de França, de um homem nulo fez uma capacidade política. Mas, diga-me, acredita que *lord* Grenville tenha morrido por causa dela, como pretendem alguns maldizentes?

— É possível. Depois dessa aventura, falsa ou verdadeira, a pobre mulher mudou muito. Deixou de frequentar a sociedade. Em Paris, uma constância de quatro anos é alguma coisa. Se a vê aqui...

A sra. Firmiani calou-se; depois acrescentou com ar malicioso:

— Esquecia que me devo calar. Vá conversar com ela.

Carlos permaneceu imóvel durante um momento, com as costas ligeiramente apoiadas ao portal, ocupado em examinar uma mulher que se tornara célebre, sem que ninguém pudesse explicar os motivos em que se fundava sua

celebridade. A sociedade oferece muitas dessas anomalias curiosas. A reputação da sra. d'Aiglemont não era, por certo, mais extraordinária que a de certos homens que trabalham continuamente numa obra desconhecida: estatísticos tidos por profundos à fé de cálculos que evitam publicar; políticos que vivem de um artigo de jornal; autores ou artistas cujas obras nunca saem das pastas; gente sabichona com aqueles que nada sabem de ciência, como *Sganarelle*; é latinista com os que não sabem latim; homens a quem se atribui uma capacidade convencionada acerca de um ponto, seja a direção das artes, seja uma missão importante. Esta frase admirável: *é um especialista*, parece ter sido criada para essa espécie de acéfalos políticos ou literários.

Carlos permaneceu em contemplação mais tempo do que queria e ficou descontente por se preocupar tanto com uma mulher; mas também a presença daquela mulher refutava os pensamentos que um momento antes haviam ocorrido ao jovem diplomata, à vista do baile.

A marquesa, agora com trinta anos, era bela, se bem que de formas franzinas e excessivamente delicada. Seu maior encanto provinha de um rosto cuja calma traía uma surpreendente profundidade de alma. Seu olhar brilhante, mas que parecia velado por constante preocupação, acusava uma vida febril e a maior resignação. Suas pálpebras, quase sempre castamente voltadas para o chão, raramente se erguiam. Se lançava olhares ao seu redor, era com um movimento triste, e dir-se-ia que reservava o fogo de seus olhos para ocultas contemplações. Por isso, todo homem superior sentia-se curiosamente atraído para aquela mulher suave e silenciosa. Se a inteligência procurava sondar os mistérios da perpétua reação que se processava nela do presente sobre o passado, da sociedade sobre a sua solidão, a alma não tinha menos interesse em se iniciar nos segredos dum coração de certo modo orgulhoso de seus sofrimentos.

Nela, aliás, nada desmentia as ideias que de início inspirava. Como quase todas as mulheres que têm cabelos muito compridos, era pálida e perfeitamente branca. A pele, duma finura prodigiosa, sintoma raramente enganoso, denunciava uma verdadeira sensibilidade, justificada pela natureza de suas feições, que tinham esse acabamento maravilhoso que os pintores chineses dão

às suas figuras fantásticas. Seu pescoço talvez fosse um pouco longo; mas esses são os mais graciosos, e dão às cabeças de mulheres vagas afinidades com as magnéticas ondulações das serpentes. Se não existisse um só dos inúmeros indícios pelos quais os caracteres mais dissimulados se revelam ao observador, bastaria examinarmos atentamente os movimentos da cabeça e as torções do pescoço, tão variadas, tão expressivas, para julgarmos uma mulher.

Na sra. d'Aiglemont, a indumentária estava em harmonia com o pensamento que dominava sua pessoa. As tranças largas formavam no alto da cabeça um coque, ao qual não acrescentava nenhum enfeite, porque parecia ter renunciado para sempre à preocupação da aparência. Assim, nunca se lhe surpreendia nenhum desses toques de coqueteria que prejudicam tantas mulheres. Mas, por mais modesto que fosse seu traje, não lhe escondia a elegância do corpo. De resto, o luxo de seu amplo vestido consistia num corte extremamente original; e, se é permitido procurar ideias no arranjo de um tecido, pode-se dizer que as simples e numerosas pregas de seu vestido comunicavam-lhe uma grande nobreza. Contudo, talvez traísse as indeléveis fraquezas femininas no cuidado que dedicava às mãos e aos pés; mas, se os exhibia com algum prazer, seria difícil à mais maliciosa rival achar seus gestos afetados, tanto pareciam espontâneos, ou devidos a hábitos de infância. Esse resquício de coqueteria fazia-se mesmo desculpar por uma graciosa despreocupação. Esse conjunto de maneiras, essa reunião de pequeninas coisas que fazem uma mulher feia ou bonita, atraente ou desagradável, podem ser apenas indicados principalmente quando, como no caso da sra. d'Aiglemont, a alma é elemento de ligação de todos os detalhes e lhes imprime uma deliciosa unidade. Também sua atitude harmonizava-se com o caráter do rosto e da vestimenta. Somente certas mulheres eleitas, e somente numa certa idade, sabem dar uma linguagem a suas atitudes. Será o pesar, será a alegria que empresta à mulher de trinta anos, à mulher feliz ou infeliz, o segredo desse eloquente comedimento? Isso há de ser sempre um enigma que cada um interpreta ao sabor de seus desejos, de suas esperanças ou de suas convicções. A maneira pela qual a marquesa apoiava os cotovelos nos braços da poltrona e juntava as extremidades dos dedos de ambas as mãos parecendo com eles

brincar; a curvatura do pescoço, a displicência do corpo fatigado mas airoso, que parecia elegantemente quebrado na poltrona, o abandono das pernas, a negligência da posição, os movimentos lassos, tudo revelava uma mulher sem interesse na vida, que não conheceu os prazeres do amor, mas que com eles sonhou, e que se curva sob o fardo com que a memória a atormenta; uma mulher que de há muito desesperou do futuro ou de si mesma; uma mulher ociosa que toma o vazio pelo nada.

Carlos de Vandenesse admirou esse quadro magnífico, mas como o produto dum *fingir* mais hábil que o das mulheres comuns. Ele conhecia d'Aiglemont. Ao primeiro olhar que lançou àquela mulher, que nunca tinha visto, o jovem diplomata reconheceu imediatamente desproporções, incompatibilidades, para empregarmos o termo legal, por demais fortes entre aquelas duas pessoas para que fosse possível a marquesa amar o marido. Todavia, a sra. d'Aiglemont mantinha uma conduta irrepreensível e sua virtude dava ainda um mais alto preço a todos os mistérios que um observador podia nela pressentir. Passado o primeiro momento de surpresa, Vandenesse procurou a melhor maneira de abordar a sra. d'Aiglemont, e, por um ardid de diplomacia bastante vulgar, resolveu importuná-la para ver como ela receberia uma tolice.

— Senhora — disse, sentando-se junto dela —, uma feliz indiscrição fez-me saber que tenho, não sei por que motivo, a ventura de ser distinguido por sua simpatia. Devo-lhe tanto mais agradecimentos por jamais ter sido objeto de um semelhante favor. Por isso será responsável por um de meus defeitos: de agora em diante não poderei mais ser modesto...

— Procederá mal, senhor — disse ela rindo —, deve-se deixar a vaidade àqueles que não têm outra coisa a ostentar.

Estabeleceu-se, assim, entre a marquesa e o jovem diplomata, uma palestra em que, segundo o costume, abordaram num instante uma multidão de assuntos: pintura, música, literatura, política, homens, acontecimentos e coisas. Depois, insensivelmente, chegaram ao assunto eterno das palestras francesas e estrangeiras: o amor, os sentimentos e as mulheres.

— Nós somos escravas.

— As mulheres são rainhas.

As frases mais ou menos significativas ditas por Carlos e pela marquesa podiam reduzir-se a essa simples expressão de todos os discursos presentes e futuros sobre tal assunto. Essas duas frases, em certas circunstâncias, não significarão sempre: “Ame-me — Amá-lo-ei”?

— Senhora — exclamou com doçura Carlos de Vandenesse —, faz-me lamentar profundamente ter que sair de Paris. Na Itália por certo não encontrarei horas tão agradáveis como esta.

— Encontrará talvez a felicidade, senhor, e ela vale mais que todos os pensamentos brilhantes, verdadeiros ou falsos, que se dizem todas as noites em Paris.

Antes de cumprimentar a marquesa, Carlos obteve permissão para ir lhe apresentar suas despedidas. Sentiu-se muito feliz por ter dado ao seu pedido um cunho de sinceridade, quando, à noite, ao deitar-se, e durante todo o dia seguinte, lhe foi impossível afastar da mente a imagem daquela mulher. Ora se perguntava por que a marquesa o tinha distinguido, quais poderiam ser suas intenções pedindo para o rever; e formulou inúmeras conjeturas. Ora acreditava encontrar os motivos dessa curiosidade; então embriagava-se de esperança, ou desanimava, conforme as interpretações que dava àquele desejo polido, tão comum em Paris. Ora era tudo, ora era nada. Por fim, quis resistir à atração que o arrastava para a sra. d’Aiglemont; mas terminou indo à sua casa.

Há pensamentos aos quais obedecemos sem os conhecer: vivem em nós, ignorados. Se bem que essa reflexão possa parecer mais paradoxal que verdadeira, cada pessoa de boa-fé encontrará em sua vida mil provas de que é assim. Indo à casa da marquesa, Carlos obedecia a um desses contextos preexistentes de que nossa experiência e as conquistas de nossa inteligência não são, mais tarde, senão os desenvolvimentos perceptíveis. Uma mulher de trinta anos tem atrativos irresistíveis para um rapaz; e nada mais natural, mais fortemente urdido e mais bem preestabelecido que os laços profundos, de que a sociedade nos oferece tantos exemplos, entre uma mulher como a marquesa e um rapaz como Vandenesse.

Com efeito, uma jovem tem muitas ilusões, muita inexperiência, e o sexo é bastante cúmplice de seu amor para que um rapaz possa sentir-se lisonjeado, ao passo que uma mulher conhece toda a extensão dos sacrifícios que tem a fazer. Lá onde uma é arrastada pela curiosidade, por seduções estranhas às do amor, a outra obedece a um sentimento consciente. Uma cede, a outra escolhe. Essa escolha já não é por si uma enorme lisonja? Armada de um saber quase sempre pago por um preço muito alto em dissabores, dando-se, a mulher experiente parece dar mais do que ela mesma, ao passo que a jovem, ignorante e crédula, nada sabendo, nada pode comparar nem apreciar; ela aceita o amor e o estuda. Uma nos instrui, nos aconselha numa idade em que de bom grado nos deixamos guiar, em que a obediência é um prazer; a outra quer tudo aprender e se mostra ingênua naquilo em que a outra é toda ternura. Aquela propicia-nos um único triunfo, esta obriga-nos a combates constantes. A primeira só tem lágrimas e prazeres, a segunda tem voluptuosidade e remorsos. Para que uma jovem seja amante, precisa ser muito corrompida, e então é abandonada com horror, enquanto uma mulher possui mil modos de conservar a um tempo seu poder e sua dignidade. Uma, demasiado submissa, oferece-nos a triste segurança da quietude; a outra perde demasiado por não exigir do amor suas inumeráveis metamorfoses. Uma desonra-se por si mesma, a outra mata por nossa causa uma família inteira. A jovem só possui uma coqueteria e acredita ter dito tudo despindo o vestido; mas a mulher tem-nas em grande número e se esconde sob mil véus; finalmente, afaga todas as vaidades, e a noviça só lisonjeia uma. Existem além disso indecisões, terrores, receios, perturbações e tempestades na mulher de trinta anos, que jamais se encontram no amor duma jovem. Chegando a essa idade, a mulher pede a um jovem que lhe restitua a estima que ela lhe sacrificou; vive apenas para ele, preocupa-se com seu futuro, deseja-lhe uma vida bela, procura torná-la gloriosa; obedece, suplica e ordena, curva-se e eleva-se e sabe consolar em mil ocasiões em que a jovem só sabe gemer. Enfim, além de todas as vantagens de sua posição, a mulher de trinta anos pode se fazer jovem, desempenhar todos os papéis, ser pudica e até embelezar-se com a desgraça. Entre elas duas há a distância incomensurável que vai do previsto ao

imprevisto, da força à fraqueza. A mulher de trinta anos satisfaz tudo, e a jovem, sob pena de não sê-lo, nada pode satisfazer. Essas ideias desenvolvem-se no coração de um rapaz e nele geram a mais forte das paixões, porque ela reúne os sentimentos artificiais criados pelos costumes aos sentimentos reais da natureza.

O passo mais capital e mais decisivo na vida das mulheres é precisamente aquele que uma mulher encara sempre como o mais insignificante. Casada, ela não mais se pertence, é a rainha e a escrava do lar. A pureza das mulheres é inconciliável com os deveres e as liberdades mundanas. Emancipar as mulheres é corrompê-las. Conceder a um estranho o direito de entrar no santuário do lar não será ficar à sua mercê? E se uma mulher o atrair para ele, não será uma falta, ou, para ser exato, o começo duma falta? Há que aceitar essa teoria em todo o seu rigor, ou absolver as paixões. Até agora, na França, a sociedade tem sabido adotar um *mezzo termine*: zomba das desgraças. Como os espartanos, que só castigavam a imperícia, ela parece admitir o roubo. Mas talvez seja muito sensato esse sistema. O desprezo geral constitui o pior dos castigos, porque atinge a mulher no coração. As mulheres todas se empenham e devem empenhar-se em ser honradas, pois sem estima deixam de existir. Por isso esse é o primeiro sentimento que elas pedem ao amor. A mais corrompida dentre elas exige, antes de tudo o mais, uma absolvição para o passado, vendendo o futuro, e trata de fazer o amante compreender que ela troca por irresistíveis felicidades as honras que a sociedade lhe recusará.

Não há mulher que, ao receber em sua casa, pela primeira vez, um rapaz, e se encontrando sozinha com ele, não faça algumas reflexões; principalmente se, como Carlos de Vandenesse, ele é bonito e inteligente. De modo semelhante, poucos rapazes deixam de apoiar alguns íntimos desejos sobre uma das mil ideias que justificam seu amor inato pelas mulheres belas, inteligentes e infelizes como a sra. d'Aiglemont. Por isso, a marquesa, ao lhe anunciarem o sr. Vandenesse, ficou perturbada; e ele ficou quase envergonhado, apesar do desembaraço que de certa maneira é comum entre os diplomatas. Mas a marquesa depressa adquiriu esse ar afetuososob o qual as mulheres se abrigam das interpretações da vaidade. Essa atitude exclui qualquer pensamento secreto e

modera os sentimentos temperando-os pela polidez. As mulheres conservam-se o tempo que querem nessa posição equívoca, como numa encruzilhada que leva igualmente ao respeito, à indiferença, ao assombro ou à paixão. Somente aos trinta anos uma mulher pode conhecer os recursos dessa situação. À custa dela ri, brinca, se entenece sem se comprometer. Possui então o tato necessário para atacar no homem todas as cordas sensíveis e para estudar os sons que delas tira. O seu silêncio é tão perigoso quanto as suas palavras. Nunca se pode adivinhar se, nessa idade, ela é sincera ou falsa, se zomba ou está de boa-fé nas suas confissões. Depois de nos ter dado o direito de lutar com ela, de repente, com uma palavra, com um olhar, com um desses gestos cujo poder tão bem conhecem, encerram o combate, nos abandonam, e ficam senhoras de nosso segredo, com liberdade para nos imolarem com um gracejo, para se ocuparem conosco, protegidas ao mesmo tempo por sua fraqueza e por nossa força. Embora nessa primeira visita a marquesa se colocasse nesse terreno neutro, ela soube conservar uma alta dignidade de mulher. Seus profundos desgostos pairaram sempre sobre sua alegria fictícia como uma nuvem tênue que encobre imperfeitamente o sol. Vandenesse retirou-se depois de ter experimentado nessa palestra delícias desconhecidas; porém, ficou convencido de que a marquesa era dessas mulheres cuja conquista custa muito caro para que se possa tentar amá-las.

“Seria”, pensou ele consigo, ao retirar-se, “um namoro interminável, uma correspondência capaz de fatigar um subchefe ambicioso! Contudo, se eu quisesse mesmo...”

Esse fatal “se eu quisesse mesmo” sempre foi a perdição dos teimosos. Na França, o amor-próprio leva à paixão. Carlos voltou à casa da sra. d’Aiglemont e convenceu-se de que ela tomava interesse por sua palestra. Em vez de se entregar simplesmente à felicidade de amar, quis representar um duplo papel. Procurou mostrar-se apaixonado e, depois de analisar friamente a marcha dessa intriga, ser amante e diplomata; mas era generoso e jovem, e esse exame deveria conduzi-lo a um amor sem limites, porque, artificiosa ou natural, a marquesa era sempre mais forte que ele. Toda vez que saía de casa da sra. d’Aiglemont, Carlos

persistia em sua desconfiança e submetia as situações progressivas por que passava sua alma a uma severa análise, que matava suas próprias emoções.

“Hoje”, disse consigo quando de sua terceira visita, “ela me fez compreender que era muito infeliz e só no mundo, que, se não fosse a filha, desejaria ardentemente a morte. Foi duma resignação perfeita. Ora, não sou seu irmão nem seu confessor. Por que me terá confiado suas mágoas? Ela me ama.”

Dois dias depois, retirando-se, apostrofava os costumes modernos:

“O amor toma a cor de cada século. Em 1822 é doutrinário. Em vez de se provar, como outrora, por fatos, a gente o discute, disserta sobre ele, transforma-o em tema de oratória. As mulheres estão reduzidas a três processos: primeiro, põe em dúvida nossa paixão, recusam-nos a capacidade de amar tanto quanto elas amam. Coqueteria! verdadeiro desafio que a marquesa me fez esta noite. Depois, elas se fazem de muito infelizes para excitar nossa generosidade natural ou nosso amor-próprio. Qualquer rapaz não se sentirá lisonjeado por consolar uma grande desgraça? Finalmente, têm a mania da virgindade! Ela deve ter pensado que eu a supunha inexperiente. Minha boa-fé pode tornar-se uma excelente especulação.”

Um dia, porém, depois de ter esgotado suas ideias de desconfiança, ele indagou de si para si se a marquesa seria sincera, se tantos sofrimentos poderiam ser simulados, para que fingiria resignação? Ela vivia numa solidão profunda e devorava em silêncio desgostos que apenas deixava transparecer na entonação mais ou menos contida duma interjeição. Desde esse momento Carlos tomou um vivo interesse pela sra. d’Aiglemont. Contudo, ao dirigir-se a uma entrevista que se lhes tinha tornado necessária a um e outro, hora reservada por um instinto mútuo, Vandenesse considerava ainda a marquesa mais hábil que verdadeira, e seu último julgamento era: “Decididamente, essa mulher é muito astuta”. Entrou e encontrou a marquesa em sua atitude favorita, atitude cheia de melancolia; ela ergueu os olhos para ele sem fazer um movimento, e lançou-lhe um desses olhares significativos que se assemelham a um sorriso. A sra. d’Aiglemont exprimia uma confiança, uma amizade verdadeira, mas não amor. Carlos sentou-se e não pôde dizer coisa alguma. Estava emocionado por uma dessas sensações

para as quais não há linguagem.

— Que tem? — perguntou ela, com voz terna.

— Nada. Estou pensando — tornou ele — numa coisa que ainda não lhe ocorreu.

— Em quê?

— Em que... o congresso já terminou.

— Mas então — disse ela — o senhor precisava ir ao congresso?

Uma resposta direta seria a mais eloquente e a mais delicada das declarações; mas Carlos não a deu. A fisionomia da sra. d'Aiglemont atestava uma amizade tão cândida que destruía todas as pretensões da vaidade, todas as esperanças do amor, todas as desconfianças do diplomata; ela ignorava ou parecia ignorar completamente que fosse amada; e quando Carlos, todo confuso, concentrou-se em si mesmo, viu-se forçado a reconhecer que nada fizera nem dissera que a autorizasse a pensar em tal. Nessa tarde o sr. de Vandenesse encontrou a marquesa como ela sempre fora: simples e afetuosa, verdadeira na sua dor, feliz por ter um amigo, satisfeita por encontrar uma alma que compreendesse a sua; não ia além disso e não julgava que uma mulher se pudesse deixar duas vezes seduzir; mas conhecera o amor e o guardava ainda sangrando no fundo de seu coração; não imaginava que a felicidade pudesse proporcionar duas vezes a uma mulher sua embriaguez, pois não acreditava unicamente no espírito, mas também na alma; e para ela o amor não era uma sedução, comportava todas as seduções nobres. Nesse momento Carlos voltou a ser jovem, foi subjugado pelo brilho de um tão grande caráter e quis ser iniciado em todos os segredos daquela existência despedaçada mais pelo acaso que por uma falta. A sra. d'Aiglemont apenas lançou um olhar ao amigo quando o ouviu pedir explicação da excessiva mágoa que comunicava à sua beleza todas as harmonias da tristeza; mas esse olhar profundo foi como que o selo dum contrato solene.

— Não me faça mais perguntas dessas — disse ela. — Há três anos, no dia de hoje, aquele que me amava, o único homem a cuja felicidade eu teria sacrificado até a minha própria estima, morreu, e morreu para me salvar a honra. Esse amor extinguiu-se novo, puro, cheio de ilusões. Antes de me entregar a uma

paixão para a qual me impeliu uma fatalidade sem exemplo, eu tinha sido seduzida por aquilo que perde tantas moças: por um homem nulo, mas de aspecto agradável. O casamento desfolhou uma a uma as minhas esperanças. Perdi a felicidade legítima e essa felicidade a que chamam criminoso, sem ter conhecido a felicidade. Não me resta nada. Se eu não soube morrer, devo ao menos me conservar fiel às minhas recordações.

Ao dizer isso, ela não chorou; baixou os olhos e torceu levemente os dedos, que tinha cruzados num gesto que lhe era habitual. Isso foi dito simplesmente, mas o tom da voz era dum desespero tão profundo quanto parecia ser o seu amor, e não deixou nenhuma esperança a Carlos. Essa infeliz existência traduzida em poucas frases e comentada por uma torção de mãos, essa dor tão forte numa mulher tão frágil, esse abismo numa cabeça tão linda, enfim, as tristezas, as lágrimas dum luto de três anos fascinaram Vandenesse, que se conservou silencioso e humilde ante aquela grande e nobre mulher: nela ele não via mais as belezas materiais, tão delicadas e perfeitas, mas a alma tão eminentemente sensível. Encontrava enfim esse ser ideal tão quimericamente sonhado, tão intensamente invocado por todos aqueles que põem a vida numa paixão, que a procuram com ardor e que morrem o mais das vezes sem terem podido fruir de todos os tesouros sonhados.

Ouvindo aquela linguagem e diante daquela beleza sublime, Carlos achou miseráveis as suas ideias. Na impotência em que se encontrava de corresponder com suas palavras à altura daquela cena, tão simples e tão elevada ao mesmo tempo, ele respondeu com lugares-comuns sobre o destino das mulheres.

— Senhora — disse ele —, é preciso sabermos esquecer nossas dores, ou então cavarmos nossa sepultura.

Mas a razão é sempre mesquinha em face do sentimento; uma é naturalmente limitada, como tudo que é positivo, e o outro é infinito. Raciocinar onde é preciso sentir é próprio das almas medíocres. Vandenesse conservou-se pois em silêncio, contemplou longamente a sra. d'Aiglemont e saiu. Presa de ideias novas que engrandeciam a mulher a seus olhos, ele se assemelhava a um pintor que, depois de ter tomado por dois tipos os vulgares modelos de seu ateliê,

encontrasse de repente a *Mnemósine*. do museu, a mais bela e a menos apreciada das estátuas antigas. Carlos ficou perdidamente apaixonado. Amou a sra. d'Aiglemont com essa boa-fé da juventude, com esse fervor que comunica às primeiras paixões uma graça inefável, uma candura que o homem só torna a encontrar em ruínas quando mais tarde ainda ama: deliciosas paixões quase sempre deliciosamente saboreadas pelas mulheres que as originam, porque nessa bela idade de trinta anos, ápice poético da vida das mulheres, elas podem abranger toda a existência e enxergar tão claro no passado como no futuro. Elas conhecem então o verdadeiro valor do amor e gozam-no com receio de perdê-lo: a alma possui ainda a beleza da mocidade que as abandona, e a paixão se robustece à ideia de um futuro que as assusta.

— Amo — disse dessa vez Vandenesse ao deixar a marquesa — e para minha desgraça encontro uma mulher presa a recordações. É difícil lutar contra um morto que não se acha presente, que não pode cometer tolices, que não desagrada nunca, e do qual só se veem as boas qualidades. Não será querer destronar a perfeição, tentar matar os encantos da memória e as esperanças que sobrevivem a um amante perdido, precisamente porque ele só despertou desejos, do que o amor tem de mais belo, de mais sedutor?

Essa triste reflexão, devida ao desânimo e ao temor de não vencer, sentimentos pelos quais começa toda paixão verdadeira, foi a última manifestação de sua diplomacia expirante. Desde então ele não teve mais segundas intenções, tornou-se joguete de seu amor e perdeu-se nos nada dessa felicidade inexplicável que se alimenta de uma palavra, de um silêncio, de uma vaga esperança. Quis amar platonicamente, foi todos os dias respirar o ar que respirava a sra. d'Aiglemont, incrustou-se quase em sua casa e acompanhou-a por toda a parte com a tirania de uma paixão que junta seu egoísmo ao devotamento mais absoluto. O amor tem o seu instinto, sabe encontrar o caminho do coração como o mais frágil dos insetos caminha para sua flor com uma vontade irresistível que de nada se assusta. Por isso, quando um sentimento é verdadeiro, seu destino nada tem de duvidoso. Não é o bastante para lançar uma mulher em todas as angústias do terror, que ela chegue a pensar que sua

vida depende da maior ou menor verdade, força e persistência que seu amado ponha em seus desejos?

Assim, é impossível a uma mulher, a uma esposa, a uma mãe, resistir ao amor dum jovem; a única coisa que está ao seu alcance fazer é deixar de vê-lo ao adivinhar esse segredo do coração que uma mulher adivinha sempre. Mas esse partido parece decisivo demais para que uma mulher possa tomá-lo numa idade em que o casamento pesa, aborrece e cansa, em que a afeição conjugal é mais do que tibia, se porventura já não está abandonada pelo marido. Feias, as mulheres são favorecidas por um amor que as torna belas; jovens e bonitas, a sedução deve pairar à altura de seus atrativos e é imensa; virtuosas, um sentimento terrestremente sublime leva-as a encontrar não sei que absolvição na própria grandeza dos sacrifícios que fazem aos amados, e glória nessa luta difícil. Tudo é cilada. Por isso nenhuma lição é demasiado forte para tão fortes tentações. A reclusão outrora imposta à mulher na Grécia, no Oriente, e que se tornou moda na Inglaterra, é a única salvaguarda da moral doméstica; mas, sob o império desse sistema, desaparecem os encantos da sociedade; nem o convívio, nem a polidez, nem a elegância dos costumes são mais possíveis. As nações deverão escolher.

Dessa maneira, poucos meses depois de seu primeiro encontro, a sra. d'Aiglemont achou-se com a vida estreitamente ligada à de Vandenesse; admirou-se, sem muita surpresa e até com um certo prazer, de partilhar de seus gostos e pensamentos. Fora ela quem adotara as ideias de Vandenesse ou fora Vandenesse quem esposara seus mínimos caprichos? Não examinou o assunto. Já colhida pela corrente da paixão, essa admirável mulher dizia-se com a falsa boa-fé do medo: “Oh! não! Hei de ser fiel àquele que morreu por mim”.

Pascal disse: “Duvidar de Deus é acreditar nele”. Assim, também, uma mulher não se debate senão quando está agarrada. No dia em que a marquesa confessou a si mesma que era amada, aconteceu-lhe flutuar entre mil sentimentos contrários. As superstições da experiência falaram sua linguagem. Iria ser feliz? Poderia ela encontrar a felicidade fora das leis de que a sociedade faz, com ou sem razão, a sua moral? Até então a vida só lhe proporcionara

amarguras. Haveria uma solução possível para os laços que unem dois corações separados pelas conveniências sociais? Mas será que alguma vez se paga a felicidade demasiado caro? Depois, talvez ela encontrasse aquela felicidade tão ardentemente desejada e que é tão natural procurar. A curiosidade advoga sempre a causa dos apaixonados. Em meio a essa discussão interior, chegou Vandenesse. Sua presença dissipou o fantasma metafísico da razão.

Se tais são as transformações sucessivas por que passa um sentimento mesmo fugaz entre um rapaz e uma mulher de trinta anos, há um momento em que tudo se concentra, em que os raciocínios se resumem num só, numa última reflexão que se transforma num desejo e que o corrobora. Quanto mais longa tiver sido a resistência, tanto mais poderosa então será a voz do amor. Aqui pois termina essa lição, ou melhor, esse estudo em *esfolado*, se nos é permitido tomar emprestado à pintura um de seus termos mais pitorescos; pois esta história mais explica do que pinta os perigos e mecanismos do amor. Mas desde esse momento, cada dia acrescentou cores a esse esqueleto, revestiu-o com as graças da mocidade, reavivou-lhe as carnes, vivificou-lhe os movimentos, restituiu-lhe o brilho, a beleza, as seduções do sentimento e os atrativos da vida. Carlos encontrou a sra. d'Aiglemont pensativa; e quando lhe perguntou nesse tom penetrante que as doces magias do coração tornaram persuasivo: “Que tem?”, ela absteve-se de responder. Essa deliciosa pergunta acusava um perfeito entendimento de alma; e, com o instinto maravilhoso da mulher, a marquesa compreendeu que lamentações ou a expressão de seu pesar íntimo seria de qualquer modo antecipar-se. Se cada uma de suas palavras já tinha uma significação clara para cada um deles, em que abismo não iria ela meter os pés! Ela leu em seu íntimo lucidamente, e calou-se; e seu silêncio foi imitado por Vandenesse.

— Não estou bem — disse ela por fim, temerosa com o alto significado de um momento em que a linguagem dos olhos supriu completamente a importância das palavras.

— Senhora — respondeu Carlos numa voz afetuosa mais violentamente emocionada —, alma e corpo formam um todo. Se fosse feliz, seria jovem e

louçã. Por que recusa pedir ao amor tudo aquilo de que o amor a privou? Julga a vida terminada no momento em que, para a senhora, ela começa. Confie-se aos cuidados dum amigo. É tão doce ser amado!

— Já estou velha — disse ela —, nada me escusaria portanto de não continuar a sofrer como até agora. Diz-me que é preciso amar? Pois bem! Eu não devo nem posso amar. Afora o senhor, cuja amizade suaviza um pouco minha vida, ninguém me agrada, ninguém seria capaz de afugentar minhas recordações. Eu aceito um amigo, mas fugiria de um apaixonado. Depois, seria generoso de minha parte trocar um coração desolado por um coração jovem, acolher ilusões de que não posso partilhar, causar uma felicidade em que eu não acreditaria ou que temeria perder? Possivelmente eu responderia com egoísmo ao seu devotamento, e com cálculo diante dos seus sentimentos, minha memória ofenderia a vivacidade de seus prazeres. Não, acredite, o primeiro amor nunca pode ser substituído. Enfim, que homem, por tal preço, quereria meu coração?

Essas palavras, impregnadas duma horrível coqueteria, eram o último esforço da sensatez. “Se ele desanimar, então continuarei sozinha e fiel.” Essa ideia dominou-a, e foi para ela o que é o frágil ramo de salgueiro para o nadador que a ele se agarra antes de ser arrastado pela correnteza. Ao ouvir essa decisão, Vandenesse teve um estremecimento involuntário que fez mais impressão ao coração da marquesa que toda a sua insistência anterior. O que mais impressiona às mulheres não é encontrar em nós afabilidades, sentimentos delicados com os seus; porque nelas a frieza e a delicadeza são indícios do que é *verdadeiro*. O gesto de Carlos revelava um verdadeiro amor. A sra. d’Aiglemont percebeu a intensidade da afeição de Carlos pela intensidade da sua dor. O rapaz disse com frieza:

— Talvez a senhora tenha razão: novos amores, novos sabores.

Depois, mudou de assunto e falou de coisas indiferentes; mas estava visivelmente emocionado e fitava a sra. d’Aiglemont com uma atenção concentrada, como se a estivesse vendo pela última vez. Finalmente, deixou-a, dizendo-lhe com emoção:

— Adeus, senhora.

— Até a vista — disse ela com essa graça sedutora que só possuem as mulheres finas.

Ele não respondeu e saiu.

Quando ficou só, quando a cadeira que Carlos ocupara, vazia, falava por ele, a marquesa sentiu-se arrependida e achou que não tinha procedido bem. A paixão progride enormemente numa mulher no momento em que ela acredita haver agido pouco generosamente, ou ter ferido alguma alma nobre. Em amor, nunca se deve descrer dos maus sentimentos; eles são muito salutares. As mulheres só sucumbem ao golpe duma virtude. *A estrada do inferno está calçada de boas intenções* não é um paradoxo de pregador.

Vandenesse passou alguns dias sem aparecer. Todas as tardes, à hora em que ele costumava vir, a marquesa esperava-o com uma impaciência cheia de remorsos. Escrever seria uma confissão; aliás, seu instinto dizia-lhe que ele voltaria. No sexto dia, o criado de quarto anunciou-o. Jamais ela lhe ouvira o nome com tanta satisfação. Sua alegria assustou-o.

— Fui bastante castigada! — disse-lhe ela.

Vandenesse fitou-a com ar espantado.

— Castigada? — repetiu ele. — Mas por quê?

Carlos compreendia perfeitamente a marquesa, mas queria vingar-se dos sofrimentos por que passara, já que ela os suspeitava.

— Por que não tem vindo me ver? — perguntou ela, sorrindo.

— Então não tem recebido visitas? — disse ele para fugir a uma resposta direta.

— O sr. de Ronquerolles, | o sr. de Marsay e o pequeno d'Esgrignon estiveram aqui, um ontem, outro esta manhã, cerca de duas horas. Vi também, creio, a sra. Firmiani e a irmã do senhor, a sra. de Listomère.

Outro sofrimento! Dor incompreensível para aqueles que não amam com esse despotismo usurpador e feroz cujo efeito mínimo é um ciúme monstruoso, um perpétuo desejo de furtar o ser amado a toda influência estranha ao amor.

“Como!”, exclamou Vandenesse consigo, “ela recebeu, ela viu criaturas

satisfeitas, ela falou-lhes, enquanto eu permanecia solitário, infeliz!”

Sepultou seu desgosto e lançou seu amor para o fundo do coração, como um esquiife é lançado ao mar. Seus pensamentos eram daqueles que se não exprimem, que têm a rapidez dos ácidos que matam ao se evaporarem. Contudo, o semblante se lhe anuviou, e a sra. d’Aiglemont obedeceu a um instinto feminino partilhando dessa tristeza sem a compreender. Ela não era cúmplice do mal que fazia, e Vandenesse disso se apercebeu. Falou de sua situação e de seu ciúme, como se se tratasse duma dessas hipóteses que os apaixonados gostam de discutir. A marquesa compreendeu tudo e ficou tão vivamente comovida que não pôde reter as lágrimas. Desse momento em diante, entraram ambos no céu do amor. Céu e inferno são dois grandes poemas que fixam os dois únicos pontos em torno dos quais gira nossa existência: a alegria ou a dor. O céu não é, não será sempre uma imagem do infinito dos nossos sentimentos que não será pintado senão em detalhes, porque a felicidade é uma só? e o inferno não representa as torturas infinitas de nossas dores, de que podemos fazer obra de poesia, porque todas são dessemelhantes?

Uma tarde, os dois enamorados estavam sós, sentados lado a lado, em silêncio, e ocupados em contemplar um dos mais belos espetáculos do firmamento, um desses céus puros em que os derradeiros raios de sol lançam fracas tintas de ouro e de púrpura. Nesse instante da tarde o lento esvaecer da luz parece despertar sentimentos suaves; nossas paixões vibram delicadamente, e saboreamos as perturbações de não sei que violência em meio à calmaria. Mostrando-nos a felicidade por imagens vagas, a natureza convida-nos a gozá-la quando a temos perto de nós, ou faz com que choremos sua perda, quando nos fugiu. Nesses instantes férteis em encantamentos, sob o dossel dessa luz cujas ternas harmonias se unem a seduções íntimas, é difícil resistir aos desejos do coração que tem então tanta magia! Então o pesar se embota, a alegria embriaga e a dor abate. As magnificências da tarde são o presságio das confissões e as encorajam. O silêncio torna-se mais perigoso que a palavra, comunicando aos olhos todo o infinito do céu que eles refletem. Se falamos, o mais insignificante termo possui um poder irresistível. Não há então luz na voz, púrpura no olhar?

Não temos a impressão de que o céu está em nós, ou não nos parece que estamos no céu? Contudo, Vandenesse e Júlia — pois desde alguns dias ela se deixava chamar assim familiarmente por aquele a quem gostava de chamar de Carlos; falavam ambos, mas o assunto primitivo da palestra estava bem longe deles, e, se já nem sabíamos o sentido das palavras, escutavam com delícia os pensamentos secretos que elas encobriam. A mão da marquesa estava na de Vandenesse, e ela a abandonava sem pensar que isso fosse um favor.

Inclinaram-se juntos para verem uma dessas majestosas paisagens de neve, de geleiras, de sombras acinzentadas que tingem as encostas de montanhas fantásticas; um desses quadros repletos de contrastes bruscos entre as chamas vermelhas e os tons escuros que decoram os céus com uma inimitável e fugaz poesia; fraldas magníficas onde renasce o sol, maravilhosas mortalhas de crepúsculos. Nesse momento, os cabelos de Júlia roçaram o rosto de Vandenesse; ela sentiu esse contato leve, estremeceu vivamente, e ele ainda mais; pois ambos haviam gradualmente chegado a uma dessas inexplicáveis crises em que a calma comunica aos sentidos uma percepção tão fina, que o mais leve choque faz brotar lágrimas e transbordar a tristeza, se o coração está perdido em suas melancolias, ou lhe dá inefáveis prazeres se está perdido nas vertigens do amor. Quase involuntariamente, Júlia apertou a mão do amigo. Essa pressão persuasiva deu coragem à timidez de Vandenesse. As alegrias do momento e as esperanças do futuro, tudo se fundiu numa emoção, na emoção da primeira carícia do casto e modesto beijo que a sra. d'Aiglemont aceitou, na face. Quanto mais insignificante é o favor, mais forte, mais perigoso se torna. Para infelicidade de ambos, não havia ali nem simulação nem falsidade. Foi o entendimento de duas almas, separadas por tudo o que é lei, reunidas por tudo o que é sedução na natureza.

Nesse momento, entrou o general d'Aiglemont.

— O ministério caiu — disse ele. — Seu tio faz parte do novo gabinete. Desse modo, tem muitas probabilidades de vir a ser embaixador, Vandenesse.

Carlos e Júlia entreolharam-se, corando. Esse pudor mútuo ligou-os ainda mais. Ambos tiveram o mesmo pensamento, o mesmo remorso; laço terrível e

tão forte entre dois bandidos que acabam de matar um homem quanto entre dois apaixonados culpados dum beijo. Era preciso responder ao marquês.

— Eu não quero sair de Paris — disse Carlos de Vandenesse.

— Nós sabemos por quê — replicou o general, afetando a finura dum homem que descobre um segredo. — Não quer abandonar seu tio, para conseguir ser declarado herdeiro de seu pariato.

A marquesa escapou para o seu quarto, formulando consigo esta horrível opinião sobre o marido: “Ele é por demais imbecil!”.

QUARTA PARTE

O DEDO DE DEUS

I – O BIÈVRE

Entre a Porte d'Italie e a de la Santé, no bulevar interior que leva ao Jardin des Plantes, existe uma perspectiva digna de maravilhar o artista ou o viajante mais calejado nos prazeres da vista. Subindo-se a uma leve eminência a partir da qual o bulevar, sombreado por árvores frondosas, faz uma curva com a graça de uma

alameda florestal, verde e silenciosa, vê-se embaixo um vale profundo, povoado de fábricas quase de aspecto rural, coberto de verdura, banhado pelas águas barrentas do Bièvre ou do Gobelins.

Na vertente oposta, alguns milhares de tetos, apinhados como as cabeças duma multidão, encobrem as misérias do faubourg Saint-Marceau. A magnífica cúpula do Panthéon e o zimbório descorado e melancólico do Val-de-Grâce dominam orgulhosamente toda uma cidade em anfiteatro, cujos degraus são representados de modo bizarro pelas ruas tortuosas. Daí, as proporções dos dois monumentos parecem gigantescas; reduzem a nada tanto as humildes moradias como os mais altos álamos do vale. À esquerda, o Observatoire, através de cujas janelas e galerias passa a claridade do dia, produzindo inexplicáveis desenhos, aparece como um espectro negro e descarnado. Além, longínqua, a elegante lanterna dos Invalides brilha entre o maciço azulado do Luxembourg e as torres cinzentas de Saint-Sulpice. Vistas dali, essas linhas arquitetônicas misturam-se com as folhagens, com suas sombras, são submetidas aos caprichos dum céu que muda incessantemente de cor, de claridade ou de aspecto. Ao longe, os edifícios mobiliam os ares; em derredor, serpenteiam árvores tremulantes, caminhos rústicos. À direita, por um amplo recorte dessa singular paisagem, avista-se o comprido lençol do canal Saint-Martin, emoldurado de pedras vermelhas, ornado de tílias, marginado pelas construções autenticamente romanas dos celeiros da fartura. Além, no último plano, as vaporosas colinas de Belleville, cheias de casas e moinhos, confundem seus acidentes com os das nuvens. Entretanto, existe uma cidade, que não se vê, entre a fila de telhados que borda o vale e esse horizonte tão vago quanto uma recordação de infância; uma cidade imensa, perdida como num precipício entre o cimo da Piété e o alto do cemitério de l'Est, entre o sofrimento e a morte. Ela faz ouvir um murmúrio surdo semelhante ao do oceano que ruge por detrás dum rochedo como que para dizer: “Estou aqui”.

Se o sol lança seus raios luminosos sobre essa face de Paris, se lhe aclara, se lhe purifica as linhas; se acende reflexos em algumas vidraças, se alegra as telhas, beija as cruces douradas, clareia as paredes e transforma a atmosfera num véu de gaze; se cria ricos contrastes com as sombras fantásticas; se o céu é azul e

a terra freme, se os sinos dobram, então admira-se dali um desses espetáculos eloquentes que a imaginação jamais esquece, de que se fica idólatra, apaixonado como dum maravilhoso panorama de Nápoles, de Istambul ou das Flóridas. Não falta nenhuma harmonia a esse concerto. Ali, murmuram o ruído do mundo e a poética paz da solidão, as vozes de um milhão de seres e a voz de Deus. Ali jaz uma capital, deitada sob os aprazíveis ciprestes do Père-Lachaise.

Por uma manhã de primavera, num momento em que o sol fazia brilhar todas as belezas dessa paisagem, eu as admirava, apoiado num grande olmeiro que balançava ao vento suas flores amarelas. Ante esses preciosos e sublimes quadros, eu pensava amargamente no desprezo que manifestamos, até nos livros, pelo nosso país atual. Eu maldizia esses pobres ricos que, aborrecidos de nossa bela França, vão comprar a peso de ouro o direito de desdenhar sua pátria, visitando a galope, examinando através dum binóculo as vistas dessa Itália que se tornou tão vulgar. Eu contemplava com amor a Paris moderna, sonhava, quando de súbito o ruído de um beijo perturbou a minha solidão e afugentou a filosofia.

Na contra-alameda que coroa a rampa íngreme ao pé da qual se agitam as águas, e olhando para além da Pont des Gobelins, descobri uma mulher que me pareceu ainda bastante jovem, vestida com a mais elegante simplicidade, e cuja fisionomia suave parecia refletir a alegria da paisagem. Um belo rapaz pousava em terra o mais lindo garoto que é possível imaginar, de modo que eu não consegui jamais saber se o beijo estalara sobre a face da mãe ou do filho. Um mesmo pensamento, terno e vivo, brilhava nos olhos, nos gestos, nos sorrisos dos dois jovens. Eles entrelaçaram os braços com uma presteza tão alegre, e aproximaram-se com uma tão maravilhosa harmonia de movimentos, que, embevecidos, nem se aperceberam da minha presença. Mas uma outra criança, descontente, rabugenta, e que lhes virava as costas, lançou-me olhares cheios duma expressão surpreendente. Deixando o irmão correr sozinho, ora atrás, ora na frente da mãe e do rapaz, essa criança, vestida como a outra, igualmente graciosa, mas mais suave de formas do que ela, permaneceu muda, imóvel, e na atitude duma serpente encolhida. Era uma menina. O passeio da linda mulher e

de seu companheiro tinha não sei quê de maquinal. Contentando-se, por distração talvez, com percorrer o curto espaço compreendido entre a pequena ponte e uma carruagem estacionada na curva do bulevar, recomeçavam constantemente o breve passeio, parando, fitando-se, rindo ao sabor duma palestra alternativamente animada, lânguida, tola ou grave.

Oculto pelo grande olmo, eu admirava essa cena deliciosa, e ter-lhe-ia sem dúvida respeitado os mistérios se não tivesse surpreendido no rosto da garotinha sonhadora e taciturna sinais dum pensamento mais profundo do que sua idade comportava. Quando a mãe e o rapaz davam volta, depois de terem ido até junto dela, frequentes vezes ela inclinava sorratamente a cabeça e lançava sobre eles e sobre o irmão um olhar furtivo verdadeiramente extraordinário. Mas nada seria capaz de exprimir a finura penetrante, a maliciosa ingenuidade, a selvagem atenção que animavam aquele rosto infantil de olhos ligeiramente cerrados, quando a linda mulher ou seu companheiro acariciavam os cachos louros, afagavam o pescoço ou o colarinho branco do menino, toda vez que, por travessura, procurava caminhar ao lado deles.

Não há dúvida de que havia uma paixão de homem na fisionomia delicada dessa estranha menina. Ela sofria ou pensava. Ora, o que é que com mais exatidão profetiza a morte nessas criaturas em flor? Será o sofrimento alojado no corpo, ou será o pensamento precoce devorando-lhes as almas, apenas germinadas? Uma mãe talvez saiba isso. Quanto a mim, não conheço até agora nada mais horrível que um pensamento de velho na frente duma criança; a blasfêmia nos lábios duma virgem ainda é menos monstruosa. Por isso, a atitude quase estúpida dessa menina já pensativa, a raridade de seus gestos, tudo me interessou. Examinei-a com curiosidade. Por um capricho natural aos observadores, comparei-a com o irmão, procurando descobrir as semelhanças e diferenças que havia entre ambos. Ela tinha cabelos castanhos, olhos negros e uma energia precoce que formavam um vivo contraste com a cabeleira loura, os olhos verde-mar e a graciosa fragilidade do menino. Poderia ter uns sete ou oito anos, e ele no máximo seis. Estavam vestidos da mesma maneira. Contudo, observando-os com atenção, notei nas golas das camisas uma diferença bastante

frívola, mas que mais tarde me revelou todo um romance no passado, todo um drama no futuro. E era uma coisa bem insignificante. Um simples debrum bordava a gola da menina, ao passo que lindos bordados ornavam a do mais moço, traindo um segredo de coração, uma predileção tácita que as crianças leem na alma de suas mães, como se o espírito de Deus estivesse nelas. Despreocupado e alegre, o lourinho parecia uma menina, tal era o frescor de sua pele branca, a graça de seus movimentos, a doçura de sua fisionomia; ao passo que a mais velha, apesar de sua energia, apesar da beleza de suas feições e do brilho da tez, parecia um menino doentio. Seus olhos vivos, desprovidos desse úmido vapor que dá tanto encanto ao olhar das crianças, pareciam, como o das cortesãs, ter secado por um fogo interior. Enfim, sua brancura tinha não sei que tonalidade mate, esverdeada, sintoma dum vigoroso caráter.

Por duas vezes o irmãozinho fora oferecer-lhe com uma graça tocante, com um lindo olhar, com uma fisionomia expressiva que encantaria Charlet, a pequena trompa de caça em que soprava de vez em quando; mas das duas vezes ela só respondera com um olhar enraivecido a esta frase: “Toma, Helena, queres” dita numa voz carinhosa. E, sombria e terrível sob sua fisionomia aparentemente despreocupada, a menina estremecia e chegava até a corar quando o irmão se lhe aproximava; mas o menino não parecia perceber o mau humor da irmã, e sua despreocupação, misturada de interesse, acabava por fazer contrastar o verdadeiro caráter da infância com a reflexão do homem, que já se estampava no rosto da menina e que já o obscurecia com suas nuvens sombrias.

— Mamãe, Helena não quer brincar — exclamou o menino, que aproveitou para se queixar um momento em que a mãe e o rapaz tinham ficado silenciosos sobre a Pont des Gobelins.

— Deixa-a, Carlos. Tu sabes que ela sempre está de mau humor.

Essas palavras, pronunciadas ao acaso pela mãe, que em seguida virou-se bruscamente com o rapaz, arrancaram lágrimas a Helena. Ela as derramou em silêncio, lançou ao irmão um daqueles olhares profundos que me pareciam inexplicáveis e contemplou primeiro, com uma sinistra inteligência, o talude no cimo do qual ele estava, depois a correnteza do Bièvre, a ponte, a paisagem e a

mim.

Receei ser visto pelo casal feliz, cujo colóquio eu iria sem dúvida perturbar; retirei-me cautelosamente e fui refugiar-me atrás duma sebe de sabugueiro cuja folhagem me furtava completamente a todos os olhares. Sentei-me tranquilamente no alto do talude, fitando em silêncio ora as belezas cambiantes da paisagem, ora a menina selvagem que me era possível ainda entrever através dos interstícios da sebe, em cujos sabugueiros minha cabeça repousava, quase ao nível do bulevar. Não mais me vendo, Helena pareceu inquieta; seus olhos negros procuraram-me na alameda distante atrás das árvores, com uma indefinível curiosidade. Que seria eu para ela? Nesse momento, o riso inocente de Carlos repercutiu no silêncio como um canto de pássaro. O belo rapaz, louro como ele, sacudia-o nos braços e o beijava, prodigalizando-lhe essas palavrinhas sem nexos e destituídas de seu sentido verdadeiro, que dirigimos amistosamente às crianças. A mãe sorria a esse brinquedo, e, de tempos em tempos, dizia, sem dúvida em voz baixa, palavras brotadas do coração, pois seu companheiro parava de brincar, feliz, e a fitava com um olhar extasiado, cheio de fogo, cheio de idolatria. Suas vozes, misturadas à do pequeno, tinham não sei quê de carinhoso. Todos três eram encantadores. Essa cena deliciosa, no meio daquela paisagem magnífica, dava-lhe uma incrível suavidade. Uma mulher, bela, clara, risonha, um filho do amor, um homem no esplendor da mocidade, um céu puro, enfim todas as harmonias da natureza concorriam para alegrar a alma. Surpreendi-me a sorrir, como se aquela felicidade fosse minha. O belo rapaz ouviu bater nove horas. Depois de ter beijado ternamente sua companheira, que se tornara séria e quase triste, ele regressou para seu tálburi, que se aproximava lentamente conduzido por um velho criado. A garrulice da criança confundiu-se com os últimos beijos que lhe deu o rapaz. Depois que este subiu para a carruagem, que a mulher imóvel escutou o rodar do tálburi, acompanhando o rastro deixado pela nuvem de poeira na alameda verde do bulevar, Carlos correu para a irmã que estava na ponte, e ouvi que lhe dizia numa voz argentina:

— Por que não foste dizer adeus ao meu bom amigo?

Vendo o irmão no declive do talude, Helena lançou-lhe o mais horrível olhar

que jamais iluminou os olhos duma criança e empurrou-o com um movimento de raiva. Carlos escorregou pela encosta íngreme, indo de encontro a raízes que o atiraram violentamente sobre as pedras cortantes do muro; partiu a cabeça e depois, sangrando, foi cair nas águas barrentas do rio. A superfície líquida abriu-se em mil gotas escuras sob a linda cabecinha loura. Eu ouvi os gritos do pobrezinho; gritos que logo se perderam sufocados no lodo, onde ele desapareceu produzindo um som pesado como o de uma pedra que se afunda. O relâmpago não é mais rápido do que foi essa queda. Levantei-me de um salto e desci por um atalho. Helena, estupefata, soltava gritos pungentes:

— Mamãe! Mamãe!

A mãe achava-se ali, junto de mim. Voara como o vento. Mas nem os olhos da mãe nem os meus podiam encontrar o lugar preciso em que a criança estava sepultada. A água negra borbulhava num espaço imenso. Nesse local, o leito do Bièvre, tem dez pés de lodo. O menino fatalmente morreria; era impossível socorrê-lo. Àquela hora, num domingo, tudo estava em repouso. Não há no Bièvre barcos nem pescadores. Não vi nem varas com que sondar o rio fétido, nem ninguém à vista. Por que havia eu de falar nesse sinistro acidente, ou de revelar o segredo dessa desgraça? Helena tinha talvez vingado o pai. Seu ciúme era sem dúvida o gládio de Deus. Contudo, eu estremeci contemplando a mãe. A que medonho interrogatório não iria submetê-la o marido, seu eterno juiz? E ela arrastava consigo uma testemunha incorruptível. A infância tem a fronte transparente, a tez diáfana; e a mentira é nela como uma luz que lhe ruboriza até o próprio olhar. A infeliz mulher não pensava ainda no suplício que a esperava em casa. Ela olhava o Bièvre.

Um tal acontecimento devia causar um abalo medonho na vida duma mulher, e eis um dos ecos mais terríveis que de tempos em tempos perturbaram a vida afetiva de Júlia.

II – O VALE DA TORRENTE

Dois ou três anos mais tarde, uma noite, depois do jantar, em casa do marquês de Vandenesse, então de luto pelo pai, e que tinha de tratar da sucessão, encontrava-se um notário. Não o insignificante notário de Sterne, mas um corpulento e gordo notário de Paris, um desses homens estimáveis que fazem uma tolice com precaução, que pisam com toda a força numa chaga desconhecida e perguntam o motivo por que a gente se queixa. Se, por acaso, ficam sabendo o porquê de sua estupidez assassina, dizem: “Juro que de nada sabia!”. Enfim, era um notário honestamente simplório, que na vida não via senão escrituras. O diplomata tinha ao seu lado a sra. d’Aiglemont. O general retirara-se delicadamente antes do fim do jantar para conduzir seus dois filhos ao espetáculo do Ambigu-Comique ou do Gaîté, nos bulevares. Apesar de os melodramas superexcitarem os sentimentos, passam em Paris por estarem ao alcance das crianças, e sem perigo, porque neles a inocência triunfa sempre. O pai saía sem esperar a sobremesa, tanto a filha e o filho tinham-no atormentado para chegar ao espetáculo antes do erguer do pano.

O notário, o imperturbável notário, incapaz de conjeturar por que a sra. d’Aiglemont enviava ao espetáculo os filhos e o marido sem os acompanhar, estava, depois do jantar, como que grudado à cadeira. Uma discussão prolongara a sobremesa, e os criados demoravam a servir o café. Esses incidentes, que tomavam um tempo sem dúvida precioso, arrancavam à bela mulher movimentos de impaciência; poder-se-ia compará-la a um cavalo de raça escarvando antes da corrida. O notário, que não entendia nem de cavalos nem de mulheres, apenas e ingenuamente achava a marquesa uma mulher viva e buliçosa. Encantado por estar em companhia duma mulher de prestígio social e dum político célebre, o notário se fazia espirituoso; tomava como aprovação o sorriso forçado da marquesa, a quem impacientava consideravelmente, e continuava. Já o dono da casa, de acordo com sua companheira, permitira-se guardar por várias vezes silêncio em ocasiões em que o notário esperava uma resposta lisonjeira; mas, durante esses silêncios significativos, o diabo do homem fitava o fogo procurando anedotas. Depois, o diplomata recorrera ao relógio. Por fim, a linda mulher tornara a pôr o chapéu para sair e não saía. O

notário não via nem entendia nada; estava encantado consigo mesmo e certo de que interessava bastante à marquesa para retê-la ali. “Com toda a certeza terei esta senhora como cliente”, pensava ele.

A marquesa conservava-se de pé, calçava as luvas, torcia os dedos e olhava alternadamente para o marquês de Vandenesse, que partilhava de sua impaciência, e para o notário, que sublinhava cada um de seus ditos de espírito. Cada vez que o digno homem fazia uma pausa, o lindo par respirava, dizendo-se por um sinal: “Enfim, ele se vai!”. Mas nada. Era um pesadelo moral que devia acabar por irritar os dois apaixonados sobre os quais o notário agia como uma serpente sobre os pássaros, e obrigá-los a alguma grosseria. No melhor da narrativa acerca dos ignóbeis meios de que du Tillet, um homem de negócios então em evidência, lançara mão para fazer sua fortuna, e cujas infâmias eram escrupulosamente pormenorizadas pelo espirituoso notário, o diplomata ouviu bater nove horas; viu que o notário era decididamente um imbecil que urgia despedir sem mais delongas, e interrompeu-o resolutamente com um gesto.

— Quer as tenazes, senhor marquês? — disse o notário apresentando-as ao cliente.

— Não, senhor, sou obrigado a despedi-lo. A senhora precisa ir encontrar seus filhos, e eu vou ter a honra de acompanhá-la.

— Nove horas, já! Na companhia de pessoas amáveis o tempo passa como por encanto — disse o notário, que falava sozinho havia uma hora.

Procurou o chapéu e depois veio plantar-se diante da lareira; teve dificuldade em reter um soluço e disse ao cliente, sem se aperceber dos olhares fulminantes que lhe lançava a marquesa:

— Estamos entendidos, senhor marquês. Os negócios antes de tudo. Amanhã, pois, enviaremos uma intimação ao senhor seu irmão para certificá-lo; procederemos ao inventário, e depois asseguro-lhe...

O notário compreendera tão mal as intenções de seu cliente, que tomava o negócio em sentido inverso às instruções que este lhe acabava de dar. O incidente era delicado demais para que Vandenesse não retificasse

involuntariamente as ideias do estúpido notário, e daí seguiu-se uma discussão que durou certo tempo.

— Escute — disse por fim o diplomata a um sinal que lhe fez a jovem senhora —, o senhor me atordoou a cabeça; volte amanhã às nove horas com o meu advogado.

— Mas eu tenho a honra de lhe observar, senhor marquês, que não temos certeza de encontrar amanhã o sr. Desroches, e se a intimação não for feita até o meio-dia, o prazo expira, e...

Nesse momento uma carruagem entrou no pátio; e ao ouvi-la a pobre mulher voltou-se bruscamente para ocultar as lágrimas que lhe vieram aos olhos.

O marquês tocou a sineta para mandar dizer que tinha saído; mas o general, que voltara subitamente do Gaîté, precedeu o criado e apareceu trazendo por uma das mãos a filha, que estava com os olhos vermelhos, e pela outra o menino, pesaroso e zangado.

— Que foi que aconteceu? — perguntou a marquesa ao marido.

— Mais tarde te direi — respondeu o general dirigindo-se ao gabinete contíguo cuja porta estava aberta e onde ele divisara os jornais.

A marquesa, nervosa, atirou-se com desespero num canapé. O notário, que se julgou na obrigação de ser gentil com as crianças, adotou um tom afetado para perguntar ao menino:

— Então, meu filho, que peça foi que viu?

— *O vale da torrente!* — respondeu Gustavo de mau humor, resmungando.

— Palavra de honra — disse o notário —, os autores de hoje são meio loucos! *O vale da torrente!* Por que não *A torrente do vale*? É possível que um vale não tenha torrente, e dizendo *A torrente do vale*, os autores teriam indicado qualquer coisa de preciso, de nítido, de característico, de compreensível. Mas, deixando de lado isso, como é que pode se encontrar motivo para um drama numa torrente e num vale? Responder-me-ão que atualmente o principal atrativo dessas espécies de espetáculos reside nos cenários, e esse título indica que eles devem ser muito bonitos. Divertiu-se muito? — perguntou sentando-se diante do

menino.

No momento em que o notário perguntou que drama podia encontrar-se no fundo duma torrente, a filha da marquesa voltou-se lentamente e chorou. A mãe estava tão contrariada que não percebeu o movimento da filha.

— Oh, sim, senhor, diverti-me muito! — respondeu o menino. — Havia na peça um rapazinho encantador que estava só no mundo porque seu pai não podia ser seu pai. Acontece que, quando ele chega ao alto duma ponte sobre a torrente, um vilão muito barbudo, vestido de negro, o atira na água. Helena pôs-se então a chorar, a soluçar; toda a sala gritou atrás de nós, e papai imediatamente, imediatamente nos tirou...

O sr. de Vandenesse e a marquesa ficaram ambos estupefatos e como que invadidos por um mal que lhes tirava a força de pensar e de agir.

— Gustavo, cale-se! — gritou o general. — Eu lhe proibi de falar sobre o que se passou no espetáculo, e você já esqueceu minhas recomendações.

— Vossa Senhoria o desculpe, senhor marquês — disse o notário —; fiz mal em interrogá-lo, mas ignorava a gravidade da...

— Ele devia não ter respondido — disse o pai, olhando com frieza para o filho.

A causa do brusco regresso das crianças e do pai ficou assim perfeitamente esclarecida para a marquesa e para o diplomata. A mãe olhou para a filha, viu-a chorando e ergueu-se para ir até ela; mas nesse momento o rosto se lhe contraiu violentamente e apresentou sinais duma severidade que nada atenuava.

— Basta, Helena — disse-lhe —; vá para o quarto enxugar suas lágrimas.

— Que foi que a pobre menina fez? — perguntou o notário, querendo acalmar ao mesmo tempo a cólera da mãe e o pranto da filha. — Ela é tão linda que deve ser a criatura mais bem comportada do mundo; estou certo, senhora, que ela só lhe dá satisfações. Não é verdade, minha menina?

Helena olhou trêmula para a mãe, enxugou as lágrimas, tratou de mostrar uma fisionomia calma e enveredou para o quarto.

— E, por certo — disse o notário sempre continuando a falar —, a senhora marquesa é uma mãe muito extremosa para não amar do mesmo modo a todos os

seus filhos. Aliás, a senhora é bastante virtuosa para não ter essas tristes preferências cujas funestas consequências se revelam mais particularmente a nós, notários. A sociedade passa-nos pelas mãos; por isso vemos as paixões sob a sua forma mais hedionda: *o interesse*. Às vezes é uma mãe que quer deserdar os filhos do marido em proveito dos filhos que ela prefere; enquanto, por seu lado, o marido quer reservar sua fortuna para o filho que mereceu o ódio da mãe. Então, são lutas, temores, ações, contraescrituras, vendas simuladas, fideicomissos; enfim, uma embrulhada deplorável, palavra de honra, deplorável! Outras vezes, os pais passam a vida a deserdar os filhos, roubando o dinheiro das esposas... Sim, *roubando* é o termo. Falávamos de drama; ah! asseguro-lhe que se pudéssemos declinar o segredo de certas doações, nossos autores teriam assunto para compor terríveis tragédias burguesas. Não sei de que poder usam as mulheres para fazer o que querem, porque, apesar das aparências e de sua fraqueza, são sempre elas que triunfam. Ah, mas a mim é que não enganam! Eu sempre adivinho as razões dessas predileções, que na sociedade a gente qualifica delicadamente de incompreensíveis! Mas os maridos nunca as adivinham, é uma justiça que se lhes deve fazer. A senhora me responderá a isso que há agrados...

Helena, que voltara com o pai para o salão, escutava atentamente o notário e o compreendia tão bem, que lançou para a mãe um olhar temeroso presentindo com todo instinto da infância que essa circunstância ia redobrar a severidade que se desencadeava sobre ela. A marquesa empalideceu ao mostrar ao conde, com um gesto de terror, o marido, que olhava pensativamente para as flores do tapete. Nesse momento, apesar de toda a sua diplomacia, Vandenesse não pôde mais dominar-se e lançou para o notário um olhar fulminante.

— Venha por aqui, senhor — disse-lhe, dirigindo-se apressadamente para a peça que precedia o salão.

O notário seguiu-o trêmulo e sem concluir a frase.

— Senhor — disse-lhe então com uma raiva concentrada o marquês de Vandenesse, fechando violentamente a porta do salão onde deixava marido e mulher —, depois do jantar, o senhor não fez outra coisa que dizer tolices e cometer asnices. Por amor de Deus, vá-se embora; senão acabará causando

grandes desgraças. Se é um excelente notário, fique em seu cartório; mas se, por acaso, se encontrar na sociedade, trate de ser mais circunspecto...

Depois voltou para o salão, deixando o notário sem o cumprimentar. Este permaneceu um momento completamente atônito, pasmado, sem saber onde estava. Quando cessaram os zumbidos que sentia nos ouvidos, julgou ouvir gemidos, passos de um lado para outro no salão, forte tinir de campainhas. Teve medo de se encontrar de novo com o marquês e recuperou o uso das pernas para fugir pela escada; mas esbarrou, na porta, com os criados que acudiam a receber as ordens do patrão.

“Eis aí como são todos esses grandes senhores”, disse por fim consigo mesmo quando se viu na rua à procura de um cabriolé, “levam-nos a falar, fazem-nos até elogios convidativos e a gente acredita ser-lhes agradável. Nada disso! Dirigem-nos impertinências, colocam-nos a distância e chegam até a nos pôr na rua sem nenhum constrangimento. Afinal, fui bastante fino; nada disse que não fosse sensato, ajuizado, conveniente. Recomendou-me que tivesse mais circunspecção! Nunca deixei de a ter. E, diacho, sou notário e dono dos meus atos. Essa é boa! Foi um repente de embaixador; para eles não há nada sagrado. Amanhã ele me explicará como foi que eu só disse tolices e só cometi asnices. Pedir-lhe-ei explicações; quer dizer, pedir-lhe-ei a explicação disso. Afinal, talvez eu não tenha andado bem... Mas para que hei de quebrar a cabeça! Que importância tem isso?”

O notário voltou para casa e submeteu o enigma à mulher, contando-lhe minuciosamente todos os acontecimentos da noite.

— Crottat,| Sua Excelência teve toda a razão em te dizer que não tinha dito senão tolices e só tinhas feito asnices.

— Por quê?

— Meu caro, de qualquer forma isso não impediria que amanhã tornasses a fazer o mesmo. Somente te recomendo que, numa roda social, nunca fales senão de negócios.

— Se não me queres dizer, amanhã eu perguntarei a...

— Meu Deus, mesmo as pessoas mais tolas se empenham em esconder essas

coisas, e tu acreditas que um embaixador te vá dizê-las? Mas, Crottat, nunca te vi tão desprovido de senso.

— Obrigado, minha querida!

QUINTA PARTE

OS DOIS ENCONTROS

I – A FASCINAÇÃO

Um antigo ajudante de ordens de Napoleão, a quem chamaremos somente de marquês, ou general, e que a Restauração enriqueceu, viera passar os dias de verão em Versalhes, onde ocupava uma casa de campo situada entre a igreja e a barreira de Montreuil, no caminho que conduz à Avenue de Saint-Cloud. Seu

serviço na corte não lhe permitia afastar-se de Paris.

Construído outrora para abrigar os amores ocasionais de algum poderoso fidalgo, esse pavilhão possuía vastas dependências. Os jardins, no meio dos quais estava colocado, afastavam-no igualmente à direita e à esquerda das primeiras casas de Montreuil, e das cabanas construídas nas proximidades da barreira; assim, sem um isolamento absoluto, os donos da propriedade gozavam, a dois passos de uma cidade, de todos os prazeres da solidão. Por uma estranha contradição, a fachada e a porta de entrada da casa davam diretamente para a estrada que, outrora, talvez, fosse pouco frequentada. Tal hipótese parecia verossímil quando se pensa que esse caminho conduzia ao delicioso pavilhão construído por Luís xv para a srta. de Romans e que, antes de chegar-se ao mesmo, os curiosos reconheciam, aqui e ali, mais de um *casino* cujo interior e decoração atraíam os espirituais desregramentos de nossos antepassados que, na libertinagem de que são acusados, procuravam não obstante a sombra e o mistério.

Por uma noite de inverno, o marquês, a esposa e os filhos encontravam-se sozinhos naquela casa deserta. Os criados haviam obtido permissão para celebrar em Versalhes as núpcias de um deles; e, presumindo que a solenidade de Natal, acrescida a essa circunstância, lhes ofereceria uma legítima desculpa junto aos senhores, não tinham escrúpulo em consagrar à festa um pouco mais de tempo do que aquele que lhes concedera o regulamento doméstico. Entretanto, como o general era conhecido como homem que jamais deixara de cumprir a palavra com a mais inflexível probidade, os refratários não dançaram sem alguns remorsos quando expirou o prazo para o regresso. Acabavam de soar onze horas, e nem um criado chegara.

O profundo silêncio que reinava no campo permitia ouvir-se a intervalos, o nordeste soprando através dos negros ramos das árvores, mugindo em torno da casa, ou engolfando-se nos compridos corredores. O gelo purificara de tal modo o ar, endurecera a terra e cobrira as lajes, que tudo adquiria aquela sonoridade seca com que os fenômenos sempre nos surpreendem. O andar pesado de um ébrio retardatário, ou o barulho de um fiacre voltando de Paris ressoavam mais

vivamente e se faziam ouvir mais longe que de costume. As folhas secas, bailando em alguns turbilhões repentinos, rumorejavam nas pedras do pátio como se quisessem dar uma voz à noite, quando ela queria tornar-se muda. Era enfim uma dessas ásperas noites que arrancam ao nosso egoísmo uma queixa estéril a favor do pobre ou do viajante, e nos tornam a lareira tão voluptuosa.

Nesse momento, a família reunida no salão não se inquietava nem com a ausência dos criados nem com as pessoas sem lar nem com a poesia que cintila num serão de inverno. Sem filosofar inutilmente e confiantes na proteção de um velho soldado, mulheres e crianças se entregavam às delícias que produz a vida interior quando os sentimentos não são perturbados, quando a afeição e a fraqueza animam as palestras, os olhares e os folguedos.

O general estava sentado ou, para melhor dizer, enterrado numa alta e espaçosa poltrona, a um canto da lareira, onde brilhava um fogo vivo que espalhava um calor picante, sintoma de frio excessivo lá fora. Apoiada no espaldar da poltrona e ligeiramente inclinada, a cabeça do bom pai mantinha-se numa posição cuja indolência denotava calma perfeita, um suave desafogo de alegria. Seus braços meio adormecidos, molemente jogados para fora da poltrona, acabavam de exprimir um pensamento de felicidade. Contemplava o menor dos filhos, um menino com cinco anos apenas, que, seminu, recusava-se a deixar-se despir pela mãe. O garoto fugia à camisa ou ao gorro de dormir com o qual a marquesa o ameaçava às vezes; conservava a pala bordada, ria para a mãe quando ela o chamava, percebendo que ela própria se ria daquela rebelião infantil; voltava então a brincar com a irmã, tão ingênua quanto ele, porém mais maliciosa, e que já falava mais distintamente que ele, cujas vagas palavras e ideias confusas mal eram inteligíveis aos pais. A pequena Moína, dois anos mais velha que ele, provocava com meiguices já femininas risos intermináveis, que espoucavam como foguetes e pareciam não ter motivo; mas, ao vê-los ambos rolando diante do fogo, mostrando sem pejo seus lindos corpos rechonchudos, suas formas brancas e delicadas, confundindo os anéis de suas cabeleiras negra e loura, chocando suas róseas carinhas, nas quais a alegria delineava covinhas ingênuas, certamente o pai e sobretudo a mãe compreendiam essas pequenas

almas, para eles já caracterizadas, para eles já apaixonadas. Esses dois anjos faziam empalidecer pelas cores vivas de seus olhos úmidos, de suas faces brilhantes, de sua pele branca, as flores do sedoso tapete, teatro de seus prazeres, no qual caíam, viravam-se, lutavam e rolavam sem perigo.

Sentada num sofá do outro lado da lareira, diante do marido, a mãe estava rodeada de roupas espalhadas e conservava-se, com um sapato vermelho na mão, numa atitude cheia de abandono. Sua indecisa severidade morria num suave sorriso gravado sobre os lábios. Com trinta e seis anos de idade, aproximadamente, conservava ainda uma beleza devido à rara perfeição das linhas do rosto, ao qual o calor, a luz e a felicidade emprestavam nesse momento um brilho sobrenatural. Por vezes deixava de olhar os filhos para dirigir os olhos acariciadores sobre a grave figura do marido; e, às vezes, ao encontrarem-se, os olhos dos dois esposos trocavam gozos mudos e profundas reflexões. O general tinha um rosto fortemente trigueiro. Sua frente larga e pura era sulcada por algumas mechas de cabelos grisalhos. Os másculos clarões de seus olhos azuis, a bravura impressa nas rugas de suas faces murchas, anunciavam que ele conquistara com rudes trabalhos a fita vermelha que adornava a lapela de sua roupa. Nesse momento, as inocentes alegrias manifestadas pelas duas crianças refletiam-se em sua fisionomia vigorosa e firme onde transpareciam uma bonomia e uma candura indizíveis. O velho capitão voltava a ser criança sem muitos esforços. Não haverá sempre um pouco de amor pela infância nos soldados que bastante experimentaram as infelicidades da vida para saber reconhecer as misérias da força e os privilégios da fraqueza?

Mais adiante, em frente de uma mesa redonda iluminada por lâmpadas astrais,¹ cujas luzes vivas lutavam com os pálidos clarões das velas colocadas na lareira, estava um menino de treze anos que folheava rapidamente um grosso livro. Os gritos do irmão e da irmã não lhe causavam nenhuma distração e sua fisionomia acusava a curiosidade da juventude. Essa profunda preocupação era justificada pelas atraentes maravilhas do *Livro das mil e uma noites* e por um uniforme de colegial. Conservava-se imóvel, numa atitude meditativa, um cotovelo sobre a mesa e a cabeça apoiada numa das mãos, cujos

dedos brancos se destacavam em meio a uma cabeleira escura. A luz caindo a prumo em seu rosto, e o resto do corpo estando na obscuridade, ele se assemelhava assim a esses negros retratos em que Rafael representou a si mesmo atento, inclinado, pensando no futuro.

Entre essa mesa e a marquesa, trabalhava uma rapariga alta e bela, sentada diante de um bastidor de bordar sobre o qual se debruçava e de onde afastava alternadamente a cabeça, cujos cabelos de ébano, artisticamente penteados, refletiam a luz. Helena sozinha era um espetáculo. Sua beleza se distinguia por um raro caráter de força e elegância. Embora penteada de maneira a desenhar traços vivos em torno da cabeça, a cabeleira era tão abundante que, rebelde aos dentes da travessa, frisava-se energicamente ao início do pescoço. As sobrancelhas, muito espessas e plantadas com regularidade, contrastavam com a brancura de sua fronte pura. Possuía até sobre o lábio superior alguns sinais de coragem que produziam um leve matiz bistre sob um nariz grego, cujos contornos eram de rara perfeição. Mas a cativante harmonia das formas, a cândida expressão dos outros traços, a transparência de uma carnação delicada, a voluptuosa delicadeza dos lábios, o remate do oval descrito pelo rosto, e sobretudo a pureza de seu olhar virgem, imprimiam àquela beleza vigorosa a suavidade feminina, a encantadora modéstia que pedimos a esses anjos de paz e amor. Apenas, nada havia de frágil nessa rapariga, e seu coração devia ser tão suave, sua alma tão forte quanto eram magníficas suas proporções e atraente sua fisionomia. Ela imitava o silêncio do irmão estudante, e parecia presa a uma dessas fatais meditações de rapariga, quase sempre impenetráveis à observação de um pai ou até à sagacidade das mães; de maneira que era impossível saber se era preciso atribuir ao jogo da luz ou a secretos pesares as sombras caprichosas que lhe passavam pelo rosto como nuvens frágeis num céu puro.

Os dois mais velhos estavam nesse momento completamente esquecidos pelo marido e pela mulher. Entretanto, várias vezes uma olhadela interrogadora do general abrangerá a cena muda que, em segundo plano, oferecia uma graciosa realização das esperanças escritas nos tumultos infantis colocados em face desse quadro doméstico. Explicando a vida humana por insensíveis gradações, essas

figuras compunham uma espécie de poema vivo. O luxo dos acessórios que ornamentavam o salão, a diversidade das atitudes, os contrastes causados pelas roupas de diversas cores, as dessemelhanças desses rostos tão caracterizados por diferentes idades e pelos contornos que as luzes punham em destaque espalhavam sobre essas páginas humanas todas as riquezas pedidas à escultura, aos pintores, aos escritores. Enfim, o inverno e o silêncio, a solidão e a noite emprestavam sua majestade àquela sublime e ingênua composição, delicioso efeito da natureza. A vida conjugal está cheia dessas horas sagradas, cujo indefinível encanto é devido talvez a alguma lembrança de um mundo melhor. Raios celestes caíam sem dúvida sobre tais cenas, destinadas a pagar ao homem uma parte de seus pesares, a fazê-lo aceitar a existência. Parece que o universo ali está, diante de nós, sob uma forma encantadora, que desenrola suas grandes ideias de ordem, que a vida social advoga por suas leis, falando do futuro.

Entretanto, apesar do olhar de enternecimento dirigido por Helena a Abel e Moína, quando se manifestava uma de suas alegrias; apesar da felicidade pintada em sua lúcida fisionomia quando contemplava furtivamente o pai, um sentimento de profunda melancolia estava impresso em seus gestos, em sua atitude e, sobretudo, em seus olhos velados por longas pálpebras. Suas mãos brancas e fortes, através das quais a luz passava comunicando-lhes uma vermelhidão diáfana e quase fluida, pois bem, suas mãos tremiam. Uma única vez, sem desafiarem-se mutuamente, seus olhos e os da marquesa se encontraram. As duas mulheres entenderam-se então por um olhar sem brilho, frio e respeitoso em Helena, sombrio e ameaçador na mãe. Helena baixou prontamente os olhos sobre o trabalho, manejou a agulha com presteza, e por muito tempo não ergueu a cabeça, que parecia ter se tornado muito pesada para carregar.

A mãe era pois muito severa para a filha, e julgava tal severidade necessária? Estaria com ciúmes da beleza de Helena, com quem ainda podia rivalizar, mas pondo em ação todos os recursos do toucador? Ou a filha surpreendera, como muitas filhas quando se tornam clarividentes, segredos que aquela mulher, na aparência tão religiosamente fiel aos seus deveres, acreditava ter sepultado em

seu coração tão profundamente como se estivessem num túmulo?

Helena chegara a uma idade em que a pureza da alma leva a intransigências que ultrapassam a justa medida na qual devem ficar os sentimentos. Em certos espíritos, os erros tomam as proporções de um crime; a imaginação reage então sobre a consciência; quase sempre então as raparigas exageram a punição em razão da extensão que concedem aos crimes. Helena parecia não se julgar digna de ninguém. Um segredo de sua vida anterior, um acidente talvez, a princípio incompreendido, mas desenvolvido pelas suscetibilidades de sua inteligência sobre a qual influíam as ideias religiosas, parecia tê-la, havia pouco, como que aviltado romanescamente a seus próprios olhos. Essa transformação em sua conduta começara no dia em que lera, na recente tradução dos teatros estrangeiros, a bela tragédia *Guilherme Tell*, de Schiller. Após ter censurado a filha por ter deixado cair o volume, a mãe observara que a devastação causada por aquela leitura na alma de Helena vinha da cena em que o poeta estabelece uma espécie de fraternidade entre Guilherme Tell, que derrama o sangue de um homem para salvar um povo inteiro, e João, o parricida. Fazendo-se de humilde, piedosa e recolhida, Helena não queria mais ir ao baile. Jamais fora tão carinhosa com o pai, sobretudo quando a marquesa não era testemunha de suas meiguices de moça. Contudo, se havia frieza na afeição de Helena por sua mãe, era exprimida com tanta finura, que o general não poderia percebê-la, por mais zeloso que fosse da união que reinava em sua família. Homem algum seria bastante perspicaz para sondar a profundidade desses dois corações femininos: um, jovem e generoso, o outro, sensível e orgulhoso; o primeiro, tesouro de indulgência; o segundo, cheio de delicadeza e amor. Se a mãe afligia a filha com um astucioso despotismo de mulher, este só era visível aos olhos da vítima. De resto, só o acontecimento fez nascer essas conjecturas, todas insolúveis. Até essa noite, nenhuma luz acusadora escapara-se dessas duas almas; mas entre elas e Deus certamente erguia-se algum sinistro mistério.

— Vamos, Abel — exclamou a marquesa aproveitando um momento em que, silenciosos e fatigados, Moína e seu irmão se conservaram imóveis —; vamos, venha, meu filho, você precisa deitar-se...

E lançando-lhe um olhar imperioso, tomou-o vivamente no colo.

— Como — disse o general —, são dez e meia e nenhum dos nossos criados regressou? Ah, os malandros! Gustavo — acrescentou ele, voltando-se para o filho —, só te dei o livro com a condição de deixá-lo às dez horas; devias fechá-lo espontaneamente à hora marcada e te ires deitar conforme prometeste. Se queres ser um homem notável, é preciso que faças da tua palavra uma segunda religião, prezando-a como à tua própria honra. Fox, um dos maiores oradores da Inglaterra, era sobretudo notável pela beleza do seu caráter. A fidelidade aos compromissos assumidos é a principal das suas qualidades. Na infância, seu pai, um inglês da velha têmpera, dera-lhe uma lição bem vigorosa para causar eterna impressão no espírito do menino. Em tua idade, Fox, durante as férias, ia à casa do pai, que, como todos os ingleses ricos, possuía um parque bem grande em torno do castelo. Existia nesse parque um velho quiosque que devia ser demolido e reconstruído num lugar onde o ponto de vista era magnífico. As crianças gostam muito de ver uma demolição. O pequeno Fox queria ter mais alguns dias de férias para assistir à queda do pavilhão; mas seu pai exigia que ele voltasse ao colégio no dia marcado para a abertura das aulas; daí uma disputa entre pai e filho. A mãe, como todas as mães, apoiou o pequeno Fox. O pai, então, prometeu solenemente ao filho que esperaria as próximas férias para demolir o quiosque. Fox volta ao colégio. O pai acreditou que um rapaz, distraído pelos estudos, esqueceria essa circunstância, e mandou derrubar o quiosque e reconstruí-lo em outro lugar. O teimoso rapaz só pensava no quiosque. Quando voltou à casa paterna, seu primeiro cuidado foi ir ver o velho pavilhão; mas voltou muito triste na hora do almoço e disse ao pai: “O senhor me enganou”. O velho gentil-homem inglês disse com uma confusão cheia de dignidade: “É verdade, meu filho, mas repararei o erro. É preciso querer mais à palavra que à fortuna; pois manter a palavra dá a fortuna, e todas as fortunas não apagam a mancha feita à consciência por uma palavra não cumprida”. O pai mandou reconstruir o velho pavilhão como fora; depois de reconstruí-lo, ordenou que o demolissem aos olhos do filho. Que isso, Gustavo, te sirva de lição.

Gustavo, que escutara atentamente o pai, fechou imediatamente o livro. Houve um momento de silêncio durante o qual o general apoderou-se de Moína, que se debatia contra o sono, e aconchegou-a suavemente contra si. A pequena deixou cair a cabeça oscilante no peito do pai e aí adormeceu então por completo, envolvida nos cachos dourados de sua linda cabeleira. Nesse momento, passos rápidos ressoaram na estrada, sobre a terra; e, subitamente, três pancadas na porta despertaram os ecos da casa. Essas pancadas prolongadas tiveram um sentido tão fácil de compreender como um grito de um homem em perigo de morte. O cão de guarda latiu furiosamente. Helena, Gustavo, o general e sua mulher estremeceram vivamente; mas Abel, que sua mãe acabava de pentear, e Moína não acordaram.

— É alguém que deve estar com pressa — exclamou o militar colocando a filha na poltrona. Saiu bruscamente do salão sem ter ouvido o pedido da esposa:

— Meu amigo, não vá...

O marquês passou no quarto de dormir, muniu-se de um par de pistolas, acendeu a lanterna furta-fogo, atirou-se para a escada, desceu com rapidez de relâmpago e encontrou-se imediatamente na porta da casa onde seu filho o seguiu intrepidamente.

— Quem está aí? — perguntou.

— Abra — respondeu uma voz quase sufocada por respiração ofegante.

— É amigo?

— Sim, amigo.

— Está só?

— Sim, mas abra, porque *eles* estão chegando!

Um homem esgueirou-se sob o portal com a fantástica velocidade de uma sombra logo que o general entreabriu a porta e, sem que pudesse opor-se, o desconhecido obrigou-o a largá-la repelindo-a com um vigoroso pontapé e nela apoiando-se resolutamente como para impedir que ela fosse reaberta. O general, que erguera subitamente a pistola e a lanterna à altura do peito do desconhecido, a fim de mantê-lo em respeito, viu um homem de estatura mediana envolvido numa capa de peles, com traje de velho, amplo demais, que se arrastava e

parecia não ter sido feito para ele. Por acaso ou prudência, o fugitivo trazia a frente inteiramente coberta por um chapéu que lhe caía sobre os olhos.

— Senhor — disse ele ao general —, baixe o cano de sua pistola. Não pretendo ficar em sua casa sem o seu consentimento; mas se eu sair, a morte me espera na barreira. E que morte! Por ela o senhor responderia perante Deus. Peço-lhe hospitalidade por duas horas. Pense bem nisso, senhor, por mais suplicante que eu seja, devo ordenar com o despotismo da necessidade. Quero a hospitalidade da Arábia. Que eu lhe seja sagrado; do contrário, abra, irei morrer. Preciso de discrição, abrigo e água. Oh, água! — repetiu ele com uma voz que estertorava.

— Quem é o senhor? — perguntou o general, surpreendido com a volubilidade febril com que falava o desconhecido.

— Ah, quem sou? Pois bem! Abra, eu me vou — respondeu o homem em tom de infernal ironia.

Apesar da habilidade com que o marquês projetava os raios da lanterna, só podia ver a parte inferior do rosto, e nada nesse rosto advogava em favor de uma hospitalidade tão singularmente reclamada: as faces estavam trêmulas, lívidas, e os traços horrivelmente contraídos. Na sombra projetada pela aba do chapéu, os olhos se desenhavam como dois clarões que quase fizeram empalidecer a luz fraca da vela. Entretanto,urgia uma resposta.

— Senhor — disse o general —, sua linguagem é tão extraordinária que em meu lugar...

— O senhor dispõe de minha vida — exclamou o estranho num tom de voz terrível, interrompendo seu hospedeiro.

— Duas horas — disse o marquês irresoluto.

— Duas horas — repetiu o homem.

Mas, de repente, afastou o chapéu com um gesto de desespero, descobriu a frente e lançou, como se quisesse fazer uma última tentativa, um olhar cuja viva claridade penetrou a alma do general. Esse impulso de inteligência e vontade assemelhava-se a um relâmpago e foi fulminante como o raio; pois há momentos em que os homens são investidos de um poder inexplicável.

— Vá lá! Seja o senhor quem for, estará em segurança sob meu teto — replicou gravemente o dono da casa que acreditou obedecer a um desses movimentos instintivos que o homem nem sempre sabe explicar.

— Que Deus o recompense — acrescentou o desconhecido, deixando escapar um profundo suspiro.

— Está armado? — perguntou o general.

Como única resposta, o estranho, mal lhe dando tempo de uma olhadela à sua peliça, abriu-a e fechou-a lentamente. Estava sem armas aparentes e vestia-se como um jovem que sai do baile. Por mais rápido que fosse o exame do desconfiado militar, viu o bastante para exclamar:

— Onde diabo o senhor pôde enlamear-se assim com um tempo tão seco?

— Ainda perguntas? — respondeu ele com ar altivo.

Nesse momento o marquês percebeu seu filho e recordou-se da lição que lhe havia dado sobre a estrita execução da palavra empenhada; ficou tão vivamente contrariado com essa circunstância que lhe disse, não sem um tom de cólera:

— Como, diabinho, ainda estás aí em lugar de estares em tua cama?

— Porque julguei poder ser-vos útil no perigo — respondeu Gustavo.

— Vamos, sobe ao teu quarto — disse o pai suavizado com a resposta do filho. — E o senhor — disse ele, dirigindo-se ao desconhecido —, siga-me.

Tornaram-se silenciosos como dois jogadores que se desafiam mutuamente. O general começou até a conceber sinistros pressentimentos. O desconhecido já lhe pesava sobre o coração como um pesadelo; mas, dominado pela palavra empenhada, conduziu-o através dos corredores e escadas da casa, e fê-lo entrar num grande quarto situado no segundo andar, exatamente acima do salão. Essa peça desabitada servia de secadouro no inverno, não se comunicava com nenhum outro aposento e só possuía como adorno, em suas quatro paredes amarelcidas, um mesquinho espelho abandonado sobre a lareira pelo precedente proprietário e um espelho maior que, tendo ficado sem aproveitamento por ocasião da mudança do marquês, fora provisoriamente colocado sobre a lareira. O assoalho da vasta mansarda nunca fora varrido, o ar era glacial, e duas velhas cadeiras desempalhadas compunham todo o mobiliário. Após ter colocado a

lanterna sobre o peitoril da lareira, o general disse ao desconhecido:

— Sua segurança impõe como asilo esta miserável mansarda. E como o senhor tem minha palavra para o segredo, permita-me encerrá-lo aí.

O homem baixou a cabeça em sinal de aquiescência.

— Pedi apenas abrigo, discrição e água — acrescentou.

— Vou trazer para o senhor — respondeu o marquês, que fechou a porta com cuidado e desceu às apalpadelas ao salão para apanhar um archote a fim de ir procurar, pessoalmente, uma garrafa na despensa.

— Pois então, senhor, que há? — perguntou vivamente a marquesa ao marido.

— Nada, minha querida — respondeu ele com ar frio.

— No entanto, ouvimos bem, você acaba de conduzir alguém lá para cima...

— Helena — replicou o general, olhando a filha que erguera a cabeça para ele —, pense que a honra de seu pai repousa em sua discrição. Você nada deve ter ouvido.

A moça respondeu com um movimento de cabeça significativo. A marquesa ficou contrariada e interiormente ofendida com a maneira usada pelo marido para impor-lhe silêncio. O general foi apanhar uma garrafa, um copo e tornou a subir ao quarto onde estava seu prisioneiro; encontrou-o de pé, apoiado à parede, perto da lareira, de cabeça nua; atirara o chapéu sobre uma das duas cadeiras. O estranho não contava, sem dúvida, ver-se tão vivamente iluminado. Sua fronte enrugou-se e seu rosto tornou-se inquieto quando seus olhos encontraram os olhos perquiridores do general; mas suavizou-se e tomou uma fisionomia graciosa para agradecer a seu protetor. Quando este último colocou o copo e a garrafa sobre o peitoril da lareira, o desconhecido, após ter ainda atirado um olhar flamejante, rompeu o silêncio.

— Senhor — disse ele em voz suave que não teve mais convulsões guturais como antes, mas que não obstante acusava ainda um estremecimento interior —, vou lhe parecer esquisito. Desculpe esses caprichos necessários. Se o senhor continuar aí, peço-lhe que não me olhe quando eu beber.

Contrariado ainda de obedecer a um homem que lhe desagradava, o general

voltou-se bruscamente. O estranho tirou do bolso um lenço branco e com ele envolveu a mão direita; depois apanhou a garrafa e bebeu de um trago a água que ela continha. Sem pensar em infringir seu tácito juramento, o marquês olhou maquinalmente ao espelho; mas como então a correspondência entre os dois espelhos permitisse a seus olhos abrangerem perfeitamente o desconhecido, viu o lenço tingir-se subitamente de vermelho ao contato das mãos que estavam cheias de sangue.

— Ah, o senhor olhou-me! — exclamou o homem quando, após beber e envolver-se na capa, examinou o general com ar suspeito. — Estou perdido. *Eles* estão chegando, ei-los.

— Nada ouço — disse o marquês.

— O senhor não está interessado, como estou, em ouvir no espaço.

— O senhor bateu-se em duelo para estar assim coberto de sangue? — perguntou o general, bastante emocionado, distinguindo a cor das grandes manchas de que as roupas de seu hóspede estavam embebidas.

— Sim, um duelo, o senhor o disse — repetiu o estrangeiro, deixando errar sobre os lábios um amargo sorriso.

Nesse momento, o som de passos de diversos cavalos a galope ressoou ao longe; mas esse ruído era fraco como os primeiros clarões da madrugada. O ouvido exercitado do general reconheceu a marcha dos cavalos disciplinados pelo regime de esquadrão.

— É a gendarmeria — disse ele.

Atirou ao prisioneiro um olhar de natureza a dissipar as dúvidas que lhe podia ter sugerido com sua indiscrição involuntária, apanhou a lanterna e voltou ao salão. Mal pousara a chave do quarto de cima sobre a lareira, quando o ruído produzido pela cavalaria cresceu e se aproximou do pavilhão com uma rapidez que o fez estremecer. Com efeito, os cavalos se detiveram à porta da casa. Após ter trocado com os camaradas algumas palavras, um cavaleiro desceu, bateu rudemente, e obrigou o general a ir abrir. Este último não pôde dominar uma secreta emoção ao aspecto dos seis gendarmes, cujos chapéus bordados em prata brilhavam à luz da lua.

— Excelência — disse-lhe um sargento —, não ouviu há pouco um homem correndo para a barreira?

— Para a barreira? Não.

— O senhor não abriu a porta para ninguém?

— Tenho o hábito de abrir eu mesmo minha porta?...

— Mas, perdão, meu general, nesse momento, parece-me que...

— Ora essa! — exclamou o marquês encolerizado. — Vai divertir-se comigo? Tem o direito...

— Nada, nada, excelência — continuou suavemente o sargento. — Há de perdoar nosso zelo. Bem sabemos que um par da França não se expõe a receber um assassino a esta hora da noite; mas o desejo de obter algumas informações...

— Um assassino! — exclamou o general. — E quem foi...

— O sr. barão de Mauny acaba de ser morto com uma machadada — continuou o gendarme. — Mas o assassino está sendo vivamente perseguido. Estamos certos de que ele anda pelos arredores e vamos encurralá-lo. Queira desculpar, meu general.

O gendarme falava enquanto montava outra vez, de maneira que felizmente não lhe foi possível ver o rosto do general. Habitado a tudo supor, o sargento teria talvez podido conceber suspeitas ao aspecto daquela fisionomia aberta onde se retratavam tão fielmente os movimentos da alma.

— Sabe-se o nome do assassino? — perguntou o general.

— Não — respondeu o cavaleiro. — Ele deixou a escrivaninha cheia de ouro e notas de banco, sem tocar em nada.

— É uma vingança — disse o marquês.

— Ah, essa é boa! Contra um velho?... Não, não, esse atrevido não terá tido tempo de dar o golpe. — E o gendarme reuniu-se aos companheiros, que já galopavam ao longe. O general ficou durante um momento preso de perplexidades fáceis de compreender. Em breve escutou os criados que regressavam discutindo calorosamente, e cujas vozes ressoavam na encruzilhada de Montreuil. Quando chegaram, sua cólera, que só procurava um pretexto para manifestar-se, caiu sobre eles com o fragor do raio. Sua voz fez tremer os ecos

da casa. Em seguida ele acalmou-se de repente, quando o mais audacioso, o mais esperto deles, seu criado de quarto, desculpou o atraso dizendo-lhe que haviam sido detidos na entrada de Montreuil por gendarmes e agentes de polícia, à procura de um assassino. O general calou-se subitamente. Em seguida, chamado por essa palavra aos deveres de sua singular posição, ordenou secamente a todos que se fossem deitar imediatamente, deixando-os espantados pela facilidade com que admitia a mentira do criado de quarto.

Mas enquanto esses acontecimentos se passavam no pátio, um incidente muito superficial na aparência mudara a situação dos outros personagens que figuram nesta história. Apenas saíra o marquês, sua esposa, olhando alternadamente para a chave da mansarda e para Helena, acabou por dizer em voz baixa, inclinando-se para a filha:

— Helena, seu pai deixou a chave na lareira.

A moça, espantada, ergueu a cabeça e olhou timidamente a mãe, cujos olhos cintilavam de curiosidade.

— Pois então, mamãe? — respondeu ela em voz perturbada.

— Bem quisera saber o que se passa lá em cima. Se há uma pessoa, ainda não se mexeu. Vai pois...

— Eu? — disse a moça com uma espécie de terror.

— Tem medo?

— Não, senhora, mas creio ter distinguido o passo de um homem.

— Se eu mesma pudesse ir, não lhe teria pedido que subisse, Helena — continuou a mãe com um tom de fria dignidade. — Se seu pai voltasse e não me encontrasse, talvez me procurasse, ao passo que não notará sua ausência.

— Senhora — respondeu Helena —, se é uma ordem, eu irei; mas perderei a estima de meu pai...

— Como! — disse a marquesa com um aceno de ironia. — Mas já que você tomou a sério o que era apenas brincadeira, ordeno-lhe agora que vá ver quem está lá em cima. Eis aqui a chave, minha filha! Seu pai, recomendando-lhe silêncio a propósito do que se passa neste instante em sua casa, não lhe proibiu que subisse a esse quarto. Vá, e saiba que uma filha jamais deve julgar a mãe...

Após ter pronunciado estas últimas palavras com toda a severidade de uma mãe ofendida, a marquesa tomou a chave e entregou-a a Helena, que se ergueu sem dizer palavra e deixou o salão.

“Minha mãe saberá sempre obter seu perdão; mas eu estarei perdida no espírito de meu pai. Quer, pois, privar-me da ternura que ele tem por mim, expulsar-me de casa?”

Essas ideias fermentaram subitamente em sua imaginação enquanto caminhava sem luz ao longo do corredor, ao fundo do qual estava a porta do quarto misterioso. Quando aí chegou, a desordem de seus pensamentos teve alguma coisa de fatal. Essa espécie de meditação confusa serviu para fazer transbordar mil sentimentos contidos até aí em seu coração. Não acreditando mais, talvez, num futuro feliz, ela acabou, nesse momento terrível, por desesperar da vida. Tremia convulsivamente, aproximando a chave da fechadura, e sua emoção tornou-se mesmo tão forte que se deteve um instante para colocar a mão no coração como se tivesse o poder de acalmar, com isto, as pancadas profundas e sonoras. Enfim, abriu a porta.

Sem dúvida, o ranger dos gonzos ressoara em vão aos ouvidos do assassino. Embora seu ouvido fosse muito fino, ele ficou quase colado à parede, imóvel e perdido em seus pensamentos. O círculo de luz projetado pela lanterna iluminava-o fracamente, e ele se assemelhava, nessa zona claro-escura, a essas sombrias estátuas de cavaleiros, sempre de pé no ângulo de algum túmulo negro sob capelas góticas. Gotas de suor frio sulcavam sua fronte larga e amarela. Uma incrível audácia brilhava nesse rosto fortemente contraído. Seus olhos de fogo, enxutos e fixos, pareciam contemplar um combate na obscuridade que estava diante dele. Pensamentos tumultuosos passavam rapidamente naquela face, cuja expressão firme e precisa indicava uma alma superior. Seu corpo, sua atitude, suas proporções, harmonizavam-se com seu gênio selvagem. Esse homem era todo força e poder, e encarava as trevas como uma imagem visível de seu futuro.

Habitado a ver as figuras enérgicas dos gigantes que se comprimiam em torno de Napoleão e preocupado por uma curiosidade moral, o general não prestara atenção às singularidades físicas desse homem extraordinário; mas

sujeita, como todas as mulheres, às impressões exteriores, Helena foi impressionada pela mistura de luz e sombra, de grandioso e paixão, por um caos poético que dava ao desconhecido a aparência de Lúcifer reerguendo-se da queda. De repente a tempestade impressa naquele rosto acalmou-se como por magia, e o indefinível império de que o estranho era, talvez involuntariamente, o princípio e o efeito, espalhou-se em torno dele com a rapidez progressiva de uma inundação. Uma torrente de pensamentos correu de sua frente no momento em que seus traços voltaram às formas naturais. Encantada, fosse pela estranheza daquela entrevista, fosse pelo mistério no qual penetrava, a moça pôde então admirar uma fisionomia suave e cheia de interesse.

Ficou durante algum tempo num impressionante silêncio e presa de perturbações até então desconhecidas à sua alma juvenil. Mas em breve, fosse por ter Helena deixado escapar uma exclamação, fosse por ter feito um movimento, ou ainda por ter o assassino, voltando do mundo ideal ao mundo real, ouvido uma outra respiração além da sua, ele voltou a cabeça para a filha de seu hospedeiro e percebeu indistintamente na sombra a figura sublime e as formas majestosas de uma criatura que tomou por um anjo, ao vê-la imóvel e vaga como uma aparição.

— Senhor — disse ela em voz palpitante.

O assassino estremeceu.

— Uma mulher! — exclamou ele suavemente. — Será possível! Afaste-se — continuou ele.— Não reconheço a ninguém o direito de lamentar-me, absolver-me ou condenar-me. Devo viver só. Vá, criança — acrescentou com um gesto de soberano —, reconheceria mal o serviço que me presta o dono desta casa, se deixasse uma só das pessoas que a habitam respirar o mesmo ar que eu. Preciso submeter-me às leis do mundo.

Esta última frase foi pronunciada em voz baixa. Acabando de compreender com sua profunda intuição as misérias que despertou essa ideia melancólica, atirou a Helena um olhar de serpente e agitou no coração da singular rapariga um mundo de pensamentos nela adormecidos. Foi como uma luz que lhe houvesse iluminado regiões desconhecidas. Sua alma foi destruída, subjugada, sem que ela

encontrasse força para defender-se contra o poder magnético desse olhar, por mais involuntariamente lançado que tivesse sido. Trêmula e envergonhada, saiu e só voltou ao salão um momento antes do regresso do pai, de maneira que nada pôde dizer à mãe.

O general, muito preocupado, passeava silenciosamente, os braços cruzados, indo num passo uniforme das janelas que davam para a rua às janelas do jardim. Sua mulher velava Abel adormecido. Moína, estendida na poltrona como um pássaro no ninho, dormitava despreocupada. A irmã mais velha segurava numa das mãos um novelo de retrós, na outra uma agulha, e contemplava o lume. O profundo silêncio que reinava no salão, dentro e fora de casa, só era interrompido pelos passos arrastados dos criados, que se foram deitar um a um; por alguns risos abafados, último eco de sua alegria e da festa nupcial; depois ainda pelas portas de seus respectivos quartos, no momento em que as abriram falando-se uns aos outros, e quando as fecharam. Alguns ruídos surdos ouviram-se ainda junto aos leitos. Uma cadeira caiu. A tosse de um velho cocheiro ressoou fracamente e calou-se. Mas em breve a sombria majestade que rompe na natureza adormecida, à meia-noite, dominou em toda parte. Só as estrelas brilhavam. O frio tomara conta da terra. Nem um ser falou ou agitou-se. Apenas o fogo crepitava, como para fazer compreender a profundidade do silêncio. O relógio de Montreuil deu uma hora. Nesse momento passos extremamente leves ressoaram fracamente no andar superior. O marquês e a filha, certos de que haviam encerrado o assassino do sr. de Mauny, atribuíram esses movimentos a uma das mulheres, e não se admiraram ao ouvirem abrir-se as portas do cômodo que precedia o salão. De repente, o assassino apareceu entre eles. No estupor em que o marquês estava mergulhado, a viva curiosidade da mãe e o espanto da filha tendo-lhe permitido avançar quase até o meio do salão, ele disse ao general numa voz singularmente calma e melodiosa.

— Excelência, as duas horas vão expirar.

— O senhor aqui! — exclamou o general. — Por que poder?

E, com um olhar terrível, interrogou a esposa e os filhos. Helena tornou-se rubra como fogo.

— O senhor — continuou o militar num tom penetrante —, o senhor entre nós! Um assassino coberto de sangue, aqui! O senhor mancha esse quadro! Saia! Saia! — acrescentou com um acento de furor.

À palavra assassino a marquesa deu um grito. Quanto a Helena, essa palavra pareceu decidir de sua vida, seu rosto não acusou o menor espanto. Parecia ter esperado esse homem. Seus pensamentos tão vastos tiveram um sentido. A punição que o céu reservava a seus erros manifestava-se. Crendo-se tão criminosa quanto o era esse homem, encarou-o com olhar sereno; era sua companheira, sua irmã. Para ela, uma ordem de Deus manifestava-se nessa circunstância. Alguns anos mais tarde, a razão teria feito justiça de seus remorsos, mas nesse momento eles a tornavam insensata. O estranho conservou-se imóvel e frio. Um sorriso de desdém pintava-se em seus traços e em seus carnudos lábios vermelhos.

— O senhor reconhece bem mal a nobreza de meu procedimento para consigo — disse ele lentamente. — Não quis tocar com minhas mãos o copo no qual me deu água para acalmar minha sede. Nem mesmo pensei em lavar minhas mãos sangrentas sob seu teto, e dele saio não tendo deixado de *meu crime* (a essas palavras seus lábios se comprimiram) senão a ideia, experimentando passar por aqui sem deixar sinal. Enfim nem mesmo permiti à sua filha...

— Minha filha! — exclamou o general atirando a Helena um olhar de horror. — Ah infeliz, saia ou mato-o!

— As duas horas não expiraram. Não pode nem matar-me nem entregar-me sem perder sua própria estima e a minha.

A essa última palavra, o militar estupefato tentou contemplar o criminoso; mas foi obrigado a baixar os olhos, sentia-se incapaz de sustentar o insuportável brilho de um olhar que pela segunda vez lhe transtornava a alma. Temia amolecer ainda, reconhecendo que sua vontade já enfraquecia.

— Assassinar um velho! Pois nunca viu família? — disse ele então mostrando-lhe com um gesto paternal a esposa e os filhos.

— Sim, um velho — repetiu o desconhecido, cuja fronte se contraiu levemente.

— Fuja! — exclamou o general sem ousar olhar seu hóspede. — Nosso pacto está rompido. Não o matarei. Não! Jamais me transformarei em fornecedor do cadafalso. Mas saia, causa-me horror.

— Eu o sei — respondeu o criminoso com resignação. — Não há terra na França onde eu possa colocar meus pés com segurança; mas se a justiça soubesse, como Deus, julgar as especialidades; se ela se dignasse indagar quem, do assassino ou da vítima, é o monstro, eu ficaria orgulhosamente entre os homens. Não adivinha crimes anteriores num homem a quem acabam de matar com um machado? Eu me fiz juiz e carrasco, substituí a justiça humana impotente. Eis o meu crime. Adeus, senhor. Apesar do azedume que atirou em sua hospitalidade, dela guardarei a recordação. Terei ainda na alma um sentimento de reconhecimento para um homem no mundo, esse homem é o senhor... Mas eu o desejaria mais generoso.

Caminhou para a porta. Nesse momento a moça inclinou-se para a mãe e lhe disse alguma coisa ao ouvido.

— Ah!...

Esse grito escapado à esposa fez estremecer o general, como se tivesse visto Moína morta. Helena estava de pé, e o assassino voltara-se instintivamente, mostrando em seu rosto uma espécie de inquietação por aquela família.

— Que tem, minha querida? — perguntou o marquês.

— Helena quer acompanhá-lo — disse ela.

O assassino corou.

— Uma vez que minha mãe traduz tão mal uma exclamação quase involuntária — disse Helena em voz baixa —, realizarei seus desejos.

Após ter atirado um olhar de altivez quase selvagem em torno de si, a moça baixou os olhos e conservou-se numa admirável atitude de modéstia.

— Helena — disse o general —, você foi lá em cima ao quarto onde eu pusera...?

— Sim, meu pai.

— Helena — perguntou ele com voz alterada por um tremor convulsivo —, é a primeira vez que vê esse homem?

— Sim, meu pai.

— Não é natural que tenha a intenção de...

— Se não é natural, pelo menos é verdade, meu pai.

— Ah, minha filha!... — disse a marquesa em voz baixa, mas de maneira que seu marido a ouvisse. — Helena, você mente a todos os princípios de honra, modéstia e virtude que tratei de desenvolver em seu coração. Se você foi sempre falsidade até esta hora fatal, então não é digna de saudade. Será a perfeição moral desse desconhecido que a atrai? Será a espécie de poder necessário às pessoas que cometem um crime? Estimo-a muito para supor...

— Oh, suponha tudo, senhora — respondeu Helena em tom frio.

Mas apesar da força de caráter que demonstrava nesse momento, o fogo de seus olhos absorvia dificilmente as lágrimas que lhe rolaram nos olhos. O estrangeiro adivinhou a linguagem da mãe pelas lágrimas da filha e atirou um olhar de águia à marquesa, que foi obrigada, por um irresistível poder, a encarar o terrível sedutor. Ora, quando os olhos dessa mulher encontraram os olhos claros e luzentes daquele homem, experimentou na alma um arrepio semelhante à comoção que se apodera de nós ao aspecto de um réptil, ou quando tocamos uma garrafa de Leyden.

— Meu amigo — gritou ela ao marido —, é o demônio! Adivinha tudo...

O general ergueu-se para agarrar o cordão da campainha.

— Ele vai perdê-lo — disse Helena ao assassino.

O desconhecido sorriu, deu um passo, deteve o braço do marquês, forçou-o a suportar um olhar que exprimia estupor e despojou-o de sua energia.

— Vou pagar sua hospitalidade — disse ele — e estaremos quites. Poupar-lhe-ei uma desonra entregando-me eu mesmo. Afinal, que farei agora na vida?

— Pode arrepender-se — respondeu Helena, dirigindo-lhe uma dessas esperanças que só brilham nos olhos de uma moça.

— Nunca me arrependerei — disse o assassino em voz sonora e erguendo altivamente a cabeça.

— Suas mãos estão tintas de sangue — disse o pai à filha.

— Eu as enxugarei — respondeu ela.

— Mas — continuou o general, sem se aventurar a mostrar-lhe o desconhecido —, sabe ao menos se ele a quer?

O assassino avançou para Helena, cuja beleza, por mais casta e discreta que fosse, era como que iluminada por uma luz interior cujos reflexos coloriam e punham, por assim dizer, em relevo os menores traços e as linhas mais delicadas; em seguida, após ter atirado sobre a arrebatadora criatura um suave olhar, cuja flama era ainda terrível, disse traindo viva emoção:

— Não lhe provarei o meu amor e resgatarei as duas horas de existência que seu pai me vendeu recusando-me ao seu devotamento?

— Também o senhor me repele! — exclamou Helena com uma entonação que dilacerou os corações. — Adeus, pois, a todos, vou morrer!

— Que significa isto? — disseram-lhe ao mesmo tempo o pai e a mãe.

Ela conservou-se silenciosa e baixou os olhos após ter interrogado a marquesa com um olhar significativo. Desde o momento em que o general e a esposa haviam experimentado combater pela palavra ou pela ação o estranho privilégio que o desconhecido se arrogara, ficando entre eles, e que esse último havia lançado a perturbadora luz que jorrava de seus olhos, estavam submetidos a um torpor inexplicável; e a razão entorpecida ajudava-os mal a repelir o poder sobrenatural sob o qual sucumbiam. Para eles o ar se tornara pesado, e respiravam dificilmente sem poder acusar aquele que os oprimia assim, embora uma voz interior não lhes deixasse ignorar que esse homem mágico era o princípio de sua impotência. No meio dessa agonia moral, o general adivinhou que seus esforços deviam ter por objeto influenciar a razão oscilante de sua filha; segurou-a pela cintura e levou-a para o vão de uma janela, longe do assassino.

— Minha filha querida — disse-lhe ele em voz baixa —, se algum amor estranho nasceu de repente em teu coração, tua vida cheia de inocência, tua alma pura e piedosa deram-me muitas provas de caráter, para não te supor dotada da energia necessária a dominar um movimento de loucura. Tua conduta esconde pois um mistério. Pois bem, meu coração é um coração cheio de indulgência, podes confiar-lhe tudo; ainda que o dilacerasses, eu saberia, minha filha, calar meus sofrimentos e guardar tua confissão num silêncio fiel. Vejamos, tens ciúme

de nossa afeição por teus irmãos ou tua jovem irmã? Tens na alma um pesar de amor? És infeliz aqui? Fala, explica-me as razões que te impelem a deixar tua família, a abandoná-la, a privá-la do seu maior encanto, a deixar tua mãe, teus irmãos, tua pequena irmã.

— Meu pai — respondeu ela —, não estou enciumada nem apaixonada por ninguém, nem mesmo por seu amigo diplomata, o sr. de Vandenesse.

A marquesa empalideceu, e a filha, que a observava, deteve-se.

— Não devo, cedo ou tarde, ir viver sob a proteção de um homem?

— Isto é verdade.

— Sabemos nós jamais — disse ela continuando — a que ser ligamos nossos destinos? Eu creio nesse homem.

— Criança — disse o general elevando a voz —, tu não sonhas com todos os sofrimentos que te vão assaltar.

— Penso nos dele...

— Que vida! — disse o pai.

— Uma vida de mulher — respondeu a filha murmurando.

— Você está bem adiantada — exclamou a marquesa recuperando a palavra.

— Senhora, as perguntas ditam-me as respostas, mas, se o desejar, falarei mais claramente.

— Diga tudo, minha filha, sou mãe.

Aqui a filha olhou para a mãe, e esse olhar obrigou a marquesa a uma pausa.

— Helena, suportarei suas censuras se as tiver que fazer, de preferência a vê-la acompanhar um homem de quem todos fogem com horror.

— Bem vê, senhora, que sem mim ele estaria só.

— Basta, senhora — exclamou o general —, só temos uma filha.

E olhou Moína que dormia sempre.

— Eu te prenderei num convento — acrescentou ele voltando-se para Helena.

— Seja! Meu pai — respondeu ela com uma calma desesperadora —, aí morrerei. Só perante Deus o senhor é responsável pela minha vida e por sua alma.

Uma profundo silêncio sucedeu subitamente a essas palavras. Os espectadores da cena, onde tudo ofendia os sentimentos vulgares da vida social, não ousavam olhar-se. De repente, o marquês percebeu suas pistolas e apanhou uma, armou-a lentamente e apontou-a contra o estrangeiro. Ao ruído que fez o gatilho, o homem voltou-se, atirou seu olhar calmo e penetrante sobre o general cujo braço, relaxado por uma invencível moleza, tornou a cair pesadamente, e a pistola caiu no tapete...

— Minha filha — disse então o pai abatido por essa luta terrível —, és livre. Beija tua mãe, se ela consentir. Quanto a mim, não quero ver-te nem ouvir-te...

— Helena — disse a mãe à moça —, não se esqueça de que acabará na miséria.

Uma espécie de estertor, partido do largo peito do assassino, atraiu os olhares sobre ele. Uma expressão desdenhosa estava pintada em seu rosto.

— A hospitalidade que lhe dei custa-me caro! — exclamou o general, erguendo-se. — Matou, ainda há pouco apenas, um velho; aqui, assassina toda uma família. Aconteça o que acontecer, haverá desgraça nesta casa.

— E se sua filha for feliz? — perguntou o assassino olhando fixamente o militar.

— Se ela for feliz com o senhor — respondeu o pai fazendo um esforço inaudito —, não a lamentarei.

Helena ajoelhou-se timidamente diante do pai e lhe disse com voz acariciadora:

— Ó meu pai, eu o amo e venero, quer me prodigalize os tesouros de sua bondade ou os rigores da desgraça... Mas eu lhe suplico que suas últimas palavras não sejam palavras de cólera.

O general não ousou contemplar a filha. Nesse momento, o estrangeiro avançou, e atirando a Helena um sorriso onde havia ao mesmo tempo alguma coisa de infernal e celeste:

— Vós, que um assassino não aterroriza, anjo de misericórdia — disse ele —, vinde, já que persistis em confiar-me vosso destino.

— Inconcebível! — exclamou o pai.

A marquesa lançou à filha um olhar extraordinário e abriu-lhe os braços. Helena neles precipitou-se chorando.

— Adeus — disse ela —, adeus, minha mãe.

Ousadamente, ela fez um sinal ao estrangeiro, que estremeceu. Após ter beijado a mão do pai, e precipitadamente, mas sem prazer, Moína e o pequeno Abel, ela desapareceu com o assassino.

— Por onde vão eles? — exclamou o general escutando os passos dos dois fugitivos. — Senhora — continuou dirigindo-se à mulher —, creio sonhar; esta aventura oculta-me um mistério. Deve sabê-lo.

A marquesa estremeceu.

— Há algum tempo — respondeu ela —, sua filha tornou-se extremamente romanesca e singularmente exaltada. Mas meus cuidados em combater essa tendência de seu caráter...

— Isto não é claro...

Mas, imaginando ouvir no jardim os passos de sua filha e do estrangeiro, o general interrompeu-se para abrir precipitadamente a janela.

— Helena! — exclamou.

A voz perdeu-se na noite como uma vã profecia. Pronunciando esse nome, ao qual nada mais respondia no mundo, o general rompeu, como por encanto, a magia a que um poder diabólico o submetera. Um clarão de lucidez passou-lhe pela face. Viu claramente a cena que acabava de se passar, e amaldiçoou sua fraqueza que não compreendia. Um cáldo estremeçamento foi-lhe do coração à cabeça, aos pés, tornou-se ele mesmo, terrível, esfomeado de vingança, e deu um terrível grito.

— Socorro! Socorro!...

Correu aos cordões das campainhas, puxou-os de maneira a rompê-los, após ter feito ecoar estranhos tinidos. Todos os criados despertaram em sobressalto. Quanto a ele, gritando sempre, abriu as janelas da rua; chamou os gendarmes, achou as pistolas, disparou-as para acelerar a marcha dos cavaleiros, o despertar da criadagem e a vinda dos vizinhos. Os cães reconheceram então a voz do dono e ladraram, os cavalos relincharam e escarvaram a terra. Foi um horroroso

tumulto no meio daquela noite calma. Descendo pelas escadas para correr em busca de sua filha, o general viu os criados aterrorizados que chegavam de todos os lados.

— Minha filha Helena foi raptada. Ide ao jardim! Guardai a rua! Abri à gendarmeria! Ao assassino!

Imediatamente partiu com um esforço de raiva a corrente que prendia o grande cão de guarda.

— Helena! Helena! — disse-lhe ele.

O cão saltou como um leão, ladrou furiosamente e lançou-se no jardim tão rapidamente que o general não pôde segui-lo. Nesse momento, o galope dos cavalos ressoou na rua e o general apressou-se a abrir ele mesmo.

— Sargento — exclamou —, ide cortar a retirada do assassino do sr. de Mauny. Fogem pelo jardim. Depressa, cercai os caminhos da colina da Picardia, vou dar uma batida em todas as terras, parques e casas. Vós outros — disse ele aos criados —, vigiai a rua e mantende o cordão desde a barreira até Versalhes. Para a frente, todos!

Apoderou-se de uma espingarda que lhe trouxe o criado de quarto e lançou-se nos jardins gritando ao cão:

— Procura!

Horríveis ladridos responderam-lhe ao longe, e ele se dirigiu na direção de onde os estertores do cão pareciam vir. Às sete horas da manhã, as buscas da gendarmeria, do general, de seus criados e dos vizinhos tinham sido inúteis. O cão não voltara. Esgotado de fadiga, e já envelhecido pela amargura, o marquês voltou ao salão, deserto para ele, embora seus três outros filhos lá estivessem.

— Mostrou-se bem indiferente para com sua filha — disse ele olhando a esposa. — Eis pois o que nos resta dela! — acrescentou, mostrando o bastidor de bordar onde se via uma flor começada. — Estava aí ainda há pouco e agora perdida, perdida!

Chorou, escondeu a cabeça nas mãos e ficou um momento silencioso, não ousando contemplar o salão, que outrora lhe oferecia o quadro mais suave de felicidade doméstica. Os clarões da madrugada lutavam com as lâmpadas

amortecidas; as velas queimavam seus festões de papel, tudo concordava com o desespero do pai.

— É preciso destruir isto — disse ele após um momento de silêncio mostrando o bastidor. — Nada mais poderei ver daquilo que a recorda...

II – O CAPITÃO PARISIENSE

A terrível noite de Natal, durante a qual o marquês e a esposa tiveram a infelicidade de perder a filha mais velha sem que pudessem opor-se ao estranho domínio exercido pelo seu raptor involuntário, foi como um aviso que lhes deu o destino. A falência de um corretor arruinou o marquês. Ele hipotecou os bens de sua esposa para tentar uma especulação cujos lucros deviam restituir à sua família toda a fortuna primitiva, mas esse empreendimento acabou de arruiná-lo. Levado pelo desespero a tudo arriscar, o general expatriou-se. Seis anos haviam decorrido desde sua partida. Embora sua família raramente tivesse notícias suas, alguns dias antes do reconhecimento da independência das repúblicas americanas pela Espanha, ele anunciara sua volta.

Assim, por uma bela manhã, alguns negociantes franceses, impacientes pelo regresso à pátria com riquezas adquiridas ao preço de longos trabalhos e perigosas viagens empreendidas, ora ao México, ora à Colômbia, encontravam-se a algumas léguas de Bordéus, a bordo de um brigue espanhol. Um homem, envelhecido pelas fadigas ou pelo pesar, além do que seus anos justificavam, apoiava-se à amurada e parecia insensível ao espetáculo que se oferecia aos olhares dos passageiros agrupados no convés. Livres dos perigos da navegação e convidados pela beleza do dia, todos haviam subido à ponte como para saudar a terra natal. A maioria deles queria ver, a todo transe, ao longe, os faróis, os edifícios da Gascogne, a torre de Cordouan, misturados às criações fantásticas de algumas nuvens brancas que se elevavam no horizonte.

Sem a franja prateada que brincava diante do brigue, sem o longo sulco rapidamente apagado que o navio deixava após si, os viajantes teriam podido

acreditar-se imóveis no meio do oceano, de tal modo o mar ali estava calmo. O céu tinha uma pureza arrebatadora. O matiz escuro de sua abóbada chegava, por insensíveis gradações, a confundir-se com a cor das águas azuladas, marcando o ponto de reunião por uma linha cuja claridade cintilava tão vivamente quanto a das estrelas. O sol fazia faiscar milhões de facetas na imensa extensão do mar, de maneira que as vastas planícies de água eram mais luminosas talvez que os campos do firmamento. O brigue tinha todas as velas enfunadas por um vento de maravilhosa suavidade, e esses lençóis tão brancos quanto a neve, esses pavilhões amarelos flutuantes, esse dédalo de cordames se desenhava com uma precisão rigorosa sobre o fundo brilhante do ar, do céu e do oceano, sem receber outras tintas além daquelas das sombras projetadas pelas telas vaporosas. Um belo dia, um vento fresco, a vista da pátria, um mar tranquilo, um rumorejar melancólico, um lindo brigue solitário, deslizando sobre o oceano como uma mulher que voa a um encontro, era um quadro cheio de harmonias, uma cena em que a alma humana podia abraçar imutáveis espaços, partindo de um ponto onde tudo era movimento. Havia um espantoso contraste de solidão e vida, de silêncio e ruído, sem que se pudesse saber onde estavam o ruído e a vida, o nada e o silêncio; por isso nem uma voz humana rompia esse encanto celeste. O capitão espanhol, seus marinheiros e os franceses conservavam-se sentados ou de pé, todos mergulhados num êxtase religioso cheio de recordações. Havia indolência no ar. As fisionomias desafogadas acusavam um esquecimento completo dos males passados, e esses homens se embalavam nesse suave navio como num sonho de ouro. Entretanto, de tempos a tempos, o velho passageiro, apoiado à amurada, olhava o horizonte com uma espécie de inquietude. Havia uma desconfiança do destino escrita em todos os seus traços, e ele parecia temer não tocar bastante depressa a terra da França.

Esse homem era o marquês. A fortuna não fora surda aos gritos e aos esforços de seu desespero. Depois de cinco anos de tentativas e penosos trabalhos, vira-se possuidor de considerável fortuna. Em sua impaciência de rever seu país e levar a felicidade à família, seguira o exemplo de alguns negociantes franceses de Havana, embarcando com eles num navio espanhol

carregado para Bordéus.

Contudo, sua imaginação, cansada de prever o mal, traçava-lhe as imagens as mais deliciosas de sua felicidade passada. Vendo ao longe a linha escura descrita pela terra, julgava contemplar a esposa e os filhos. Estava em seu lugar, no lar, e aí sentia-se abraçado, acariciado. Imaginava Moína, bela e crescida, imponente como uma jovem. Quando esse quadro fantástico adquiriu uma espécie de realidade, lágrimas rolaram de seus olhos; então, como para ocultar sua perturbação, olhou o horizonte úmido, oposto à linha brumosa que anunciava a terra.

— É ele — disse. — Segue-nos.

— O quê? — exclamou o capitão espanhol.

— Um navio — continuou em voz baixa o general.

— Já o vi ontem — respondeu o capitão Gomez. Contemplou o francês como para interrogá-lo. — Sempre nos perseguiu — disse então ao ouvido do general.

— E não sei por que nunca nos alcançou — replicou o velho militar —, pois é melhor veleiro que o seu maldito *Saint-Ferdinand*.

— Terá tido avarias, um rombo.

— Alcança-nos — exclamou o francês.

— É um corsário colombiano — disse-lhe ao ouvido o capitão. — Estamos ainda a seis léguas de terra, e o vento cai.

— Ele não anda, voa, como se soubesse que em duas horas a presa lhe terá escapado. Que audácia!

— Ele? — exclamou o capitão. — Ah, não é em vão que se chama *Otelo*! Há pouco tempo pôs a pique uma fragata espanhola, e, entretanto, não tem mais de trinta canhões. Só a ele receava, pois não ignorava que cruzava as Antilhas... Ah! Ah! — continuou após uma pausa durante a qual olhou as velas de seu navio —, o vento levanta-se, chegaremos. É preciso, o parisiense seria impiedoso.

— Ele também chega — respondeu o marquês.

O *Otelo* não estava mais do que a três léguas. Embora a equipagem não tivesse ouvido a conversa do marquês e do capitão Gomez, a aparição dessa vela levava a maioria dos marinheiros e passageiros para o lugar onde estavam os dois

interlocutores; mas quase todos, tomando o brigue por um barco de comércio, viam-no com interesse, quando de repente um marinheiro, numa linguagem enérgica, gritou:

— Por São Tiago! Estamos perdidos, eis o capitão parisiense.

A esse nome terrível o pavor espalhou-se no brigue e foi uma confusão que ninguém poderia exprimir. O capitão espanhol incutiu com a palavra uma energia momentânea aos seus marinheiros; e nesse perigo, querendo alcançar a terra a todo custo, experimentou içar prontamente todas as suas monetas altas e baixas, a estibordo e bombordo, para apresentar ao vento a superfície total de pano que guarnecia suas vergas. Mas não foi sem grandes dificuldades que se realizaram as manobras; faltava-lhes naturalmente esse conjunto admirável que tanto seduz num navio de guerra. Embora o *Otelo* voasse como uma andorinha, graças à orientação de suas velas, ganhava entretanto tão pouco em aparência, que os infelizes franceses mantiveram uma doce ilusão. De repente, no momento em que, após esforços inauditos, o *Saint-Ferdinand* tomava um novo impulso em consequência das hábeis manobras que o próprio Gomez ajudara com o gesto e a voz, por um golpe falho de leme, voluntário sem dúvida, o timoneiro colocou o brigue atravessado. As velas, batidas de lado pelo vento, murcharam então tão bruscamente, que o brigue por pouco não parou; romperam-se os botalós, e o navio ficou completamente abalado. Uma raiva inexprimível tornou o capitão mais branco que as velas. De um só pulo ele caiu sobre o timoneiro e tão furiosamente o atingiu com o punhal, que falhou, mas precipitou-o ao mar; em seguida apoderou-se do leme e tratou de remediar a espantosa desordem que revolucionava seu bravo e corajoso navio. Lágrimas de desespero rolavam de seus olhos; pois sentimos mais pesar por uma traição que frustra um êxito devido ao nosso talento, que de uma morte iminente. Porém, quanto mais praguejava o capitão, menos a tarefa se fazia. Ele mesmo disparou o canhão de alarma, esperando ser ouvido da costa. Nesse momento, o corsário, que chegava com uma velocidade desesperante, respondeu com um tiro de canhão cuja bala veio cair a dez toesas do *Saint-Ferdinand*.

— Com mil trovões! — exclamou o general — Que pontaria! Eles têm

caronadas feitas para isso.

— Oh! Aquele, quando fala, veja o senhor, é preciso calar-se — respondeu um marinheiro. — O parisiense não temeria um navio inglês...

— Está tudo acabado — exclamou com um acento de desespero o capitão, que, tendo armado a luneta, nada distinguuiu do lado da terra... — Estamos ainda mais longe da França do que eu julgava.

— Por que vos desolais? — replicou o general. — Todos os passageiros são franceses, fretaram vosso navio. Esse corsário é um parisiense; pois bem! Içai o pavilhão branco e...

— E ele nos afundará — respondeu o capitão. — Não é ele, de acordo com as circunstâncias, tudo o que é preciso ser quando quer apoderar-se de uma rica presa?

— Ah, se é um pirata!

— Pirata! — disse o marinheiro com um ar feroz. — Ah, ele está sempre de acordo com a lei e a justiça!

— Pois bem — exclamou o general erguendo os olhos ao céu —, resignemo-nos.

E ainda teve força suficiente para reter as lágrimas. Enquanto falava, um segundo tiro de canhão, mais bem dirigido, mandou ao casco do *Saint-Ferdinand* uma bala que o atravessou.

— Ponham a capa — disse o capitão com ar triste.

E o marinheiro que defendera a honestidade do parisiense ajudou muito inteligentemente essa manobra desesperada. A equipagem esperou durante uma mortal meia hora, presa da consternação mais profunda. O *Saint-Ferdinand* levava em piastras quatro milhões, que compunham a fortuna de cinco passageiros, e a do general era de um milhão e cem mil francos. Enfim, o *Otelo*, que se encontrava então a dez tiros de espingarda, mostrou distintamente as goelas ameaçadoras de doze canhões prontos a fazer fogo. Parecia arrebatado por um vento que o diabo soprava expressamente para ele; mas o olho do marinheiro hábil adivinhava facilmente o segredo daquela velocidade. Bastava contemplar durante um momento o lançamento do brigue, sua forma alongada,

sua estreiteza, a altura de sua mastreação, o corte de seu velame, a admirável ligeireza de suas enxárcias e o desembaraço com que seus marinheiros, unidos como um só homem, governavam a perfeita orientação da superfície branca apresentada pelas velas. Tudo anunciava uma inacreditável segurança de poder naquela esbelta criatura de madeira, tão rápida, tão inteligente quanto um corcel ou algum pássaro de rapina. A equipagem do corsário estava silenciosa e pronta, em caso de resistência, a devorar o pobre navio mercante, o qual, felizmente para ele, manteve-se quieto, semelhante a um escolar apanhado em falta pelo mestre.

— Temos canhões! — exclamou o general apertando a mão do capitão espanhol.

Esse último atirou ao velho militar um olhar cheio de coragem e desespero, dizendo-lhe:

— E homens?

O marquês olhou a equipagem do *Saint-Ferdinand* e estremeceu. Os quatro negociantes estavam pálidos, trêmulos; enquanto os marinheiros, agrupados em torno de um deles, pareciam confabular para tomar partido pelo *Otelo*, e olhavam o corsário com uma curiosidade cúpida. Só o contramestre, o capitão e o marquês, encarando-se mutuamente, trocavam pensamentos generosos.

— Ah, capitão Gomez, disse outrora adeus à minha família e ao meu país, o coração morto de amargura; seria preciso deixá-los ainda no momento em que trago a alegria e a felicidade aos meus filhos?

O general voltou-se para atirar ao mar uma lágrima de raiva, e aí percebeu o timoneiro nadando para o corsário.

— Desta vez — respondeu o capitão —, com certeza o senhor há de lhes dizer adeus para sempre.

O francês aterrorizou o espanhol com o olhar estúpido que lhe dirigiu. Nesse momento os dois navios estavam quase juntos; e, ao aspecto da equipagem inimiga, o general acreditou na fatal profecia de Gomez. Três homens se mantinham em torno de cada peça. Ao ver-lhes o porte atlético, os traços angulosos, os braços nus e nervosos, podia-se tomá-los por estátuas de bronze. A morte tê-los-ia aniquilado sem derrubá-los. Os marinheiros, bem armados,

ativos, rápidos e vigorosos, conservavam-se imóveis. Todas essas figuras enérgicas estavam fortemente queimadas pelo sol, endurecidas pelos trabalhos. Seus olhos brilhavam como outras tantas pontas de fogo e revelavam inteligências enérgicas, alegrias infernais. O profundo silêncio que reinava na coberta, negra de homens e chapéus, acusava a implacável disciplina sob a qual uma poderosa vontade curvava esses demônios humanos. O chefe estava junto ao mastro grande, de pé, braços cruzados, sem armas; apenas um machado jazia a seus pés. Trazia na cabeça, para livrar-se do sol, um chapéu de feltro de grandes abas, cuja sombra lhe escondia o rosto. Semelhantes a cães deitados diante dos donos, artilheiros, soldados e marinheiros voltavam alternadamente os olhos para o capitão e para o navio mercante. Quando os dois brigues se tocaram, a sacudidela arrancou o corsário ao seu devaneio, e ele disse duas palavras ao ouvido de um jovem oficial que se mantinha a dois passos dele.

— Os ferros de abordagem! — exclamou o tenente.

E o *Saint-Ferdinand* foi enganchado pelo *Otelo* com uma rapidez miraculosa. Seguindo as ordens dadas em voz baixa pelo corsário, e repetidas pelo tenente, os homens para cada serviço foram, como seminaristas marchando para a missa, sobre a coberta da presa amarrar as mãos dos marinheiros e passageiros e apoderar-se dos tesouros. Num momento os tonéis cheios de piastras, os víveres e a equipagem do *Saint-Ferdinand* foram transportados para a ponte do *Otelo*. O general acreditava-se sob o domínio de um sonho, quando se encontrou de mãos amarradas e atirado sobre um balote como se ele mesmo fosse uma mercadoria. Entre o corsário, o tenente e um marinheiro que parecia desempenhar as funções de contramestre, realizou-se uma conferência. Quando a discussão, que pouco durou, terminou, o marinheiro apitou para os homens; a uma ordem sua, todos pularam para o *Saint-Ferdinand*, subiram às cordas e se puseram a despojá-lo de suas vergas, velas e cordame, com a mesma presteza com que um soldado despe no campo de batalha um camarada morto, cujos sapatos e capote eram o objeto de sua cobiça.

— Estamos perdidos — disse friamente ao marquês o capitão espanhol, que com o canto dos olhos espiara os gestos dos três chefes, durante a deliberação, e

os movimentos dos marinheiros que procediam à pilhagem regular de seu brigue.

— Como? — perguntou friamente o general.

— Que quer o senhor que eles façam de nós? — respondeu o espanhol. — Acabam de reconhecer, sem dúvida, que dificilmente venderiam o *Saint-Ferdinand* nos portos da França ou da Espanha, e vão afundá-lo para não se embaraçarem com ele. Quanto a nós, acredita que eles possam encarregar-se de nossa alimentação quando não sabem em que porto farão escala?

Mal o capitão acabara essas palavras, quando o general ouviu um horrível clamor acompanhado do surdo ruído causado pela queda de vários corpos caindo ao mar. Voltou-se e não viu mais os quatro negociantes. Oito artilheiros de caras sinistras tinham ainda os braços no ar no instante em que o militar os olhava com terror.

— Quando eu lhe dizia — disse-lhe friamente o capitão espanhol.

O marquês reergueu-se bruscamente, o mar já retomara a calma, nem mesmo pôde ver o lugar onde seus infelizes companheiros acabavam de ser tragados. Rolavam nesse momento pés e punhos atados, sob as vagas, se os peixes já não os tinham devorado. A alguns passos dele, o pérfido timoneiro e o marinheiro do *Saint-Ferdinand* que gabava antes o poder do capitão parisiense fraternizavam com os corsários, e lhes indicavam com o dedo aqueles dentre os marinheiros do brigue que reconheciam dignos de ser incorporados à equipagem do *Otelo*; quanto aos outros, dois grumetes lhes atavam os pés, apesar de horríveis pragas. Terminada a escolha, os oito artilheiros apoderaram-se dos condenados e os lançaram ao mar sem cerimônias. Os corsários olhavam com uma curiosidade maliciosa as diferentes maneiras com que caíam esses homens, suas caretas, sua derradeira tortura; mas seus rostos não traíam nem zombaria, espanto ou piedade. Era para eles um acontecimento bem simples, ao qual pareciam acostumados. Os mais idosos contemplavam de preferência, com um sorriso sombrio e parado, os tonéis cheios de piastras colocados ao pé do grande mastro. O general e o capitão Gomez, sentados num fardo, consultavam-se em silêncio com um olhar quase sem brilho. Em breve se encontraram os únicos a sobreviver da equipagem do *Saint-Ferdinand*. Os sete marinheiros, escolhidos pelos dois

espiões entre os marinheiros espanhóis, já se haviam alegremente transformado em *peruanos*.

— Que atrozes patifes! — exclamou de repente o general em quem uma leal e generosa indignação fez calar a dor e a prudência.

— Eles obedecem à necessidade — respondeu friamente Gomez. — Se o senhor tornasse a encontrar um desses homens, não lhe atravessaria o corpo com a espada?

— Capitão — disse o tenente, voltando-se para o espanhol —, o parisiense ouviu falar a seu respeito. O senhor, disse ele, é o único homem que conhece bem as desembocaduras das Antilhas e as costas do Brasil. Quer...

O capitão interrompeu o jovem tenente com uma exclamação de desprezo e respondeu:

— Morrerei como marinheiro, como fiel espanhol, como cristão. Entendes?

— Ao mar! — gritou o moço.

A essa ordem dois artilheiros se apoderaram de Gomez.

— Vocês são uns covardes! — exclamou o general, detendo os dois corsários.

— Meu velho — disse-lhe o tenente —, não se entusiasme tanto. Se sua fita vermelha causou alguma impressão em nosso capitão, eu não lhe dou a menor importância... Vamos ter também, daqui a pouco, nossa conversinha.

Nesse momento um surdo ruído, ao qual nenhuma queixa se misturou, fez compreender ao general que o bravo Gomez morrera como marinheiro.

— Minha fortuna ou a morte! — exclamou ele, num terrível acesso de raiva.

— Ah, você é razoável! — respondeu-lhe o corsário zombando. — Agora pode estar seguro de obter alguma coisa de nós...

Depois, a um sinal do tenente, dois marinheiros apressaram-se a amarrar os pés do francês; mas este, espancando-os com imprevista audácia, puxou, com um gesto pelo qual não se esperava mais, o sabre que o tenente usava a tiracolo e se pôs lentamente a esgrimir como velho general de cavalaria que conhecia sua profissão.

— Ah, patifes, não jogarão à água como uma ostra um antigo soldado de

Napoleão!

Tiros de pistola, disparados quase à queima-roupa sobre o francês recalcitrante, atraíram a atenção do parisiense, então ocupado a vigiar o transporte dos aprestos que mandava tomar ao *Saint-Ferdinand*. Sem se emocionar, veio agarrar por trás o corajoso general, segurou-o rapidamente, arrastou-o para a amurada e se dispunha a jogá-lo à água como alavancas sem préstimo. Nesse momento, o general tornou a encontrar o olhar fulvo do raptor de sua filha. Pai e genro reconheceram-se imediatamente. O capitão, imprimindo a seu impulso um movimento contrário ao que lhe havia dado, como se o marquês nada pesasse, longe de precipitá-lo ao mar, colocou-o de pé perto do grande mastro. Um murmúrio elevou-se da coberta; mas então o corsário lançou um olhar aos seus homens, e o mais profundo silêncio reinou subitamente.

— É o pai de Helena — disse o capitão em voz clara e firme. — Ai de quem não o respeitar.

Um grito de aclamações alegres ecoou na coberta e subiu ao céu como uma prece de igreja, como o primeiro grito do *Te Deum*. Os grumetes balançaram-se nas cordas, os marinheiros jogaram seus gorros ao ar, os artilheiros sapatearam, cada um agitou-se, urrou, assoviou, praguejou. A expressão fanática dessa alegria tornou o general inquieto e sombrio... Atribuindo esse sentimento a algum horrível mistério, seu primeiro grito, quando recuperou a fala, foi:

— Minha filha! Onde está ela?

O corsário atirou ao general um desses olhares profundos que, sem que se possa adivinhar a razão, transtornavam sempre as almas mais intrépidas; tornou-o mudo, para grande satisfação dos marinheiros, felizes de ver o poder de seu chefe exercer-se sobre todos os seres, conduziu-o a uma escada, fê-lo descer e levou-o diante da porta de um camarote, que impeliu vivamente dizendo:

— Ei-la.

Em seguida desapareceu, deixando o velho militar mergulhado numa espécie de estupor ao aspecto do quadro que se ofereceu aos seus olhos. Ouvindo abrir a porta do quarto com brusquidão, Helena erguera-se do divã no qual repousava; mas avistou o marquês e deu um grito de surpresa. Estava tão mudada que eram

precisos os olhos de um pai para reconhecê-la. O sol dos trópicos embelezara seu rosto branco com uma cor morena, de um colorido maravilhoso que lhe dava uma expressão de poesia, e o próprio rosto respirava um ar de grandeza, uma firmeza majestosa, um sentimento profundo com o qual a alma mais grosseira se sentiria impressionada. Sua longa e abundante cabeleira, caindo em grossos cachos sobre o pescoço cheio de nobreza, acrescentava ainda uma imagem de poder à altivez desse rosto. Em seu aspecto, em seu gesto, Helena deixava transparecer a consciência que tinha de seu poder. Uma triunfal satisfação fazia palpar levemente suas róseas narinas, e sua felicidade tranquila estava assinalada em todos os desenvolvimentos de sua beleza. Havia nela ao mesmo tempo algo da suavidade da virgem e essa espécie de orgulho particular às criaturas muito amadas. Escrava e soberana, queria obedecer porque podia reinar. Estava vestida com magnificência cheia de encanto e elegância. A musselina das Índias compunha toda a sua *toilette*; mas seu divã e os coxins eram de *cashmere*; um tapete da Pérsia guarnecia o assoalho da vasta cabina, seus quatro filhos brincavam a seus pés construindo castelos esquisitos com colares de pérolas, joias preciosas, objetos de valor. Alguns vasos de porcelana de Sèvres, pintados pela sra. Jaquotot, continham flores raras que embalsamavam o ar; eram jasmims do México, camélias, entre as quais pequenos pássaros da América vojavam domesticados e pareciam ser rubis, safiras, ouro animado. Um piano estava preso no salão, e nas paredes de madeira, forradas de seda amarela, viam-se aqui e ali quadros de pequena dimensão, mas devidos aos melhores pintores; um pôr do sol por Gudin encontrava-se junto de um Terburg; uma Virgem de Rafael lutava em poesia com um esboço de Girodet, um Gerard Dow eclipsava um Drolling. Sobre uma mesa de laca da China encontrava-se uma bandeja de ouro cheia de frutos deliciosos. Enfim, Helena parecia ser a rainha de um grande império no meio do *boudoir* no qual seu amante coroado tivesse reunido as coisas mais elegantes da terra. As crianças detinham sobre o avô olhos de penetrante vivacidade; e, habituadas como estavam a viver no meio dos combates, das tempestades e do tumulto, assemelhavam-se a esses pequenos romanos curiosos de guerra e sangue que

David pintou em seu quadro de Bruto.

— Como é possível isto? — exclamou Helena, segurando o pai como para certificar-se da realidade dessa visão.

— Helena!

— Meu pai!

Caíram nos braços um do outro, e o abraço do velho não foi o mais forte nem o mais afetuoso.

— O senhor estava nesse navio?

— Sim — respondeu ele com ar triste sentando-se no divã e olhando as crianças que, agrupadas à sua volta, consideravam-no com ingênua atenção. — Eu ia morrer sem...

— Sem meu marido — disse ela interrompendo-o —, adivinho.

— Ah — exclamou o general —, por que é preciso que eu te encontre, minha Helena, a ti por quem tanto chorei! Eu devia gemer ainda mais sobre o teu destino.

— Por quê? — perguntou ela sorrindo. — O senhor não ficará contente em saber que sou a mais feliz de todas as mulheres?

— Feliz! — exclamou ele, fazendo um gesto de surpresa.

— Sim, meu bom pai — replicou ela apoderando-se de suas mãos, beijando-as, apertando-as contra o seio palpitante, acrescentando a essa meiguice um movimento de cabeça que seus olhos cintilantes de prazer tornaram ainda mais significativo.

— Como assim? — perguntou ele, curioso de conhecer a vida de sua filha e esquecendo tudo diante dessa fisionomia resplendente.

— Ouça, meu pai — respondeu ela —, tenho por amante, por marido, por servidor, por senhor, um homem cuja alma é tão vasta quanto este mar sem limites, tão fértil em suavidade quanto o céu, um Deus enfim! Há sete anos, nunca lhe escapou uma palavra, um sentimento, um gesto que pudessem produzir dissonância com a divina harmonia de suas palavras, de suas carícias e de seu amor. Sempre me olhou tendo nos lábios um sorriso amigo e nos olhos um raio de alegria. Lá em cima sua voz trovejante domina quase sempre os uivos

da tempestade ou o tumulto dos combates, mas aqui ela é suave e melodiosa como a música de Rossini, cujas obras recebo. Tudo o que o capricho de uma mulher pode inventar obtenho. Meus desejos são até, às vezes, ultrapassados. Reino enfim sobre o mar e aí sou obedecida como pode sê-lo uma soberana. Oh, feliz! — prosseguiu interrompendo-se a si mesma —, feliz não é uma palavra que possa exprimir minha felicidade. Tenho a parte de todas as mulheres. Sentir um amor, um devotamento imenso por aquele que se ama, e encontrar em seu coração, *dele*, um sentimento infinito onde a alma de uma mulher se perde, e sempre! Diga, será uma felicidade? Já devorei mil existências. Aqui sou sozinha, aqui eu ordeno. Jamais uma criatura de meu sexo pôs o pé neste pobre navio, onde Vítor está sempre a alguns passos de mim. Ele não pode afastar-se de mim mais do que da popa à proa — continuou ela com uma fina expressão de malícia. — Sete anos! Um amor que resiste durante sete anos a essa perpétua alegria, a essa provação de todos os instantes, é amor? Não! Oh, não, é melhor que tudo o que conheço da vida... a linguagem humana é impotente para exprimir uma felicidade celeste.

Uma torrente de lágrimas escapou-se de seus olhos inflamados. As quatro crianças soltaram então um grito lamentoso, correram para ela como pintinhos à mãe, e o mais velho bateu no general olhando-o com ar ameaçador.

— Abel — disse ela —, meu anjo, choro de alegria.

Tomou-o nos joelhos, o menino acariciou-a familiarmente, passando os braços em torno do pescoço majestoso de Helena, como um leãozinho que quer brincar com a mãe.

— Tu não te aborreces? — exclamou o general, aturdido pela resposta exaltada da filha.

— Sim — respondeu ela —, em terra, quando desembarcamos; e ainda assim nunca deixo meu marido.

— Mas gostavas de festas, bailes, música?

— A música é a sua voz; minhas festas são as roupagens que invento para ele. Quando uma *toilette* lhe agrada, não é como se a terra inteira me admirasse? Eis novamente por que não jogo ao mar esses diamantes, esses colares, esses

diademas de pedrarias, essas riquezas, essas flores, essas obras-primas da arte que ele me prodigaliza dizendo: “Helena, já que estás longe do mundo, quero que o mundo venha a ti”.

— Mas a bordo há homens, homens audaciosos, terríveis, cujas paixões...

— Eu o compreendo, meu pai — disse ela sorrindo. — Tranquelize-se. Jamais imperatriz foi rodeada de maior respeito que o que me dedicam. Esses homens são supersticiosos; acreditam que sou o gênio tutelar deste navio, de suas empresas, de seus sucessos. Mas é *ele* o seu deus! Um dia, uma única vez, um marinheiro faltou-me com o respeito... em palavras — acrescentou ela rindo. — Antes que Vítor chegasse a sabê-lo, os homens da equipagem atiraram-no ao mar apesar do perdão que eu lhe concedia. Eles me amam como o seu anjo bom, cuidando deles em suas doenças, e tive a felicidade de salvar alguns da morte, velando-os com uma perseverança de mulher. Essas pobres criaturas são ao mesmo tempo gigantes e crianças.

— E quando há combates?

— Estou acostumada a isso — respondeu. — Só tremi durante o primeiro... Agora minha alma está habituada a esse perigo, e além disso... sou filha do senhor — disse ela — e amo a ele.

— E se ele percesse?

— Eu pereceria.

— E teus filhos?

— São filhos do oceano e do perigo, partilham a vida de seus pais... Nossa existência é uma e não se cinde. Vivemos todos a mesma vida, todos inscritos na mesma página, levados pelo mesmo esquife, sabemos.

— Tu o amas pois a ponto de preferi-lo a tudo?

— A tudo — repetiu ela. — Mas não sondemos esse mistério. Veja, esse querido filho, pois bem, ainda é *ele*!

Depois, estreitando Abel com um vigor extraordinário, imprimiu-lhe beijos devoradores nas faces, nos cabelos...

— Mas — exclamou o general — não poderei esquecer que ele acaba de fazer atirar ao mar nove pessoas...

— Era preciso, sem dúvida — respondeu —, pois ele é humano e generoso. Derrama o mínimo possível de sangue para a conservação e os interesses do pequeno mundo que protege e da causa sagrada que defende. Fale-lhe do que lhe parece mal e verá que ele saberá fazê-lo mudar de opinião.

— E seu crime? — disse o general como se falasse consigo mesmo.

— Mas — replicou ela com fria dignidade —, se fosse uma virtude? Se a justiça dos homens não tivesse podido vingá-lo?

— Vingar-se por si mesmo! — exclamou o general.

— E o que é o inferno — perguntou ela — senão uma vingança eterna por alguns erros de um dia?

— Ah, estás perdida! Ele te enfeitiçou, perverteu. Deliras.

— Fique aqui um dia, meu pai, e se quiser ouvi-lo, olhá-lo, o senhor há de amá-lo.

— Helena — disse o general —, estamos a algumas léguas da França...

Ela estremeceu, olhou pela janela do camarote, mostrou o mar desenrolando suas imensas savanas de água verde.

— Eis o meu país — respondeu, batendo no tapete com a ponta do pé.

— Mas não virás ver tua mãe, tua irmã, teus irmãos?

— Oh, sim — disse ela com lágrimas na voz —, se ele o quiser e puder acompanhar-me.

— Nada mais tens, pois, Helena — replicou severamente o militar —, nem país, nem família?...

— Sou esposa dele — replicou ela com um ar de altivez, com um acento cheio de nobreza. — Eis aqui, há sete anos, a primeira felicidade que não me vem dele — acrescentou apanhando a mão do pai e beijando-a —, e eis aqui a primeira censura que ouço.

— E tua consciência?

— Minha consciência? Mas é ele.

Nesse momento ela estremeceu violentamente.

— Ei-lo — disse ela. — Até no combate, entre todos os passos, reconheço o dele na coberta.

E de repente um rubor purpureou-lhe as faces, fez resplandecer-lhe os traços, brilhar-lhe os olhos, e a cútis tornou-se de um branco mate... Havia felicidade e amor em seus músculos, em suas veias azuis, no estremecimento involuntário de toda a sua pessoa. Esse movimento de sensitiva comoveu o general.

Com efeito, um instante depois, o corsário entrou, veio sentar-se numa poltrona, apoderou-se do filho mais velho e se pôs a brincar com ele. Reinou o silêncio durante um momento; pois, durante algum tempo, o general, mergulhado num devaneio comparável ao sentimento vagaroso de um sonho, contemplou essa elegante cabina, semelhante a um ninho de alcíones, na qual aquela família vogava pelo oceano havia sete anos, entre os céus e a onda, sobre a fé de um homem, conduzida através dos perigos da guerra e das tempestades, como um lar é guiado na vida por um chefe no seio das desgraças sociais... Olhava a filha com admiração, imagem fantástica de uma deusa marinha, suave de beleza, rica de felicidade, e fazendo empalidecer todos os tesouros que a rodeavam diante dos tesouros de sua alma, os relâmpagos de seus olhos e a indescritível poesia exprimida em sua pessoa e em torno dela. Essa situação oferecia uma estranheza que o surpreendia, uma sublimidade de paixão e raciocínio que confundia as ideias vulgares. As frias e estreitas combinações da sociedade morriam diante desse quadro. O velho militar sentiu todas essas coisas e compreendeu também que sua filha não abandonaria nunca uma vida tão larga, tão fecunda em contrastes, cheia por um amor tão verdadeiro; além disso, desde que ela havia uma vez saboreado o perigo sem se aterrorizar, não podia mais voltar às pequenas cenas de um mundo mesquinho e limitado.

— Perturbo-o? — perguntou o corsário rompendo o silêncio e olhando a esposa.

— Não — respondeu-lhe o general —, Helena disse-me tudo! Vejo que ela está perdida para nós...

— Não — replicou vivamente o corsário — ... Ainda alguns anos, e a prescrição me permitirá voltar à França. Quando a consciência é pura e quando, ferindo vossas leis sociais, um homem obedeceu ...

Calou-se desdenhando justificar-se.

— E como pode o senhor — disse o general interrompendo-o — não ter remorsos pelos novos assassinatos que se cometeram diante de meus olhos?

— Não temos víveres — replicou tranquilamente o corsário.

— Mas desembarcando esses homens na costa...

— Eles nos fariam cortar a retirada por algum navio e não chegaríamos ao Chile.

— Antes que, da França — disse o general interrompendo-o —, tenham prevenido o almirantado da Espanha...

— Mas a França pode achar mau que um homem, ainda sujeito aos seus tribunais de justiça, se tenha apoderado de um brigue fretado por bordeleses. Aliás, o senhor não atirou, algumas vezes, no campo de batalha, alguns tiros de canhão a mais?

O general, intimidado pelo olhar do corsário, calou-se; e sua filha olhava-o com um ar que tanto exprimia triunfo quanto melancolia...

— General — disse o corsário em voz profunda —, impus a mim mesmo a lei de jamais subtrair o que quer que fosse do butim. Mas está fora de dúvida que minha parte será mais considerável que o era sua fortuna. Permita-me restituí-la em outra moeda...

Tomou na gaveta do piano um maço de dinheiro, não contou os pacotes, e apresentou um milhão ao marquês.

— O senhor compreende — continuou — que eu não posso me divertir em olhar os que passam na estrada de Bordéus... Ora, a menos que o senhor esteja seduzido pelos perigos de nossa vida boêmia, pelas cenas da América meridional, por nossas noites dos trópicos, por nossas batalhas e pelo prazer de fazer triunfar o pavilhão de uma jovem nação, ou o nome de Simón Bolívar, é preciso deixar-nos... Uma chalupa e homens devotados o esperam. Esperemos um terceiro encontro mais completamente feliz...

— Vítor, eu quisera ver meu pai ainda um momento — disse Helena em tom animado.

— Dez minutos a mais ou a menos podem colocar-nos frente a frente com uma fragata. Seja! Divertir-nos-emos um pouco. Nossos homens se aborrecem.

— Oh, parta, meu pai! — exclamou a esposa do marinheiro. — E leve à minha irmã, a meus irmãos, à... minha mãe — acrescentou — esses penhores de minha lembrança.

Tomou um punhado de pedras preciosas, de colares, de joias, envolveu-as numa *cashmere* e apresentou-as timidamente ao pai.

— E que lhes direi de tua parte? — perguntou ele, parecendo chocado pela hesitação que sua filha marcara antes de pronunciar a palavra *mãe*.

— Oh, o senhor pode duvidar de minha alma? Faça, todos os dias, votos por sua felicidade.

— Helena — replicou o ancião olhando-a com atenção —, não devo mais revelá-lo? Não saberei jamais a que motivo se deve a tua fuga?

— Esse segredo não me pertence — disse ela em tom grave. — Mesmo que tivesse o direito de revelá-lo ao senhor, talvez não o dissesse ainda. Sofri durante dez anos males inauditos...

Não continuou e estendeu ao pai os presentes que destinava à sua família. O general, acostumado pelos acontecimentos da guerra a ideias bastantes largas em matéria de butim, aceitou os presentes oferecidos pela filha e se deleitou em pensar que, sob a inspiração de uma alma tão pura, tão elevada quanto a de Helena, o capitão parisiense conservava-se homem honesto fazendo guerra aos espanhóis. Sua paixão pelos bravos arrebatou-o. Pensando que seria ridículo afetar escrúpulos, apertou vigorosamente a mão do corsário, beijou sua Helena, sua única filha, com essa efusão particular aos soldados, e deixou cair uma lágrima sobre esse rosto cuja altivez, cuja expressão máscula lhe sorrira mais de uma vez. O marinheiro, fortemente comovido, deu-lhe os filhos para abençoar. Enfim, todos se disseram uma última vez adeus com um longo olhar que não foi destituído de ternura.

— Sejam sempre felizes! — exclamou o avô, lançando-se para a coberta.

No mar, um singular espetáculo esperava o general. O *Saint-Ferdinand*, entregue às chamas, ardia como um imenso fogo de palha. Os marinheiros, ocupados em afundar o brigue espanhol, perceberam que havia a bordo um carregamento de rum, *licor* que abundava no *Otelo*, e acharam engraçado

acender uma grande tigela de ponche em pleno mar. Era um divertimento bem perdoável a criaturas às quais a aparente monotonia do mar fazia aproveitar todas as ocasiões de animar sua vida.

Descendo do brigue para a chalupa do *Saint-Ferdinand*, tripulada por seis vigorosos marinheiros, o general partilhava involuntariamente sua atenção entre o incêndio do *Saint-Ferdinand* e sua filha apoiada no corsário, ambos de pé à popa do navio. Em presença de tantas recordações, vendo o vestido branco de Helena que flutuava, leve como uma vela a mais; distinguindo no oceano essa bela e grande figura, bem imponente para tudo dominar, mesmo o mar, ele esquecia, com a indiferença de um militar que vogava sobre o túmulo do bravo Gomez.

Acima dele, uma imensa coluna de fumo pairava como uma nuvem escura, e os raios do sol, perfurando-a aqui e ali, davam-lhe poéticos clarões. Era um segundo céu, uma cúpula sombria sob a qual brilhavam espécies de lampadários e acima da qual planava o azul inalterável do firmamento, que parecia mil vezes mais belo por essa efêmera aparição. As cores bizarras dessa fumaça, ora amarela, dourada, vermelha, negra, fundidas vaporosamente, cobriam o navio, que estalava, rangia e chiava. A chama assobiava mordendo as cordas e corria no navio como uma sedição popular voa pelas ruas de uma cidade. O rum produzia chamas azuis que brilhavam como se o gênio dos mares tivesse agitado essa aguardente furibunda, assim como a mão de um estudante faz mover a alegre chama de um ponche numa orgia. Mas o sol, mais poderoso de luz, ciumento desse clarão insolente, apenas deixava ver em seus raios as cores desse incêndio. Era como uma rede, uma *écharpe* que esvoaçasse no meio da torrente de seus fogos.

O *Otelo* apanhava, para fugir, o pouco vento que podia colher nessa direção nova, e inclinava-se, ora de um lado, ora de outro, como um papagaio balançando nos ares. Esse belo brigue corria a bordadas para o sul; ora se ocultava aos olhos do general, desaparecendo por trás da coluna reta cuja sombra se projetava fantasticamente sobre as águas, ora se mostrava, erguendo-se com graça e fugindo. Toda vez que Helena podia perceber seu pai, agitava o lenço

para saudá-lo ainda. Em breve o *Saint-Ferdinand* afundou, produzindo um fervilhamento logo apagado pelo oceano. Não restou, então, de toda essa cena senão uma nuvem balançada pela brisa. O *Otelo* estava longe; a chalupa se aproximava da terra; a nuvem se interpôs entre a frágil embarcação e o brigue. A última vez que o general percebeu a filha foi através de uma fenda daquela fumaça ondulante. Visão profética! O lenço branco e o vestido se destacavam sós nesse fundo bistro. Entre a água verde e o céu azul, nem o brigue se via mais.

Helena não era mais que um ponto imperceptível, uma linha delgada, graciosa, um anjo no céu, uma ideia, uma lembrança.

Após ter restabelecido sua fortuna, o marquês morreu esgotado de fadiga. Alguns meses depois de sua morte, em 1833, a marquesa foi obrigada a levar Moína às águas dos Pireneus. A caprichosa criança quis ver as belezas dessas montanhas. Voltou às Águas e no seu regresso passou-se a horrível cena que aqui está.

III – O ENSINAMENTO

— Meu Deus — disse Moína —, fizemos bem mal, minha mãe, em não ficar alguns dias mais nas montanhas! Ali estávamos bem melhor do que aqui! Ouviu os gemidos contínuos dessa maldita criança e a tagarelice dessa desgraçada mulher que fala sem dúvida em patoá, pois não compreendi uma única palavra do que dizia? Que espécie de gente nos deram por vizinhas! Essa noite foi uma das mais horríveis que passei em minha vida.

— Nada ouvi — respondeu a marquesa —, mas, minha querida filha, vou ver a hoteleira e pedir-lhe o quarto vizinho; estaremos sós no apartamento e não mais teremos barulho. Como se sentes esta manhã? Estás fatigada?

Ao dizer essas últimas frases, a marquesa se erguera para se aproximar do leito de Moína.

— Vejamos — disse-lhe ela procurando a mão da filha.

— Oh, deixe-me, minha mãe — respondeu Moína —, tenho frio.

A essas palavras a moça enrolou-se em seu travesseiro com um movimento de amuo, mas tão gracioso, que era difícil uma mãe ofender-se por isto. Nesse momento, uma queixa, cujo acento suave e prolongado devia rasgar um coração materno, ressoou no quarto vizinho.

— Mas se tu ouviste isto durante toda a noite, por que não me acordaste? Teríamos...

Um gemido mais prolongado que todos os outros interrompeu a marquesa, que exclamou:

— Há aí alguém que está morrendo! E saiu vivamente.

— Mande-me Paulina! — gritou Moína — Vou vestir-me.

A marquesa desceu prontamente e encontrou a hoteleira no pátio no meio de algumas pessoas que pareciam ouvi-la atentamente.

— A senhora colocou perto de nós uma pessoa que parece sofrer muito...

— Ah, não me fale nisso! — exclamou a dona do hotel. — Acabo de mandar procurar o *maire*. Imagine que é uma mulher, uma pobre infeliz que chegou ontem à noite, a pé; vem da Espanha, está sem passaporte e sem dinheiro. Trazia às costas uma criancinha à morte. Não pude deixar de recebê-la aqui. Esta manhã, fui eu mesma vê-la, pois ontem, quando desembarcou aqui, causou-me terrível pena. Pobre mulherzinha! Estava deitada com o filho, e ambos se debatiam contra a morte. “Senhora”, disse-me ela, tirando do dedo um anel de ouro, “não possuo mais do que isto, tomai-o em pagamento; será suficiente, não ficarei muito tempo aqui. Pobre pequeno, vamos morrer juntos!”, disse ela olhando seu filho. Tomei-lhe o anel, perguntei-lhe quem era, mas ela não quis nunca dizer-me o nome... Acabo de mandar procurar o médico e o senhor *maire*.

— Mas — exclamou a marquesa — dê-lhe todos os socorros que lhe poderão ser necessários. Meu Deus, talvez ainda seja tempo de salvá-la! Eu lhe pagarei tudo o que ela gastar...

— Ah, senhora, ela parece ser muito ativa, e não sei se quererá!

— Vou vê-la.

E imediatamente a marquesa subiu ao quarto da desconhecida sem pensar no mal que sua presença podia causar àquela mulher num momento em que a

diziam agonizante, pois ainda estava de luto. A marquesa empalideceu ao aspecto da agonizante. Apesar dos horríveis sofrimentos que haviam alterado a bela fisionomia de Helena, reconheceu a filha mais velha. Ao aspecto de uma mulher vestida de preto, Helena ergueu-se da cama, soltou um grito de terror e tornou a cair lentamente no leito quando, naquela mulher, tornou a encontrar sua mãe.

— Minha filha — disse a sra. d’Aiglemont —, que lhe falta? Paulina!... Moína!...

— Nada mais me falta — respondeu Helena em voz enfraquecida. — Esperava rever meu pai; mas seu luto anuncia-me...

Não concluiu; apertou o filho contra o coração como para aquecê-lo, beijou-o na fronte e atirou à mãe um olhar onde ainda se lia a censura, embora temperada pelo perdão. A marquesa não quis ver essa censura; esqueceu que Helena fora uma filha concebida outrora nas lágrimas e no desespero, a filha do dever, uma filha que fora a causa de suas maiores infelicidades; caminhou suavemente para a filha mais velha, lembrando-se apenas de que Helena fora a primeira a fazê-la conhecer os prazeres da maternidade. Os olhos da mãe estavam cheios de lágrimas; e, beijando a filha, exclamou:

— Helena! Minha filha...

Helena conservava-se em silêncio. Acabava de aspirar o último suspiro de seu último filho. Nesse momento, Moína, Paulina, sua criada de quarto, a hoteleira e um médico entraram.

A marquesa conservava a mão gelada da filha nas suas, e contemplava-a com verdadeiro desespero. Exasperada pela desgraça, a viúva do marinheiro, que acabava de escapar a um naufrágio, salvando de toda a família apenas um filho, disse com voz horrível à sua mãe:

— Tudo isto é obra sua! Se tivesse sido para mim o que...

— Moína, saia, saiam todos! — gritou a sra. d’Aiglemont abafando a voz de Helena com o rumor da sua.

— Por piedade, minha filha, não renovemos nesse momento os tristes combates...

— Calar-me-ei — respondeu Helena, fazendo um esforço sobrenatural. — Sou mãe, sei que Moína não deve... Onde está meu filho?

Moína tornou a entrar, impelida pela curiosidade.

— Minha irmã — disse a criança mimada —, o médico...

— É tudo inútil — continuou Helena. — Ah, por que não morri aos dezesseis anos, quando quis me matar? A felicidade nunca se encontra fora das leis... Moína... tu...

Morreu inclinando a cabeça sobre a do filho, que estreitou convulsivamente.

— Tua irmã queria sem dúvida dizer-te, Moína — volveu a sra. d'Aiglemont, quando voltou ao seu quarto, onde desatou em lágrimas —, que a felicidade nunca se encontra, para uma filha, numa vida romanesca, fora das ideias recebidas, e, sobretudo, longe de sua mãe.

SEXTA PARTE

A VELHICE DE UMA MÃE CULPADA

Num dos primeiros dias do mês de junho de 1844, uma senhora de cerca de cinquenta anos, mas que aparentava ter mais idade que a verdadeira, passeava ao sol, ao meio-dia, ao longo duma alameda, no jardim de um palácio situado na rue Plumet, em Paris. Depois de ter feito por duas ou três vezes a volta da vereda levemente sinuosa onde se achava, para não perder de vista as janelas dum

apartamento que parecia atrair toda a sua atenção, foi sentar-se numa dessas cadeiras meio rústicas que se fabricam com galhos flexíveis de árvores, guarnecidos de sua casca. Do lugar onde estava essa elegante cadeira, a dama podia divisar por uma das grades da cerca tanto os bulevares interiores, no meio dos quais está colocada a admirável cúpula dos Invalides, que ergue seu zimbório de ouro acima da folhagem de um milheiro de olmos, formando uma admirável paisagem, como o aspecto menos grandioso de seu jardim terminado pela fachada cinza de um dos mais belos palácios do Faubourg Saint-Germain. Ali tudo se achava mergulhado em silêncio: os jardins vizinhos, os bulevares, os Invalides; porque, nesse aristocrático bairro, o dia não começa senão ao meio-dia. Salvo algum capricho, salvo se uma jovem queira montar a cavalo, ou se um velho diplomata tenha um protocolo a revisar, nessa hora, criados e patrões, todos dormem, ou todos despertam.

A senhora tão madrugadora era a marquesa d'Aiglemont, mãe da sra. de Saint-Héreen, a quem pertencia esse belo palácio. A marquesa privara-se dele em benefício da filha, a quem havia dado toda a sua fortuna, reservando para si apenas uma pensão vitalícia. A condessa Moína de Saint-Héreen era a última filha da sra. d'Aiglemont. Para fazê-la desposar o herdeiro duma das mais ilustres casas de França, a marquesa tudo sacrificara. Nada era mais natural; ela perdera sucessivamente dois filhos: um, Gustavo, marquês d'Aiglemont, tinha morrido atacado de cólera; o outro, Abel, sucumbira diante de Constantina. Gustavo deixara filhos e viúva. Mas a afeição bastante fraca que a sra. d'Aiglemont tivera pelos dois filhos enfraquecera ainda ao passar para os netos. Portava-se delicadamente com a nora, mas limitava-se ao sentimento superficial que o bom gosto e as conveniências prescrevem que testemunhemos ao próximo.

Regularizada perfeitamente a fortuna dos dois filhos mortos, ela reservara para a sua querida Moína suas economias e seus bens pessoais. Moína, bela e encantadora desde criança, fora sempre para a sra. d'Aiglemont objeto duma dessas predileções inatas ou involuntárias nas mães; fatais simpatias que parecem inexplicáveis, ou que os observadores sabem perfeitamente explicar. A encantadora figura de Moína, o som da voz dessa filha querida, seus modos, o

andar, a fisionomia, os gestos, tudo nela despertava na marquesa as mais profundas emoções capazes de animar, perturbar ou enlevar o coração de uma mãe. A razão de sua vida presente, de sua vida futura, de sua vida passada estava no coração dessa moça, onde ela lançara todos os seus tesouros. Moína felizmente sobrevivera aos quatro irmãos mais velhos. A sra. d'Aiglemont perdera, de fato, da maneira mais trágica, dizia-se na alta sociedade, uma filha encantadora, cujo destino era quase desconhecido, e um garoto de cinco anos, vítima duma horrível catástrofe. A marquesa viu certamente um presságio do céu no respeito que a sorte tinha por sua filha predileta, e não dedicara senão fracas recordações aos filhos já tombados segundo os caprichos da morte, os quais permaneciam no fundo de sua alma como esses túmulos erigidos num campo de batalha, mas que as flores silvestres quase fizeram desaparecer.

A sociedade poderia pedir à marquesa contas severas dessa indiferença e dessa predileção; mas a sociedade de Paris é arrastada por uma tal torrente de acontecimentos, de modas, de novas ideias, que toda a vida da sra. d'Aiglemont devia ser nela de certa forma esquecida. Ninguém pensava em considerar um crime sua frieza, seu esquecimento que a ninguém interessava, ao passo que sua viva ternura por Moína interessava muita gente, e tinha toda a santidade dum preconceito. Aliás, a marquesa pouco aparecia na sociedade; e, para a maioria das famílias de suas relações, ela parecia boa, meiga, piedosa, indulgente. Ora, não será preciso ter um interesse especial para ir além dessas aparências com que a sociedade se contenta? Depois, o que é que não se perdoa aos velhos quando eles se apagam como sombras e não desejam mais ser senão uma recordação? Enfim, a sra. d'Aiglemont era um modelo lisonjeiro, citado pelos filhos aos pais, pelos genros às sogras. Ela tinha, ainda em vida, dado seus bens a Moína, satisfeita com a felicidade da jovem condessa, e não vivendo senão por ela e para ela. Se velhos prudentes, tios rabugentos censuravam essa conduta dizendo: “A sra. d'Aiglemont talvez se arrependa algum dia de se ter despojado de sua fortuna em favor de sua filha, porque, se conhece bem o coração da sra. de Saint-Héreen, pode ter a mesma confiança na moralidade do genro?”, elevava-se contra esses profetas uma indignação geral; e de toda a parte choviam elogios

para Moína.

— Deve-se render essa justiça à sra. de Saint-Héreen — dizia uma moça —, que sua mãe não sofreu nenhuma mudança em sua vida. A sra. d’Aiglemont está admiravelmente bem instalada, tem uma carruagem a seu dispor e pode ir aonde quiser como dantes...

— Exceto ao Italiens — respondia baixinho um velho parasita, uma dessas criaturas que se julgam no direito de cumular os amigos com epigramas sob o pretexto de demonstrarem independência. — No que toca a assuntos estranhos à sua filha mimosa, a ilustre viúva só gosta de música. Em seu tempo, ela foi uma ótima musicista! Mas como o camarote da condessa está sempre invadido por mocinhos elegantes, e como sua presença ali constrangeria a moça, de quem já se fala como de uma grande *coquette*, a pobre mãe nunca vai ao Italiens.

— A sra. de Saint-Héreen — dizia uma moça casadoura — faz para sua mãe reuniões deliciosas, tem um salão onde comparece Paris inteira.

— Um salão em que ninguém presta atenção à marquesa — dizia o parasita.

— O fato é que a sra. d’Aiglemont nunca está só — dizia um presumido, tomando o partido das moças.

— De manhã — respondeu em voz baixa o velho observador —, de manhã a querida Moína dorme. Às quatro horas a querida Moína está no bosque. À noite, a querida Moína vai ao baile ou ao teatro... Mas é verdade que a sra. d’Aiglemont tem o recurso de ver sua querida filha enquanto ela se veste, ou durante o jantar, quando a querida Moína por acaso janta com sua querida mãe.

— Não faz ainda oito dias, senhor — disse o parasita tomando pelo braço um tímido preceptor, recém-chegado na casa em que se encontrava —, vi essa pobre mãe triste sozinha junto da lareira. “Que tem?”, perguntei-lhe. A marquesa fitou-me sorrindo, mas com certeza tinha chorado. “Estava pensando”, disse-me ela, “que é bem singular me encontrar só, depois de ter tido cinco filhos; mas isso faz parte do nosso destino! E, depois, sinto-me feliz quando sei que Moína se está divertindo!” Ela podia confiar em mim, que conhecera outrora seu marido. Era um pobre homem e foi bem feliz em tê-la por esposa; decerto devia a ela seu pariato e seu cargo na corte de Carlos x.

Mas há tantos erros nas palestras mantidas na sociedade, nela se cometem com leviandade males tão profundos, que o historiador dos costumes é obrigado a pesar cuidadosamente as asserções negligentemente emitidas por tantos irresponsáveis. Em resumo, talvez não se deva nunca decidir de que lado está a razão, se com a mãe ou com o filho. Entre esses dois corações só há um juiz possível: e esse é Deus! Deus que, muitas vezes, assesta sua vingança no seio das famílias e serve-se eternamente dos filhos contra as mães, dos pais contra os filhos, dos povos contra os reis, dos príncipes contra as nações, de tudo contra tudo; que substitui no mundo moral os sentimentos pelos sentimentos, como as folhas novas substituem as velhas, na primavera; que age tendo em vista uma ordem imutável, um fim que só ele conhece. Sem dúvida, cada coisa vai para o seu seio, ou melhor ainda, para ele volta.

Esses religiosos pensamentos, tão naturais aos corações dos velhos, flutuavam esparsos na alma da sra. d'Aiglemont; estavam nela meio luminosos, ora abismados, ora completamente desabrochados, como flores agitadas à superfície das águas durante uma tempestade. Ela sentara-se, cansada, abatida por uma longa meditação, por um desses devaneios em meio aos quais toda a vida se ergue, se desenrola ante os olhos daqueles que pressentem a morte.

Essa mulher, envelhecida antes do tempo, seria um quadro curioso para um poeta que passasse pelo bulevar. Ao vê-la sentada à fraca sombra de uma acácia, ao meio-dia, qualquer pessoa poderia ler uma das mil coisas estampadas naquele rosto pálido e frio, apesar dos raios quentes do sol. Seu rosto expressivo representava qualquer coisa de mais grave que uma vida em declínio, ou de mais profundo que uma alma curvada ao peso da experiência. Era uma dessas fisionomias que, entre mil desdenhadas por serem desprovidas de caráter, nos atraem durante um momento, nos fazem pensar; como, entre os inúmeros quadros dum museu, somos fortemente impressionados, seja pela cabeça sublime em que Murilo pintou a dor materna, ou seja pelo rosto de Beatriz Cinci] onde Guido Reni soube fixar a mais tocante inocência no fundo do mais espantoso crime, ou seja ainda pela sombria face de Filipe ii em que Velázquez imprimiu para sempre o majestoso terror que deve inspirar a realeza.

Certas figuras humanas são imagens despóticas que nos falam, que nos interrogam, que respondem a nossos pensamentos secretos, e constituem até poemas inteiros. O rosto impassível da sra. d'Aiglemont era uma dessas poesias terríveis, uma dessas faces espalhadas aos milhares na *Divina comédia* de Dante Alighieri.

Durante a efêmera estação em que a mulher permanece em flor, os caracteres de sua beleza servem admiravelmente bem à dissimulação a que sua natural fraqueza e nossas leis a condenam. Sob o rico colorido de seu rosto fresco, sob o fogo de seus olhos, sob o conjunto gracioso de suas feições delicadas, com tantos traços retos ou curvos, mas puros e perfeitamente delineados, todas as emoções podem permanecer secretas: o rubor então não revela nada, colorindo um pouco mais cores já bem vivas; toda a luz interior mistura-se tão bem à luz de seus olhos chamejantes de vida, que a chama passageira de um sofrimento aparece neles como um encanto a mais. Por isso nada há mais discreto que um rosto jovem, porque nada há mais imóvel. O rosto duma mulher moça tem a calma, o brilho, o frescor da superfície de um lago. A fisionomia das mulheres só começa a ter significação aos trinta anos. Até essa idade, em seu rosto os pintores só encontraram o rosa e o branco, sorrisos e expressões que repetem um mesmo pensamento, pensamento da juventude e de amor, pensamento uniforme e sem profundidade; mas, na velhice, tudo na mulher falou, as paixões se lhe incrustaram no semblante; ela foi amante, esposa, mãe; as mais violentas expressões da alegria e da dor acabaram por lhe alterar, por lhe torturar as feições, estampando-se em mil rugas, cada qual com a sua linguagem; e um rosto de mulher torna-se então sublime de horror, belo de melancolia, ou magnífico de calma; se é permitido prosseguir nessa estranha metáfora, o lado dessecado deixa ver então os traços de todas as torrentes que o produziram; um rosto de mulher velha não pertence então nem mais ao mundo que, frívolo, se espanta de perceber nele a destruição de todas as ideias de elegância a que está habituado, nem aos artistas vulgares que nele nada descobrem, mas aos verdadeiros poetas, àqueles que têm o sentimento dum belo independente de todas as convenções em que repousam tantos preconceitos referentes à arte e à

beleza.

Se bem que a sra. d'Aiglemont tivesse na cabeça uma touca moderna, era facilmente visível que sua cabeleira, outrora negra, tinha embranquecido por cruéis emoções; mas a maneira por que ela a separava em dois bandós traía seu bom gosto, revelava graciosos hábitos da mulher elegante, e desenhava perfeitamente sua fronte fanada, enrugada, em cuja forma se encontravam ainda alguns vestígios de seu antigo esplendor. O contorno do rosto, a regularidade das feições davam uma ideia, fraca em verdade, da beleza de que devia ter sido orgulhosa; mas esses indícios acusavam melhor ainda as dores, que deviam ter sido agudíssimas para escavar aquele rosto, para descamar as têmperas, encovar as faces, murchar as pálpebras e desguarnecê-las de cílios, esse encanto do olhar. Tudo era silencioso naquela mulher: seu andar e seus movimentos tinham essa lentidão grave e recolhida que inspira respeito. Sua modéstia, transformada em timidez, parecia ser o resultado do hábito que ela adquirira desde alguns anos de apagar-se diante da filha; as suas palavras eram raras, suaves, como as de todas as pessoas forçadas a refletir, a se concentrar, a viver consigo mesmas. Essa atitude inspirava um sentimento indefinível, que não era nem temor nem compaixão, mas no qual se fundiam misteriosamente todas as ideias que despertam essas diversas afeições. Enfim, a natureza de suas rugas, a maneira por que elas lhe sulcavam o rosto, a opacidade de seu olhar tristonho, tudo testemunhava eloquentemente essas lágrimas que, sufocadas no coração, jamais caem dos olhos.

Os infelizes acostumados a contemplar o céu para recorrer a ele nas desgraças da vida reconheceriam facilmente nos olhos dessa mãe o hábito cruel duma prece feita todos os instantes do dia, e os leves vestígios dessas feridas secretas que terminam por destruir as flores da alma e até o sentimento de maternidade. Os pintores têm cores para esses retratos, mas as ideias e as palavras são impotentes para traduzi-los fielmente; neles se encontram, no tom da tez, no ar do rosto, fenômenos inexplicáveis que a alma apreende pela vista, mas a narrativa dos acontecimentos a que são devidas tão horríveis transformações fisionômicas é o único recurso que resta ao poeta para as tornar

compreendidas. Esse rosto anunciava uma tempestade calma e fria, um secreto combate entre o heroísmo da dor materna e a imperfeição de nossos sentimentos, que são finitos como nós mesmos e em que nada se encontra de infinito. Esses sofrimentos incessantemente recalcados haviam produzido por fim não sei quê de mórbido naquela mulher. Sem dúvida algumas emoções violentas demais tinham fisicamente alterado aquele coração materno, e alguma doença, um aneurisma talvez, ameaçava lentamente aquela mulher sem que ela o soubesse. As verdadeiras penas são na aparência tão tranquilas no leito profundo que elas mesmas cavam, onde parecem dormir, mas onde continuam a corroer a alma como esse espantoso ácido que fura o cristal! Nesse momento duas lágrimas sulcaram as faces da marquesa, e ela se ergueu como se alguma reflexão mais pungente que todas as outras a tivesse ferido fortemente. Sem dúvida previra o futuro de Moína. Ora, calculando as dores que esperavam sua filha, todos os desgostos de sua própria vida angustiaram-lhe de novo o coração.

A situação dessa mãe será compreendida pela explicação da de sua filha.

O conde de Saint-Héreen tinha partido há cerca de seis meses em cumprimento duma missão política. Durante essa ausência, Moína, que a todas as vaidades de mulher fútil juntava os caprichos de criança mimada, divertira-se, por leviandade ou para obedecer às mil coqueterias femininas, e talvez também para experimentar seu poder, em brincar com a paixão dum homem inteligente mas sem coração, que se dizia louco de amor, desse amor em que se combinam todas as ambições sociais e vaidosas do pretensioso. A sra. d'Aiglemont, a quem uma longa experiência ensinara a conhecer a vida, a julgar os homens, a temer a sociedade, observava os progressos desse namoro e pressentia a perda da filha vendo-a cair nas mãos dum homem para quem nada era sagrado. Não havia para ela nenhuma coisa de espantoso em encontrar *um sedutor* no homem a quem Moína escutava com prazer? Sua filha querida estava à beira de um abismo. Tinha disso a horrível certeza, mas não ousava afastá-la porque tremia diante da condessa. Sabia de antemão que Moína não escutaria nenhuma das suas sensatas advertências; não possuía nenhum poder sobre aquela alma, de ferro para ela, e toda suavidade para os outros. Sua ternura levá-la-ia a interessar-se pela triste

sina duma paixão justificada pelas nobres qualidades do sedutor, mas sua filha seguia um impulso de coqueteria; e a marquesa desprezava o conde Alfredo de Vandenesse, sabendo que ele era homem para considerar sua luta com Moína como uma partida de xadrez. Embora Alfredo de Vandenesse causasse horror àquela infeliz mãe, ela estava obrigada a sepultar no âmago do coração as razões supremas de sua aversão. Ela estava intimamente ligada ao marquês de Vandenesse, pai de Alfredo, e essa amizade, respeitável aos olhos da sociedade, autorizava o rapaz a frequentar familiarmente a casa da sra. de Saint-Héreen, pela qual simulava uma paixão concebida desde a infância.

Aliás, em vão a sra. d'Aiglemont se teria decidido a lançar entre sua filha e Alfredo de Vandenesse uma terrível confissão capaz de os separar; ela tinha certeza de não obter êxito, apesar dessa confissão, que a desonraria aos olhos da filha. Alfredo era demasiado corrupto, Moína demasiado inteligente para acreditar nessa revelação, e a jovem condessa a frustraria tratando-a com astúcia maternal. A sra. d'Aiglemont construía seu cárcere por suas próprias mãos e nele se encerrara para morrer, vendo perder-se a bela vida de Moína, essa vida que se tornara sua glória, sua felicidade e sua consolação, uma existência para ela mil vezes mais cara que a sua. Sofrimentos horríveis, incríveis, indizíveis! Abismos sem fundo!

Ela esperava com impaciência que a filha se levantasse, e contudo a temia, tal como o infeliz condenado à morte que desejaria acabar com a vida e ao mesmo tempo sente o sangue gelar, pensando no carrasco. A marquesa resolvera tentar um último esforço; mas talvez temesse menos ver malograda sua última tentativa, que receber um desses ferimentos tão dolorosos ao seu coração, cuja coragem eles tinham esgotado. Seu amor de mãe tinha chegado a esse ponto: amar a filha, temê-la, recear uma punhalada e seguir adiante. O sentimento materno é tão grande nos corações amorosos que, antes de chegar à indiferença, uma mãe há de morrer ou de apoiar-se nalgum grande poder: a religião ou o amor.

Desde que se levantara, a fatal memória da marquesa reconstruía vários desses fatos, aparentemente insignificantes, mas que têm grande importância na

vida moral. Com efeito, por vezes um gesto contém todo um drama, a entonação duma palavra destrói toda uma vida, a indiferença dum olhar mata a mais ditosa paixão. A marquesa d'Aiglemont tinha infelizmente visto muitos desses gestos, tinha ouvido muitas dessas palavras, tinha recebido muitos desses olhares maléficos à alma para que suas recordações lhe pudessem dar esperanças. Tudo lhe provava que Alfredo a tinha perdido no coração da filha, no qual ela se conservava, ela, mãe, menos como um prazer que como um dever. Mil coisas, insignificâncias até, mostravam-lhe a conduta detestável da condessa para com ela, ingratidão essa que a marquesa talvez encarasse como um castigo. Procurava escusas para a filha nos desígnios da Providência, a fim de poder ainda adorar a mão que a feria.

Nessa manhã ela se recordou de tudo, e tudo a feriu de novo tão vivamente no coração, que seu cálice, repleto de amarguras, transbordaria com a mais leve pena que nele fosse lançada. Um olhar frio poderia matar a marquesa. É difícil descrever esses fatos domésticos, mas alguns serão suficientes para indicar todos. Assim, a marquesa, que se tornara um pouco surda, jamais conseguira que Moína elevasse um pouco a voz quando falava com ela; e no dia em que, na ingenuidade da criatura que sofre, pediu à filha que repetisse uma frase de que nada percebera, a condessa obedeceu, mas com uns maus modos que não permitiram à sra. d'Aiglemont reiterar sua modesta súplica. Desde esse dia, quando Moína contava um fato ou falava, a marquesa cuidava de aproximar-se dela; mas seguidamente a condessa parecia aborrecida com a enfermidade que levianamente ela censurava à mãe. Esse exemplo, escolhido entre mil, podia ferir somente o coração duma mãe. Todas essas coisas teriam talvez escapado a um observador, pois são nuanças imperceptíveis a outros olhos que não os de uma mulher. Tendo a sra. d'Aiglemont dito um dia à filha que a princesa de Cadignan tinha vindo vê-la, Moína exclamou simplesmente: “Como! Ela veio por sua causa!”. O ar com que essas palavras foram ditas e o acento que a condessa nelas pôs denotavam discretamente um espanto, um desprezo elegante capaz de fazer os corações sempre jovens e ternos achar filantrópico o costume segundo o qual os selvagens matam os velhos quando eles não podem mais

sustentar-se nos galhos duma árvore sacudida fortemente. A sra. d'Aiglemont ergueu-se, sorriu e foi chorar em segredo. As pessoas bem-educadas, e principalmente as mulheres, não traem seus sentimentos senão por gestos imperceptíveis, mas que nem por isso impedem sejam as vibrações de seus corações percebidas por aqueles que podem encontrar na vida situações análogas à dessa mãe mortificada. Nas suas recordações acabrunhadoras, a sra. d'Aiglemont evocou um desses fatos microscópicos tão pungentes, tão cruéis, que nunca lhe havia mostrado tão bem quanto naquele momento o atroz desprezo oculto sob sorrisos. Mas suas lágrimas secaram quando ela ouviu abrir as persianas do quarto em que dormia a filha. Ergueu-se e se encaminhou para as janelas seguindo o caminho que passava ao longo da grade diante da qual estivera sentada. Enquanto caminhava, notou o cuidado particular que o jardineiro pusera em rastilhar a areia daquela aleia, bastante malcuidada ainda havia pouco tempo. Quando a sra. d'Aiglemont chegou às janelas do quarto da filha, as persianas fecharam-se bruscamente.

— Moína! — chamou ela.

Nada de resposta.

— A senhora condessa está no pequeno salão — disse a criada de quarto de Moína quando a marquesa, entrando em casa, perguntou se a filha estava de pé.

A sra. d'Aiglemont estava demasiadamente aflita e preocupada para refletir nesse momento sobre circunstâncias tão insignificantes; dirigiu-se logo ao pequeno salão, onde encontrou a condessa em *peignoir*, com uma touca negligentemente colocada sobre uma cabeleira em desalinho, os pés metidos em pantufas com a chave do quarto no cinto e com o rosto afogueado denotando pensamentos quase tempestuosos. Ela estava sentada num divã e parecia refletir.

— Quem é que está aí? — perguntou numa voz dura. — Ah! é a senhora, mamãe — tornou num ar distraído, depois de se ter interrompido.

— Sim, minha filha, é a tua mãe...

A entonação com que a sra. d'Aiglemont pronunciou essas palavras manifestava uma efusão de coração e uma comoção íntima de que seria difícil dar uma ideia sem empregar o termo santidade. Ela se revestira tão bem, na

verdade, com o caráter sagrado duma mãe, que a filha o notou, e voltou-se para ela com um movimento que exprimia a um tempo respeito, inquietação e remorso. A marquesa fechou a porta do salão, onde ninguém poderia entrar sem fazer ruído nas peças precedentes. Esse isolamento garantia contra qualquer indiscrição.

— Minha filha — disse a marquesa —, tenho o dever de te esclarecer acerca de uma das crises mais importantes da nossa vida de mulher e na qual tu te encontras talvez sem o saberes, mas de que venho falar-te menos como mãe que como amiga. Casando-te, tornaste-te senhora de tuas ações e só deves satisfação a teu marido; mas eu te fiz sempre sentir tão pouco a autoridade materna — e talvez isso tenha sido um erro — que me creio com o direito de fazer com que me escutes, uma vez pelo menos, na situação grave em que deves precisar de conselhos. Pensa, Moína, que eu te casei com um homem de grande valor, de quem te podes orgulhar, que...

— Minha mãe — exclamou Moína com um ar arrogante e interrompendo-a —, eu sei o que a senhora vem me dizer... Vem me censurar por causa de Alfredo...

— Tu não adivinharias tão bem — tornou a marquesa com gravidade procurando reter as lágrimas — se não sentisses que...

— O quê? — perguntou ela num ar quase altaneiro. — Mas, minha mãe, na verdade...

— Moína! — exclamou a sra. d'Aiglemont fazendo um esforço extraordinário —, é preciso que ouças atentamente o que tenho obrigação de dizer...

— Estou ouvindo — disse a condessa, cruzando os braços e afetando uma impertinente submissão. — Permita-me, minha mãe — disse ela com um sangue-frio incrível — que eu chame Paulina para mandá-la...

Tocou a campainha.

— Minha querida filha, Paulina não pode ouvir...

— Mamãe — tornou a condessa com um ar sério, e que deve ter parecido extraordinário à mãe —, eu devo...

Calou-se; a criada entrava.

— Paulina, vá você mesma em casa de Boudran saber por que ainda não me mandou o chapéu...

Acalmou-se e fitou a mãe com atenção. A marquesa, com o coração oprimido, os olhos secos e sentindo uma dessas emoções cuja dor só pode ser avaliada pelas mães, tomou a palavra para explicar a Moína o perigo que estava correndo. Mas, fosse porque a condessa se sentisse ferida com as suspeitas que a mãe nutria a respeito do filho do marquês de Vandenesse, ou fosse porque estivesse tomada duma dessas loucuras incompreensíveis cujo segredo está na inexperiência de todas as jovens, aproveitou uma pausa que a mãe fez para dizer-lhe com um riso forçado:

— Mamãe, pensei que só tivesse ciúme do pai...

A essa frase, a sra. d'Aiglemont fechou os olhos, baixou a cabeça e soltou o mais leve de todos os suspiros. Voltou os olhos para o alto, como que obedecendo ao sentimento invencível que nos faz invocar Deus nas grandes crises da vida e depois dirigiu à filha um olhar cheio de terrível majestade, no qual transparecia também uma dor profunda.

— Minha filha — disse ela numa voz intensamente alterada —, foste mais impiedosa para com tua mãe do que o homem que ela ofendeu, mais do que o será Deus, talvez.

A sra. d'Aiglemont ergueu-se; mas, ao chegar à porta, voltou-se, viu apenas surpresa nos olhos da filha, saiu e conseguiu ir até o jardim, onde suas forças a abandonaram. Lá, sentindo fortes dores no coração, caiu sobre um banco. Seus olhos, que erravam pela areia, perceberam nela as pegadas recentes de um passo de homem, cujas botas tinham deixado marcas bem nítidas.

Não havia dúvida, sua filha estava perdida. Percebia agora o motivo da incumbência confiada a Paulina. Essa ideia cruel foi acompanhada de uma revelação ainda mais odiosa que tudo o mais. Ela supôs que o filho do marquês de Vandenesse havia destruído no coração de Moína esse respeito que uma filha deve à sua mãe. Seu sofrimento aumentou; ela foi perdendo insensivelmente os sentidos e ficou como que adormecida. A jovem condessa achou que a mãe se

havia permitido dar-lhe uma repreensão um tanto violenta e pensou que à noite uma carícia ou algumas atenções seriam o bastante para uma reconciliação. Ouvindo um grito no jardim, ela se inclinou negligentemente, no momento em que Paulina, que ainda não tinha saído, chamava por socorro e amparava a marquesa nos braços.

— Não assuste minha filha! — foram as últimas palavras que pronunciou aquela mãe.

Moína viu transportarem a mãe, pálida, inanimada, respirando com dificuldade, mas agitando os braços como se quisesse lutar ou falar. Aterrada com esse espetáculo, ela seguiu a mãe, e em silêncio ajudou a deitá-la e a despi-la. Sua culpa a atormentava. Nesse momento supremo ela conheceu a mãe, e não podia nada mais reparar. Quis ficar só com ela, e quando não havia mais ninguém no quarto, quando sentiu o frio daquela mão sempre carinhosa para ela, rompeu em pranto. Despertada pelo choro, a marquesa pôde ainda olhar para a sua querida Moína; depois, ao ruído dos soluços, que pareciam querer despedaçar aquele seio delicado e em desordem, ela contemplou a filha, sorrindo. Esse sorriso provava àquela jovem matricida que o coração duma mãe é um abismo em cujo fundo se encontra sempre um perdão.

Assim que se conheceu o estado da marquesa, foram expedidos mensageiros a cavalo para irem buscar o médico, o cirurgião e os netos da sra. d'Aiglemont. A jovem marquesa e seus filhos chegaram ao mesmo tempo que os médicos e formaram uma assembleia bastante imponente, silenciosa, inquieta, à qual se reuniram os criados. Não ouvindo nenhum ruído, a jovem marquesa bateu docemente à porta do quarto. A essa batida, Moína, despertada sem dúvida da sua dor, abriu bruscamente os dois batentes, lançou um olhar desvairado àquela reunião em família e mostrou-se numa desordem que falava mais alto que a linguagem. À visão daquele remorso vivo, todos guardaram silêncio. Era fácil perceber os pés da marquesa hirtos e estendidos convulsivamente no leito de morte. Moína encostou-se à porta, fitou os parentes e disse numa voz cava:

— Perdi minha mãe!